

Artigos de Ricardo Baesso de Oliveira – parte 2

Originalmente publicados no site <http://consolador.com.br>

Índice

A origem da moralidade.....	3
Meritocracia e Espiritismo	5
Paulo Freire e o Espiritismo	8
O cumprimento da Lei	11
Atos consequenciais humanos.....	16
Russel Wallace e o Espiritismo.....	18
Como Kardec definia o vocábulo espírita	20
O que devemos entender por “mente”?	22
O Espírito e a corporeidade	24
Paixões espirituais e paixões humanas.....	28
O Espírito e a seleção dos genes.....	30
O Espírito e os estados de inconsciência	32
Nosso melhor momento	39
A sede espiritual do sexo	41
Desejo do melhor.....	42
Autoridade legítima	43
Adler e Kardec.....	44
A tragédia da homofobia	47
Homossexualidade: determinismo biológico ou fruto da educação?	51
Caridade com os criminosos	59
Ressonância progressiva da aprendizagem	61
Aspectos espirituais da criminalidade	63
O sentimento de caridade	66
Violência sexual: a questão do determinismo	68
Assistidos? Carentes?.....	70
Culto a bobagens	71
Morte na infância.....	72
Criança no Além	74
Simone Weil e o Espiritismo	76
Desigualdade das riquezas: Kardec errou?	81
Energia sexual: uma reflexão espírita	82
Sexo casual: um estudo espírita.....	85

Ainda sobre o acaso	89
Tolerância e seus diferentes conceitos.....	93
Caracterizando a Humildade.....	95
Verdade e mentira	97

A origem da moralidade

A moralidade se refere a diretivas para a vida, a obrigações. Ao que devemos e que não devemos fazer. Mas, afinal, por que somos seres morais? Qual a origem da ética?

Há duas propostas filosóficas a serem consideradas, segundo comenta o filósofo Michael Ruse, no livro *Levando Darwin a sério*. Primeiro, há a proposta segundo a qual a base final da ética é objetivista, ou seja, as normas morais existem independentemente dos seres humanos. As normas de conduta são fixas e eternas e, segundo alguns, retratam a vontade de Deus. Matar é errado, porque Deus afirma isso. O plano da natureza vem de Deus. Em consequência, a violação desse plano, no caso de nossos pecados contra a natureza, é uma afronta a Deus, o seu Ordenador.

A outra proposta filosófica, denominada de subjetivismo, alega que a moralidade é uma função da natureza humana, e que sem os seres humanos não existiria o certo e o errado. Não existe uma fonte independente de moralidade. Tudo depende dos sentimentos, pensamentos e inclinações humanos. Sendo assim, a moralidade vem se instalando e se desenvolvendo na consciência humana através da história, na medida em que não existia antes da consciência. Os subjetivistas se dividem em dois grupos: os que acreditam que a moral é resultado da evolução biológica, através da seleção natural, e os que creem que a moral é resultado da cultura e não da biologia.

O darwinismo explica que a moralidade surgiu porque se trata de uma maneira efetiva de tornar cooperativos os seres humanos. Segundo os biólogos evolucionistas, no processo da evolução vemos o caminho da moralidade e, no curso da evolução, a base do nosso conhecimento do bem e do mal, do certo e do errado. Edward Wilson, eminente biólogo de Harvard, afirmou que na evolução biológica (seleção natural, proposta pelo darwinismo) está a chave para a nossa perfeita compreensão da moralidade.

Existe uma regra férrea na evolução social humana: grupos altruístas derrotam grupos egoístas. Os seres humanos foram obrigados a buscar a moralidade – a fazer a coisa certa, se refrear, ajudar os outros, às vezes correndo risco pessoal, porque a seleção natural favoreceu essas interações dos membros do grupo que beneficiam o grupo como um todo.

Para outros teóricos, no entanto, a moralidade é algo que surge das relações interpessoais dentro da sociedade. Princípios éticos são o resultado da cultura e não da evolução biológica. As relações humanas intragrupos levaram ao desenvolvimento de regras comportamentais – o certo e o errado – para que a convivência humana se tornasse possível.

O surgimento da religião teve, sob esse aspecto, papel fundamental, ao reforçar o papel da ética no entendimento entre os homens e, conseqüentemente, na sobrevivência e no progresso das sociedades. A ideologia compartilhada pela religião ajuda a resolver o problema de como os indivíduos que não são parentes devem viver juntos sem se matar – dando a eles uma ligação que não é baseada em parentesco. Também dá às pessoas um motivo, além do interesse genético, para sacrificar suas vidas em favor dos outros. À custa de alguns membros da sociedade que morrem em batalha como soldados, a sociedade como um todo se torna muito mais eficaz em conquistar outras sociedades ou resistir a ataques. A fé religiosa oferece a segurança psicológica que advém exclusivamente do pertencimento a um grupo. O biólogo evolucionista David Sloan Wilson, citado por Dennett, no livro *Quebrando o encanto*, disse que *a religião existe principalmente para que as pessoas consigam, juntas, o que não conseguem alcançar sozinhas*.

O que pensava Kardec a respeito? Na obra Kardequiana encontramos elementos que se identificam com ambas as propostas filosóficas. Kardec é objetivista, na medida em que afirma que Deus estabeleceu, no Universo, Leis morais, cuja finalidade é o progresso e a felicidade das almas, e que essas leis não dependem essencialmente das almas. Observamos em *O Livro dos Espíritos*:

- A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta (item 614).

- É eterna a lei de Deus e imutável como o próprio Deus (item 615).

Mas Kardec também assume compromissos com a ideia subjetivista, porque mostra que os bons sentimentos não povoam a alma de uma só vez, mas são resultado de experiências multimilenárias em diferentes dimensões de vida. Conferimos também na obra já citada:

- Os homens são obrigados a modificar suas leis, por imperfeitas (item 616).

- É dado ao homem aprofundar-se nas leis de Deus, mas uma única existência não lhe basta para isso (617).

- Todos a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue (619).

- O homem traz em sua consciência a lei de Deus, mas como ele a esquecera e desprezara, quis então Deus que lhe fosse lembrada, através de diferentes revelações (item 621).

Concluindo: as características que consideramos mais humanas, como nossa capacidade de sentir com o outro, nos identificando com suas dores e necessidades, assim como os sentimentos que guiam nossas relações familiares e sociais, provavelmente refletem um longo processo de aperfeiçoamento do princípio inteligente, que começou há dezenas de milhões de anos, quando nossos ancestrais começaram a viver em grupos sociais. Os seres que vivem em grupos sociais são capazes de desenvolver padrões de comportamento que não são puramente egoístas, no sentido de promover a sobrevivência ou o sucesso reprodutivo de um indivíduo à custa de outro. Muitos pesquisadores acreditavam que os valores morais, particularmente o altruísmo e a generosidade, que enobrecem grande parte dos seres humanos na contemporaneidade, tiveram suas sementes plantadas nessa fase de nossa evolução, quando a sobrevivência do grupo estava na razão direta da capacidade de cada um ceder em benefício do todo. Assim, através dos milênios, o ser espiritual vai incorporando em sua individualidade as noções do certo, do belo, do saudável, do bom, do útil, refletindo em suas ações as leis eternas de Deus.

Meritocracia e Espiritismo

Meritocracia (do latim *meritum*, "mérito", e do sufixo *cracia*, "poder") indica posições ou colocações conseguidas por mérito pessoal. É um sistema de gestão que considera o mérito como a razão principal para se atingir posições de topo. Segundo a meritocracia, as posições hierárquicas devem ser conquistadas com base no merecimento, considerando valores como educação moral e aptidão específica para determinada atividade. Constitui-se numa forma ou método de seleção e, num sentido mais amplo, pode ser considerada uma ideologia governativa e uma filosofia de vida.

Muitos estudiosos da área da filosofia e da sociologia questionam a possibilidade de uma real meritocracia, argumentando que muitos se valeram do conceito do mérito para responsabilizar os que não foram bem-sucedidos. Alegam que a meritocracia é um ótimo instrumento para justificar moralmente o domínio de um indivíduo sobre outro, de uma etnia sobre a outra, de um país sobre outros países. Há quem afirme, jocosamente, que merecimento é argumento de homens, brancos, heterossexuais, ricos, escolarizados e poderosos, que se valem desse conceito para justificarem o sucesso pessoal e o domínio sobre outras pessoas. Não aceitam o argumento de que todos os que estão "bem na vida" fizeram por merecer e, os que não estão devem queixar-se apenas deles mesmos, por sua indolência e falta de esforço.

John Rawls (1921-2002), filósofo político americano, citado por Michael Sandel, no livro *Justiça*, coloca que, em termos legais, em uma sociedade democrática, todos podem se esforçar e competir, mas na prática, entretanto, as oportunidades estão longe de ser iguais. Segundo ele, três problemas se apresentam à lei do mérito:

1- **Inteligência:** as pessoas possuem inteligências distintas. A inteligência tem uma herdabilidade de 50%, ou seja, a genética explica 50% da variação da inteligência, sendo, portanto, parcialmente inata.

Pesquisadores têm relacionado a inteligência com os seguintes elementos biológicos: tamanho do cérebro, quantidade de matéria cinzenta nos lobos frontais, velocidade de condução neural e o metabolismo da glicose. Tudo isso é definido, em grande parte, por interações de genes. Inteligências diferentes dão aos indivíduos chances diferentes de alcançarem o mesmo objetivo.

2- **Condições sociofamiliares:** nem todos nascem em famílias com os mesmos recursos financeiros, com os mesmos valores morais, dando a mesma importância a questões como escolaridade ou necessidade de preparação para a vida. Os indivíduos durante a sua infância e juventude são submetidos a estímulos culturais diferentes, alimentos mais ou menos nutritivos, acompanhamento médico/odontológico também diferente.

3- **Oportunidades:** as oportunidades surgem em proporções diferentes para as diferentes pessoas durante a vida. No jogo do destino, precisam ser considerados elementos como sorte e azar. E quando se admite que "Dona Sorte" pode atuar no quadro da vida, surgem novas argumentações: se eu não tivesse ido àquela festa, não teria conhecido minha esposa, que foi decisiva em meu sucesso profissional; se eu não tivesse pegado aquele livro na biblioteca, não teria descoberto minha vocação profissional; se eu não tivesse atendido aquele telefonema, jamais teria conseguido tal emprego etc.

Coloca-se uma situação prática: abre-se uma vaga para promotor de justiça, através de um concurso público. Admite-se que o concurso é honesto e que poderão se inscrever todos aqueles que satisfazem as exigências legais. Apresentam-se dois candidatos. O **primeiro** é filho de um juiz de direito, estudou em uma faculdade "de ponta", teve no lar todos os estímulos para estudar desde cedo e todos os livros sempre à mão.

Assistências à saúde e alimentação foram adequadas. Nunca precisou trabalhar e todo o seu tempo estava destinado à instrução. O **segundo** candidato é órfão de pai, que faleceu quando ele tinha dois anos. Sua mãe, uma honesta e dedicada lavadeira, criou seis filhos com imensas dificuldades. Esse candidato nunca recebeu estímulos em casa para a instrução; sem livros, tendo que trabalhar desde cedo, estudando à noite em uma

faculdade de recursos limitados, alimentação pouco nutritiva etc. Pergunta-se: qual deles, considerando-se que possuem a mesma inteligência e que fizeram o melhor possível na preparação para o concurso, está, teoricamente, em melhores condições de vencer a disputa? Obviamente, o primeiro candidato.

As argumentações apresentadas acima são claras, lógicas e de difícil contestação. Sob a ótica materialista, pode não fazer sentido o princípio do merecimento. Todavia, valendo-nos dos postulados fundamentais da Doutrina espírita, a abordagem passa a ser outra. Compreendendo-se que a atual existência física consiste apenas em um único episódio em nossa longa história evolutiva, que experimentamos condições múltiplas de vida, em ambientes diferentes, convivendo com pessoas diferentes e fazendo as nossas escolhas, tudo se modifica. A meritocracia faz sentido a partir de uma abordagem reencarnacionista, e torna justa a lei de Deus. Criados por Deus como seres simples e ignorantes, todos somos levados a viver diferentes experiências de vida, onde encontramos os elementos necessários ao desenvolvimento de nossas potencialidades. As nossas encarnações são construídas segundo duas variantes: a necessidade evolutiva e os resultados de nossas ações anteriores.

Escreveu Kardec, em comentário ao item 964 de *O Livro dos Espíritos*:

“Todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus; não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura”.

E ainda Kardec:

[...] é necessário que o Espírito adquira a experiência, e para isso é necessário que ele conheça o bem e o mal. (LE, item 634.)

Voltando ao exemplo apresentado previamente, e agora o examinando segundo um raciocínio espírita. O **primeiro** candidato (filho do juiz) pode ter sido um filho de lavadeira em existência anterior, e que, superando todos os obstáculos, fez o melhor que pôde, adquirindo merecimentos, que lhe são considerados na existência atual. O **segundo** candidato (filho da lavadeira modesta) talvez tenha sido um filho de juiz no passado, que tendo recebido todas as facilidades em existência hipotética, desconsiderou-as, levando uma vida de ócio ou devassidão. Retorna, pela reencarnação, ao cenário da Terra, com dificuldades redentoras para, através da vida custosa, reeducar-se perante si mesmo. E assim a justiça se faz e o princípio do mérito torna-se aplicável às diferentes situações da vida.

Encontramos em *O Livro dos Espíritos*:

Depende dos Espíritos apressarem o seu progresso rumo à perfeição? – Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme seu desejo e submissão à vontade de Deus. (item 117)

E também:

Não há arrastamento irresistível, desde que se tenha vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder. (item 845)

E finalmente:

O homem sempre poderia vencer suas más tendências mediante seus próprios esforços? – Sim, e às vezes com pouco esforço. O que lhe falta é a vontade. Ah! Como são poucos os que se esforçam entre vós. (item 909)

As considerações espíritas, todavia, não podem ser entendidas de forma fatalista, segundo o conceito de que as coisas são como são em decorrência unicamente de causas passadas e de que devemos nos sujeitar a elas. Rejeitarmos a absurda desigualdade social fortemente presente em nossa sociedade e fazermos o possível para reduzirmos as distâncias que existem entre as pessoas é obrigação de todos. Afinal, como afirmava o professor Paulo Freire, precisamos ver a história como tempo de possibilidades e não de determinação.

Paulo Freire e o Espiritismo

Viver de forma integral a proposta ética de Jesus, na contemporaneidade, é um desafio transposto por poucas pessoas. Paulo Freire (1921-1997) foi uma dessas pessoas: uma vida voltada para a ética e responsável por uma pedagogia direcionada para a completude humana, preocupada com o nosso crescimento intelectual-moral.

O título de patrono da Educação brasileira lhe foi outorgado pelo respeitável trabalho prático e editorial que realizou. Livros como *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da autonomia* exercem, até hoje, impressionante influência na educação brasileira. Freire acreditava, tal qual Kardec, que a educação escolar não poderia se limitar a mera instrução formal, que se ocupa unicamente da inteligência, mas deveria interessar-se pelo ser em sua totalidade, operando na mudança de hábitos.

Sobre isso escreveu: “preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humildes mas perseverantes nos dedicar”.

Escreveu também: “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar”.

Acreditava, como pensamos os espíritas, que o progresso espiritual só pode dar-se em uma existência compromissada com a ética e com a justiça social.

Escreveu: “daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. O meu ponto de vista é o dos ‘condenados da Terra’, o dos excluídos. Não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas, pois que delas resultam a morte de inocentes e a insegurança de seres humanos. O terrorismo nega o que venho chamando de *ética universal* do ser humano. Da ética que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal”.

Para superar a crise em que nos achamos, impõe-se o caminho ético

Examinando a luta política por melhores dias para nosso país, assim se expressou: “se pretendemos realmente superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se impõe. Não creio em nada sem ele ou fora dele. Um dos equívocos funestos de militantes políticos de prática messianicamente autoritária foi sempre desconhecer totalmente a compreensão do mundo dos grupos populares. Vendo-se como portadores da verdade salvadora, sua tarefa irrecusável não é propô-la mas impô-la aos grupos populares”.

E ainda: “não creio também que a política a dar carne a este espírito ético possa jamais ser a ditatorial, contraditoriamente de esquerda ou coerentemente de direita. O caminho autoritário já é em si uma contravenção à natureza inquietantemente indagadora, buscadora, de homens e de mulheres que se perdem ao perderem a liberdade”.

E também: “Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética do meu mover-me no mundo. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidades e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável”.

Em sua rica existência física manteve absoluta coerência entre o discurso e a prática diante de temas como autonomia, tolerância, autoridade, liberdade e humildade. Ao retornar ao Brasil, após 15 anos de exílio, entrevistado por dezenas de jornalistas, disse: “Vim para reaprender o Brasil, e, enquanto estiver no processo de reaprendizagem, de reconhecimento do Brasil, não tenho muito o que dizer. Tenho mais o que perguntar”.

Quando alguém lhe indagou: “o que nós podemos fazer para segui-lo?”, Paulo, de maneira típica, respondeu: “Se você me seguir você me destrói. A melhor maneira de me entender é me reinventar e não tentar se adaptar a mim”. Em outra oportunidade afirmou: “pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente”.

A *solidariedade*, diferentemente da *filantropia*, é a ajuda que liberta

Tal qual o pensamento espírita, fazia distinção entre a caridade como *solidariedade* e a caridade como *filantropia*. A *solidariedade*, segundo ele, é a ajuda que liberta, que se proporciona àquele que necessita, para que ele não mais venha a necessitar. A *filantropia*, por sua vez, possui uma natureza compensatória, buscando a correção das consequências de projetos sociais mal equacionados, como a distribuição injusta de riquezas, mas não atuando no sentido de promover a correção dessas injustiças. A *solidariedade* é positivamente construída, podendo inspirar a criação de mecanismos estruturais que evitem a necessidade de posteriores compensações.

Sua visão sobre a tolerância é profunda ao mostrar que a tolerância virtuosa não deve ser entendida como um favor que o tolerante presta ao tolerado, pois coloca-o numa situação de superioridade em relação ao outro. A tolerância, segundo Freire, é a qualidade de conviver com o diferente e não com o inferior.

Refletindo sobre a necessária harmonia entre ações opostas, como fazer/não fazer, avançar/recuar, agir agora/esperar um pouco, ele propõe uma virtude nova: “a paciência na impaciência”. Escreveu: “eu nunca aceito ser apenas paciente ou apenas impaciente. Para trabalhar produtivamente no mundo nós temos que ser pacientemente impacientes. Se você for apenas impaciente você destrói seu sonho antes do que ele devesse ser destruído. Mas se você é apenas paciente as outras pessoas vão destruir o seu trabalho”.

Embora militasse quase exclusivamente no meio universitário, nunca se furtou em confessar a sua fé em Deus e sua profunda admiração por Jesus.

Uma vez, na Europa, alguém lhe perguntou sobre a influência dos grandes educadores, dos grandes filósofos no seu trabalho. Ele ousadamente respondeu: - “Em primeiro lugar Jesus! Eu entendo Jesus como um educador”.

Em outra oportunidade, tecendo considerações sobre a virtude da esperança, disse: - “Uma das razões por que eu tenho esperança é porque eu acredito em Deus. Eu estou convencido de que eu sou mais do que meu corpo”.

O depoimento de Paulo Freire acerca do seu pai, que professara o Espiritismo

Freire comungava a crença católica, embora seu pai, falecido quando ele tinha 13 anos, fosse espírita e ele o respeitava profundamente por isso. Um belo depoimento sobre a Doutrina Espírita podemos encontrar em uma resposta dada por ele em um seminário acontecido em uma universidade norte-americana no ano de 1996. A pergunta foi esta: - “Que tipos de experiência formaram o senhor em sua infância?”

Segue a sua resposta:

- “Meu pai morreu com 54 anos de idade. Isso foi em 1934 e eu sinto a sua presença quase como se ele estivesse aqui agora. Tal foi sua influência e sua presença na minha vida, pois ele morreu quando eu tinha 13 anos. Em nossa curta experiência meu pai me deu muito. Ele me deu sério testemunho de seu respeito pelos outros. Com ele eu aprendi a tolerância. Por exemplo, ele era espírita, um seguidor de Allan Kardec, o filósofo francês que criou, organizou e sistematizou uma doutrina espiritualista. Minha mãe era católica. Claro, ele não era de ir à Igreja, ele não acreditava na burocracia da Igreja. Ele não aceitava as maneiras de acreditar em Deus oferecidas pela Igreja Católica. Isso foi na primeira metade do século XX, constituindo um exemplo fantástico de sua abertura e de sua coragem. Eu me lembro que quando eu tinha sete anos deveria fazer minha primeira comunhão. Eu fui falar com ele para lhe dizer que no domingo seguinte eu iria à igreja para ter meu primeiro encontro com Deus. E ele disse: ‘Eu vou com você.’ Vocês não podem imaginar como aquelas palavras me marcaram até hoje. Este era um entendimento profundo de tolerância, de respeito pelo diferente. Ali estava um pai, em uma sociedade muito específica, muito conservadora. Ele poderia dizer: ‘Não, tudo isto é mentira. Eu não vou deixar você participar desta mentira!’ Ao contrário, ele foi à igreja e me deu um exemplo fantástico da importância fundamental e absoluta da solidariedade, de como o respeito pelo outro é absolutamente indispensável”.

Fonte das citações:

- 1 - *Pedagogia da autonomia*: Paulo Freire.
- 2 - *Pedagogia da solidariedade*: Paulo Freire, Nita Freire e Walter de Oliveira.
- 3 - *Por uma pedagogia da pergunta*: Paulo Freire e Antonio Faundez.
- 4 - *Pedagogia do oprimido*: Paulo Freire.
- 5 - *Pedagogia da esperança*: Paulo Freire.

O cumprimento da Lei

Allan Kardec estabeleceu que muitos acontecimentos que se verificam em nossas vidas foram anteriormente previstos, embora seja possível, até certo ponto, a mudança de rota e a alteração de compromissos reencarnatórios. Eventos como o local de nascimento, casamento, filhos, profissão, grandes dores, como enfermidades congênitas e outras, além do gênero de morte e da época aproximada da desencarnação frequentemente foram previamente escolhidos, conhecidos, esperados ou previstos pelos patronos da evolução terrestre. Encontramos na obra kardequiana citações esclarecedoras:

Os espíritos cuja similitude de gostos, identidade de progresso moral e afeição levam a reunir-se, formam famílias (ESE, cap. XIV, item 09)

A que se devem as vocações de certas pessoas e sua vontade de seguir uma carreira em vez de outra? – Parece-me que podeis responder por vós mesmos a esta questão. Não é consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado numa existência anterior? (LE, item 270)

Não recuseis o filho que no braço repele a mãe, nem aquele que vos paga com a ingratidão: não foi o acaso que o fez assim e que lho enviou. (ESE, cap. XIV, item 09)

O nascimento em tal ou tal família não é um efeito do caso, mas depende muitas vezes da escolha feita pelo Espírito (O que é o Espiritismo, cap. III, item 122).

Somente as grandes dores, os acontecimentos importantes e capazes de influir na tua evolução moral são previstos (LE, item 859-a)

É na morte que o homem é submetido, de uma maneira absoluta, a inexorável lei da fatalidade, porque ele não pode fugir ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso. (LE, item 872)

As situações de natureza cármica relacionadas anteriormente, e muitas outras, vão se verificar em decorrência de necessidades evolutivas da entidade reencarnante, relacionadas com a natureza de faltas cometidas, com imperfeições que necessita depurar, com afeições que precisa refazer ou com conhecimentos que deseja amearhar. Em suma: viver determinada experiência para o crescimento espiritual. Conferimos com Kardec:

O Espírito pode querer nascer entre gente de má vida para lutar contra o instinto de banditismo (LE, item 260).

Uns podem impor-se uma vida de misérias e privações, para tentar suportá-la com coragem; outros experimentar as tentações da fortuna e do poder (LE, item 264).

Renascer no mesmo meio em que viveu, e se encontrar em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenha feito (ESE, cap. V, item 11).

Viver entre povos atrasados para fazer avançá-los mais depressa (LE, item 273).

Viver a experiência

Kardec estabelece, de forma precisa, o objetivo fundamental da reencarnação no item 634 de *O Livro dos Espíritos*:

[...] Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.

Evoluir é, sobre certo aspecto, como aprender a andar de bicicleta. Quem deseja fazê-lo se inscreve em um curso ou compra o manual “Como andar de bicicleta”? Não! O aprendiz sobe na bicicleta e tenta andar. Tomará algumas vezes, até que seu cérebro, “domando” os circuitos relacionados ao equilíbrio, automatize o processo e aprenda a andar sem cair.

Só se evolui vivendo a experiência! Podemos nos condoer com alguém que perde um ente querido; tentar, até mesmo, nos colocarmos no lugar dele, mas viver a realidade da perda é possível somente àquele que perde de verdade. Imaginar a dor de uma hérnia de disco é algo que nossa mente pode tentar, mas só quem a teve sabe de verdade o que significa.

A reencarnação, então, nos permite viver experiências diferentes, que são sempre experiências de crescimento. A experiência da escassez e a experiência da abundância, do desafio profissional e da perseverança, da frustração afetiva, da enfermidade crônica e da limitação de um dos sentidos. São muitas as experiências onde se insere a individualidade reencarnante: a solidão, a beleza, a feiura, o desemprego, o desastre financeiro, a genética desfavorável dos vícios sociais e da dependência química, o ambiente pernicioso, o mau exemplo dos pais etc.

Como os fatos se dão?

Noticiários informam:

Um ator famoso morre afogado.

Cai o avião e morrem dezenas de atletas.

A gestante contrai “zica” e o filhinho nasce com grave deficiência intelectual.

A adolescente “pega” a Dengue e morre de hemorragia generalizada.

O trabalhador rural é picado por uma cascavel e morre de insuficiência renal.

Compreender como acontecem os eventos cármicos é, muitas vezes, extremamente difícil, mas podemos refletir sobre isso e tentarmos, pelo menos em parte, entender o mecanismo responsável pelo cumprimento da lei de causa e efeito. Léon Denis, em *Depois da morte*, coloca que *as leis inflexíveis da natureza, ou antes, os efeitos resultantes do passado, decidem da reencarnação. O Espírito inferior, ignorante dessas leis, pouco cuidadoso de seu futuro, sofre maquinalmente a sua sorte e vem tomar o seu lugar na Terra sob o impulso de uma força que nem mesmo procura conhecer.* André Luiz, por sua vez, é também explícito ao afirmar, no livro *Entre a Terra e o céu*, cap. 28, que *a lei de causa e efeito executa-se sem necessidade de fiscalização de nossa parte.* Acrescenta André Luiz, em *Obreiros da vida eterna*, cap. XI:

[...] reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogenéticos orientando o mundo das formas vivas ao ensejo do renascimento físico [...]

Pelo exposto, podemos aventar que estamos todos nós inseridos em um automatismo físico-psíquico regido pela ordem natural, que registra, avalia e responde a todos os nossos atos. Atitudes saudáveis, úteis e nobres nos colocam em uma reação de causalidade promotora de bem estar. Ao contrário, atitudes enfermias, personalistas e que interferem negativamente no bem estar dos outros atraem para nós, como recurso educativo da lei, situações de angústia e sofrimento. Mas como isso se dá? Apresentamos como hipótese de trabalho três possíveis mecanismos.

Mecanismo I: a zona de remorso

Quando Jesus colocou, segundo João 8,34, que *quem comete o pecado é escravo do pecado* procurou demonstrar que nossos erros caminham conosco, impressos que ficam em nossa mente, até que nos libertemos deles. André Luiz se valeu, no livro *Evolução em dois mundos*, parte II, cap. XIX, da expressão “zona de remorso”. Comenta André que, de modo geral, a etiologia das moléstias crônicas, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guarda no corpo espiritual as suas causas profundas. O registro dessa ou daquela falta grave cria na mente um estado anômalo que ele classifica de “zona de remorso”, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo físico ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a ideia fixa sobre esse “nódulo de forças mentais desequilibradas”, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermício de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei. Acrescenta o autor que essas enquistações de energias profundas, no imo de nossa alma, expressam as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, e que são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Assim, prossegue o autor, o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade.

Alguns eventos cármicos podem ser explicados pelo mecanismo exposto. Vejamos um exemplo: determinado Espírito comprometeu-se, em existências passadas, com o abuso de bebidas alcoólicas e cometeu falhas morais em virtude desse vício, prejudicando muitas pessoas. Ele poderá reencarnar então com marcas nas áreas do perispírito que são responsáveis pela vitalização do aparelho digestivo. Essas marcas estarão criando uma predisposição ao aparecimento de enfermidades, como a gastrite crônica ou disfunções hepáticas. Assim, o Espírito reencarna com “pontos fracos” em seu perispírito, que determinam os órgãos que estarão mais predispostos a adoecer. Se o Espírito vai enfermar, ou não, isso pode depender, naturalmente, do estilo de vida e da conduta moral que adotar.

Conceito equivalente pode ser aplicado à gênese de certos transtornos mentais, pois o cérebro é um órgão como outro qualquer. Assim, se no passado, o Espírito adquiriu débitos em virtude do mal uso de seus atributos intelecto morais, pode criar marcas cármicas em seu perispírito na região correspondente ao cérebro. Ao reencarnar, trará consigo tendências a desequilíbrios químicos em seus neurotransmissores cerebrais. Se esse desequilíbrio neuroquímico se verificar, a Individualidade reencarnada poderá vir a padecer de enfermidades ditas “mentais” (que na verdade são cerebrais), como a depressão, o transtorno obsessivo-compulsivo, as fobias, a esquizofrenia etc. Obviamente que além dos fatores cármicos precisam ser considerados os fatores atuais, muitas vezes tão ou mais importantes que os fatores pretéritos.

Mecanismo II: sugestão pós-hipnótica

Na Revista Espírita de março de 1858, Kardec se reporta a uma carta recebida de um de seus leitores, que diz o seguinte:

“No mês de setembro último, uma embarcação ligeira, fazendo a travessia de Dunquerque a Ostende, foi surpreendida à noite pelo mau tempo; o barco virou e, das oito pessoas que lá estavam quatro pereceram; as outras quatro, no número das quais me encontrava, conseguiram manter-se sobre a quilha. Ficamos a noite inteira nessa horrível posição, sem outra perspectiva senão esperar a morte, que nos parecia inevitável e da qual já experimentávamos todas as angústias. Ao romper do dia, tendo o vento nos empurrado para a costa, pudemos ganhar a terra a nado. Por que nesse perigo, igual para todos, só quatro pessoas sucumbiram? Notai que, a meu respeito, é a sexta ou sétima vez que escapo de um perigo tão iminente e mais ou menos nas mesmas circunstâncias. Sou levado realmente a crer que mão invisível me protege. Que fiz para merecer isso? Não sei bem; sou alguém sem importância e sem utilidade neste mundo e não me vanglorio de valer mais que os outros; longe disso: entre as vítimas do acidente havia um digno eclesiástico, modelo de virtudes evangélicas, e uma venerável irmã de São Vicente de Paulo, que iam cumprir uma santa missão de caridade cristã.

A fatalidade parece desempenhar um grande papel em meu destino. Os Espíritos não estariam ali para alguma coisa? Seria possível obter deles uma explicação a esse respeito, perguntando-lhes, por exemplo, se são eles que provocam ou afastam os perigos que nos ameaçam?”

Conforme o desejo de seu correspondente, Kardec dirigiu algumas perguntas ao Espírito São Luís. Destacamos algumas delas:

Quando um perigo iminente ameaça alguém, é um Espírito que dirige o perigo, e quando dele escapa, é um outro Espírito que o afasta?

R.: Quando um Espírito se encarna, escolhe uma prova; elegendo-a, estabelece-se uma espécie de destino que não pode mais conjurar, uma vez que a ele está submetido; falo das provas físicas. Conservando seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, o Espírito é sempre senhor de suportar ou de repelir a prova [...]

A fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida também é resultante do nosso livre-arbítrio?

R.: Tu mesmo escolheste a tua prova. Quanto mais rude ela for e melhor a suportares, tanto mais te elevarás. Os que passam a vida na abundância e na ventura humana são Espíritos pusilânimes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, atento que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles veem perfeitamente bem a futilidade das vossas grandezas e gozos. Acresce que a mais ditosa existência é sempre agitada, sempre perturbada, mesmo quando houvesse ausência da dor.

Compreendemos perfeitamente essa doutrina, mas isso não nos explica se certos Espíritos exercem uma ação direta sobre a causa material do acidente. Suponhamos que uma ponte se desmorone no momento em que um homem passa sobre ela. Quem impeliu o homem a passar por essa ponte?

R.: Quando um homem passa sobre uma ponte que deve cair, não é um Espírito que o leva a passar ali, é o instinto de seu destino que o conduz a ela.

Podem os Espíritos advertir-nos diretamente de um perigo? Eis um fato que parece confirmá-lo: Uma mulher saiu de casa e seguia pelo bulevar. Uma voz íntima lhe diz: Vai embora; retorna para tua casa. Ela hesita. A mesma voz faz-se ouvir várias vezes; então ela volta; mas, pensando melhor, diz a si mesma: O que vou fazer em minha casa? Acabo de sair de lá; sem dúvida é efeito da minha imaginação. Então, continua o seu caminho. Alguns passos mais adiante, uma viga que tiravam de uma casa atinge-lhe a cabeça e a derruba, inconsciente. Que voz era aquela? Não era um pressentimento do que ia acontecer a essa mulher?

R.: A voz do instinto; nenhum pressentimento, aliás, apresenta tais caracteres: são sempre vagos.

Que entendeis por voz do instinto?

R.: Entendo que, antes de encarnar-se, o Espírito tem conhecimento de todas as fases de sua existência; quando estas fases têm um caráter fundamental, conserva ele uma espécie de impressão em seu foro íntimo e tal impressão, despertando quando o momento se aproxima, torna-se pressentimento.

Essa voz do destino, ou seja, algo que desperta quando o momento se aproxima e que São Luís se vale para explicar os pressentimentos, pode ser utilizada também para explicar certos fatos que se dão em nossa vida, e que não têm uma explicação lógica. Assim pensa Ernesto Bozzano. Bozzano acredita que esses fatos podem ser explicados através do fenômeno da sugestão pós-hipnótica. Vejamos através de um exemplo em que consiste a sugestão pós-hipnótica: Um operador dirigiu-se ao paciente hipnotizado do seguinte modo: “Dez minutos depois de despertar, você sentirá um desejo ardente de abrir o seu guarda-chuva, independente do tempo (se sol ou chuva) e logo a seguir fechá-lo. Você não saberá que eu lhe determinei isso. Fará

simplesmente, sem nenhum motivo lógico”. O paciente é desperto e no tempo previsto faz exatamente o que lhe foi determinado, sem dar-se conta do motivo por que fez o que fez. Segundo essa hipótese, Bozzano acredita que o Espírito reencarnado *procura* inconscientemente as experiências necessárias ao seu aprimoramento, a partir de sugestões autoconstruídas em sua mente e relacionadas às provas e expiações que deve vivenciar. Vejamos uma situação prática: Uma individualidade comprometeu-se negativamente através do uso das mãos. A atitude equivocada imprime em sua mente a falta cometida. A necessidade de pacificar a consciência culpada funciona como a sugestão pós-hipnótica. A entidade citada reencarna, esquecendo transitoriamente o passado, mas traz consigo a sugestão previamente inscrita em si mesma. Certo dia, em visita a uma marcenaria, ela se distrai e coloca, sem dar-se conta disso, uma das mãos em uma afiada lâmina de corte, sofrendo grave lesão, com perda de alguns dedos ou de toda a mão. Cumpre-se, assim, a lei de causa e efeito, através de um automatismo físico-psíquico regido pela ordem natural. Escreveu Bozzano em *Fenômenos premonitórios*:

Se a existência terrestre não representa senão um anel de uma cadeia indefinida de vidas sucessivas, e se o espírito, na hora de sua reencarnação, preestabelece, ele próprio – com o objetivo de expiação, de prova, de aperfeiçoamento espiritual – os acontecimentos principais aos quais ele deverá submeter-se na sua nova existência encarnada; se estes acontecimentos apagam-se de sua memória fisiológica em sua entrada na vida, permanecem, porém, registrado na sua subconsciência, de onde emergem, um dia, eles se realizam por um processo análogo àquele pelo qual se destacam as sugestões pós-hipnóticas.

Mecanismo III: intervenção do além

Fatos acontecem em nossa vida onde parece óbvia a atuação de entidades desencarnadas, para o bem como para mal. Kardec admitiu isso em vários itens de *O Livro dos Espíritos*:

Um homem deve perecer; sobe então a uma escada, esta se quebra e ele morre. Foram os Espíritos que fizeram quebrar a escada, para que se cumpra o destino desse homem? - No exemplo que citas, a escada se quebra porque está carunchada ou não era bastante forte para suportar o peso do homem; se estivesse no destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhe inspirariam o pensamento de subir na escada que deveria quebrar-se com o seu peso. (item 526)

Um homem deve morrer de raio; esconde-se embaixo de uma árvore, o raio estala e ele morre. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio, dirigindo-o sobre ele? - O raio explodiu sobre aquela árvore, e naquele momento, porque o fato estava nas leis da Natureza. Não foi dirigido para a árvore porque o homem lá se encontrava, mas ao homem foi dada a inspiração de se refugiar numa árvore, sobre a qual ele deveria explodir. (item 527)

Um homem mal intencionado dispara um tiro contra outro, mas o projétil passa apenas de raspão, sem o atingir. Um Espírito benfazejo pode ter desviado o tiro? - Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benfazejo lhe inspirará o pensamento de se desviar, ou ainda poderá ofuscar o seu inimigo, de maneira a lhe perturbar a pontaria... (item 528)

O tema é complexo e está aberto a novas ideias. Esperamos que outros colaboradores se disponham a examiná-lo.

Atos consequenciais humanos

Oportunamente, ao encerrar um seminário sobre Sexualidade humana, fui procurado por uma jovem que, timidamente, apresentou-me a seguinte indagação: “Assistir a filmes pornográficos é pecado?”

Imagino que o conceito de pecado na cabecinha da jovem iniciante do movimento espírita se identifique com o que sempre se pensou de pecado, como uma infração das leis divinas, ou seja, fazer o que é errado ou injusto do ponto de vista de Deus e que pode trazer consequências ruins para quem o faz.

Tal questionamento nos faz refletir sobre a intrigante questão do certo e do errado, do bem e do mal. Existem muitas coisas que são notoriamente erradas, como matar ou roubar, mas existem outras coisas, que, sem ser necessariamente erradas (sob o ponto de vista de lesar a outrem), não são boas, ou não são as melhores, ou, ainda, podem não ser as ideais, ou as mais apropriadas.

Como uma motivação para um aprofundamento ao tema, propomos uma categorização evolucionista dos atos humanos, classificando-os em três classes: *morais*, *higiênicos* e *iluminantes*. Referimo-nos, obviamente, aos atos *consequenciais* humanos, ou seja, aqueles que implicam em consequências para o agente ou para as pessoas relacionadas com ele. Muitos atos humanos são eticamente neutros, como ler um romance, ver um noticiário na TV, ou desenvolver as tarefas corriqueiras do dia a dia.

Ao propor essa classificação não pretendemos – e afirmamos isso de forma enfática – criar regras ou pontuar de valores os atos humanos. Eles só podem ser valorados pela consciência de cada um, pois se objetivam em um contexto particular de vida, onde agravantes e atenuantes serão sempre considerados. Ademais, somos seres singulares, com uma história que nos é pessoal, com resistências e limites que nos são próprios.

Vamos então à nossa proposta.

1 - Atos morais. Segundo Allan Kardec, a moral consiste na regra de bem proceder. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos.^[i] O conceito de moral, pelo visto, implica obrigatoriamente em uma relação com outra pessoa, relação esta que interfere no bem-estar do outro. A ética filosófica define ato moral como os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto.^[ii] Assim, o objetivo da moralidade encontra-se em se viver uma vida plena com as outras pessoas. Sofrimento e felicidade (definidos da forma mais ampla possível) são as únicas coisas com as quais vale a pena se importar e a moralidade diz respeito à maneira como tratamos uns aos outros. Nossos atos são imorais quando lesam, desconsideram, prejudicam, humilham etc., outra pessoa, ou de forma mais planetária, os seres sencientes. Estes atos inserem o faltoso na lei de causa e efeito, mecanismo divino, que tem como finalidade a educação da alma em trânsito para projetos superiores de vida.

2 - Atos higiênicos. Os *atos higiênicos*, em nossa proposta, não interferem diretamente com o bem-estar de outrem, mas se relacionam com nossa relação com nosso corpo e nossa mente. São atos que, de uma forma ou de outra, podem prejudicar nossa saúde, predispondo-nos a enfermidades diversas, e privando-nos de uma vida mais plena e realizadora. Comer e beber compulsivamente, fumar ou usar outras drogas podem ser classificados como *atos anti-higiênicos*. Os *atos anti-higiênicos* podem ser consequenciais porque produzem, muitas vezes, desequilíbrios no cosmo orgânico do agente, decorrendo daí uma série de condições mórbidas.

3 - Atos iluminantes. Proponho esse termo para os atos humanos que não interferem diretamente no bem-estar de outrem, nem tampouco prejudicam diretamente a saúde, mas podem obstaculizar o desenvolvimento espiritual do agente. Assistir a filmes pornográficos, ou que incitem à violência, dedicar tempo expressivo em discussões estereis sobre corrupção na política e quejandos não são atos morais (não implicam em prejuízo para terceiros), nem tampouco higiênicos (não adoecem o corpo). Talvez possam ser classificados

como atitudes *não iluminantes*, pois conduzem a um status psíquico que coloca barreiras ao desenvolvimento iluminativo da consciência reencarnada. Tais atitudes levam à vivência de um estado mental que mantém o Espírito vinculado à matéria, afastando-o dos ideais nobres de construção de uma personalidade sadia. Não acredito que os atos *não iluminantes* impliquem em uma resposta da lei de causalidade. Imaginar que assistir a um filme de guerra, ou envolver-se em uma discussão apaixonada (mas não ofensiva) sobre futebol, possa acarretar um carma negativo, não me parece racional. Esses atos seriam consequenciais porque, na medida em que focam o interesse do agente nesse tipo de imagem mental, o privam de painéis mentais mais adequados a uma vida focada em interesses espirituais. Lembrando, com Kardec, que *a superexcitação dos instintos materiais sufoca, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral enfraquece, pouco a pouco, as faculdades puramente selvagens.*^[iii]

^[i] O Livro dos Espíritos, item 629.

^[ii] Ética, Adolfo Sanches.

^[iii] O Livro dos Espíritos, item 754.

Russel Wallace e o Espiritismo

O nome de Charles Darwin (1809-1882) é, em geral, imediatamente relacionado com a evolução orgânica. Existe, entretanto, um outro nome que diversas vezes aparece associado ao de Darwin: Alfred Russel Wallace (1823-1913). Alguns historiadores da ciência consideram que estes dois naturalistas chegaram independentemente à concepção de seleção natural. Suas teorias de evolução são consideradas bastante similares, já que ambos comunicaram conjuntamente seus resultados em julho de 1858 à *Linnean Society de Londres* e logo a seguir publicaram-nos na revista dessa sociedade.

Consta que Darwin e Wallace eram amigos e trocavam frequentes correspondências, todavia, a partir dos anos 1869/1870, romperam de forma definitiva e o motivo foi este: Wallace assumiu publicamente seu profundo interesse pelos fenômenos mediúnicos, admitindo que a seleção natural não fosse capaz de explicar, por si só, a evolução da mente humana. Há que se admitir que inteligências superiores guiem, com nobres propósitos, o desenvolvimento humano, afirmou.

Wallace argumentou que algumas características que se desenvolveram no homem pré-histórico e nos selvagens seriam inúteis ou mesmo prejudiciais aos indivíduos nessas condições. Não poderiam, portanto, ter sido desenvolvidas pela seleção natural, que seleciona o que é bom e útil à sobrevivência imediata do ser. Além disso, uma característica desenvolvida pela seleção natural teria como atributo estar mais ou menos presente em todos os indivíduos da mesma espécie, e de maneira razoavelmente uniforme. O mesmo não se poderia notar a respeito das qualidades intelectuais, que variariam muito de indivíduo para indivíduo. Pouquíssimos seres humanos seriam, por exemplo, efetivamente dotados de talento para a matemática ou a música, e esses indivíduos, se comparados à população normal, exibiriam essas qualidades de maneira extraordinariamente superior. Tais características peculiares dessas faculdades, segundo Wallace, mostravam que elas não eram produzidas pelo mecanismo de seleção natural, mas sim por alguma causa extra.

Para Wallace, certas inteligências externas atuavam no desenvolvimento humano, analogamente ao modo como o homem agia na seleção artificial de plantas e animais, numa direção definida e com um propósito especial. Essas inteligências seriam responsáveis por antecipar necessidades futuras. Segundo Wallace, no caso do desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais humanas, uma nova causa havia agido. Wallace propôs, para explicar a natureza intelectual e moral do homem, a existência dentro dele de uma essência espiritual capaz de se desenvolver progressivamente. Como se nota na obra *Darwinismo*, para ele, o propósito do mundo seria o desenvolvimento do espírito humano em associação com o corpo. Havia um mundo invisível, o mundo dos Espíritos.

Darwin demonstra sua contrariedade em duas cartas dirigidas a Wallace: - *Se você não me tivesse avisado, acharia que essas ideias teriam partido de outra pessoa. Como você já esperava, discordo profundamente de suas ideias, e lamento muito por isso.* (Carta de Darwin para Wallace, 14/4/1869. Reproduzida em Marchante, 1916, vol. 1, pp. 242-3.)

- *Mas lamento sobre o homem – você escreve como um naturalista que passou por uma metamorfose (na direção retrógrada). Justo você, o autor do melhor artigo que já apareceu na Anthropological Review! Ai! Ai! Ai! Seu pobre amigo.* (Darwin para Wallace, 26/1/1870]. Reproduzida em Marchant, 1916, vol. 1, p. 251.)

Alfred Russel Wallace entrou em contato com as manifestações espíritas em 1865, em casa de um amigo, mas havia se dedicado, na juventude, ao magnetismo. Durante 12 anos de viagem nos trópicos, entre 1848 e 1862, voltados para o estudo da história natural, ouviu ocasionalmente sobre os estranhos fenômenos que diziam estar acontecendo na América e na Europa sob os nomes genéricos de “mesas girantes” e “pancadas espirituais”, mas manteve-se cético por 25 anos.

A partir de 1865, a frequência a diversas residências onde médiuns promoviam notáveis manifestações, e depois em sua própria residência, Wallace se convenceu da realidade espiritual e, em 1866, publicou seu primeiro livro espiritualista, *O aspecto científico do sobrenatural*, em que convoca os cientistas de então a estudarem seriamente o fenômeno: Seria apenas um assunto a ser investigado e testado como qualquer outra questão de ciência. As evidências teriam que ser colhidas e examinadas. Os resultados das pesquisas de diferentes observadores quanto a conhecimento, exatidão e honestidade seriam ponderados e, no mínimo, alguns dos fatos confiáveis teriam de ser novamente observados. Apenas dessa maneira todas as fontes de erro seriam eliminadas e uma doutrina de extraordinária importância seria considerada verdadeira. Eu proponho agora que se questione se tais provas foram dadas e se a evidência pode ser obtida por qualquer um que deseje investigar o assunto da única forma que a verdade pode ser alcançada: pela observação direta e pela experimentação.

Nessa obra, assume pública e corajosamente seu pensamento, mostrando de forma racional que a existência de consciências extracorpóreas é perfeitamente plausível. Afirmou que tinha fortes razões para supor a existência de outras formas de matéria além daquelas que nossos sentidos nos permitem reconhecer e de organizações adaptadas para agir sobre e receber impressões destas formas de matéria. Ao examinar a possibilidade da existência de seres de uma ordem etérea, comentou: - Eles devem ter uma capacidade de movimento tão rápida quanto a luz ou a corrente elétrica. Devem ter uma capacidade de visão tão aguda quanto a dos nossos mais poderosos telescópios e microscópios. Devem ter um sentido de alguma forma análogo aos poderes de um dos últimos triunfos da ciência, o espectroscópio, e por meio dele são capazes de perceber instantaneamente a constituição íntima da matéria em cada uma das suas formas.

Russel Wallace manteve-se espiritualista por toda a vida, tendo escrito dezenas de artigos sobre o tema, o que lhe causou alguns dissabores profissionais. Toda a publicidade negativa sobre ele fez com que Wallace não fosse eleito secretário da Sociedade Britânica para o progresso da ciência e também dificultou a concessão de uma pensão do governo britânico, numa época em que ele passava por dificuldades financeiras. Algum tempo depois, por intercessão de Darwin, ele alcançou a referida pensão (1881).

Wallace foi um gigante no movimento espiritualista nascente, mas é pouco conhecido entre os espíritas. Isso talvez se deva ao fato de sua obra mais importante, *On miracles and modern spiritualism*, publicada em 1875, nunca ter sido traduzida para nosso idioma. Fica a sugestão para as editoras espíritas.

Referências:

- 1 - *Wallace e a origem do homem: suas concepções e as interpretações historiográficas*, Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira e Viviane Arruda do Carmo, Filosofia e História da Biologia, v. 2, p. 227-244, 2007.
- 2 - *O aspecto científico do sobrenatural*, A. Russel Wallace, tradução de Jáder dos Reis Sampaio.

Como Kardec definia o vocábulo espírita

Os espíritas não costumam entender-se quanto ao que se define por *espírita*.

Muitos nos valem desse vocábulo para designar aqueles que estudam e praticam os ensinamentos de Allan Kardec. Sob esse aspecto, *espíritas* seriam os kardecistas. Essa conceituação excluiria, por exemplo, os umbandistas, pois possuem uma teoria e uma prática singulares (comumente ouvimos a expressão “umbandista não é espírita”). Excluem, igualmente, aqueles que leem e gostam das obras espíritas, mas frequentam outras agremiações religiosas, como o catolicismo. Também não se identificariam com essa proposta os espiritualistas norte-americanos e europeus, como os adeptos da “Nova era”, que se valem, na maioria das vezes, de autores de língua inglesa e não costumam referir-se a Kardec. Também, por motivos óbvios, não seriam espíritas milhares de adeptos do budismo e do hinduísmo, apesar de admitirem as vidas sucessivas.

Outros se utilizam desse vocábulo, dando-lhe um colorido ético. Identificamos como *espíritas* somente aqueles que se esforçam por se melhorar. Não consideramos, portanto, como tal, aqueles que frequentam ou trabalham no centro espírita, mas, em nossa avaliação, se encontram distantes da moral cristã. São pessoas que falam com entusiasmo da doutrina espírita, ardorosos defensores de Kardec, apaixonados frequentadores do centro, mas gostam do Espiritismo como outros gostam de pesca submarina ou de futebol – apenas uma questão de gosto. O Espiritismo lhes enche o cérebro de dopamina e lhes dá muito prazer, mas se mantêm arrogantes, sedutores, mesquinhos ou desonestos. Não raramente encontramos pessoas assim, e costumamos exclamar: “Esse não é espírita!”.

Que pensava Kardec a respeito?

Nosso codificador apresentou o conceito de *espírita* em alguns de seus textos e a definição apresentada por ele pode surpreender. No livro *O que é o Espiritismo*, capítulo primeiro, segundo diálogo, Kardec coloca o Espiritismo como *uma crença pessoal* e reafirma tal ideia na obra *O Espiritismo em sua expressão mais simples*, ao colocar que *espírita é todo aquele que crê nas manifestações dos Espíritos*.

O pensamento de Kardec insere a definição de *espírita* na seara do pensamento – *crer, crença* – sem nenhuma relação com prática, frequência a determinado local, ou profissão de fé em suas obras.

Kardec será ainda mais explícito, na *Revista espírita* de junho de 1868, ao escrever:

A gente é espírita, desde o momento em que se entra nesta ordem de ideias, ainda mesmo quando não se admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou em todas as suas consequências. Por não ser espírita completo não se é menos espírita, o que faz que, por vezes, se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são espíritas de fato, quando não de nome.

Esse pensamento de Kardec acompanhou-o durante toda a sua trajetória. Na *Revista Espírita*, edição de janeiro de 1869, poucas semanas antes de sua desencarnação, ele apresenta uma estatística dos espíritas, insistindo na tese de Espiritismo como crença pessoal. Coloca que, em relação às ideias religiosas, os espíritas são:

- . católicos romanos, livres-pensadores, não ligados ao dogma: 50%
- . católicos gregos: 15%
- . judeus: 10%
- . protestantes liberais: 10%
- . católicos ligados aos dogmas: 10%
- . protestantes ortodoxos: 3%
- . muçulmanos: 2%.

A conceituação kardequiana é inclusiva por excelência e nos leva a considerar como espírita qualquer pessoa que admita a existência e sobrevivência dos Espíritos e a possibilidade de sua manifestação entre os homens, independente de qualquer outra coisa. A definição kardequiana, assim, talvez nos leve a considerar como espíritas: Gandhi, o Dalai Lama, Crookes, Wiliam James, Russel Wallace e a Dra. Elizabeth Kluber-Ross. Quem não gostaria de tê-los em seu time?

O que devemos entender por “mente”?

Alguns termos amplamente utilizados em nossos dias tinham à época de Kardec uso mais restrito e, às vezes, um significado um pouco diferente. O vocábulo *psicologia* é um desses termos: possui hoje uma conotação diferente do que possuía à época de Kardec. A psicologia era entendida, então, como a ciência da alma - alma como ser, inteligência que comanda o corpo, independentemente da crença em sua sobrevivência. A psicologia como o estudo dos fenômenos psíquicos e de comportamento do ser humano, por intermédio da análise de suas emoções, suas ideias e seus valores, inexistia àquela época. O primeiro laboratório psicológico foi fundado pelo [fisiólogo](#) alemão [Wilhelm Wundt](#) em [1879](#), após a desencarnação de nosso codificador.

Kardec não usou o vocábulo *psíquico*, amplamente utilizado em nossos dias, e provavelmente inexistente à época, e empregou os termos *mente* e *mental* como sinônimo de pensamento (o que ainda ocorre em nossos dias).

Os dicionários colocam como conceitos equivalentes a mente: parte incorpórea, inteligente ou sensível do ser humano; espírito, pensamento, entendimento, o desenvolvimento intelectual, a faculdade intelectual; inteligência, mentalidade.

Nós, espíritas, recusamos a proposta dos materialistas que colocam a mente como resultado do funcionamento do cérebro, e admitimos que todo fenômeno psicológico é de natureza espiritual.

Mas, afinal, em que consiste a mente? Muitos de nós temos colocado *mente* e *Espírito* como sendo a mesma coisa. Será que podemos considerar Espírito e mente como sinônimos?

Uma definição recente de mente é essa: *um fluxo de experiências subjetivas, constituídas de sensações, emoções e pensamentos* [\[ii\]](#). Experiências subjetivas são aquelas que pertencem ao sujeito pensante e a seu íntimo. São, portanto, experiências pertinentes e características de um indivíduo; individuais, pessoais, particulares: os pensamentos, sentimentos, desejos, inclinações, sonhos etc.

O pensamento kardequiano define os Espíritos como *os seres inteligentes da criação* [\[iii\]](#). É certo que a mente é algo intimamente relacionado ao Espírito, imaterial, não física, preexistente e sobrevivente ao corpo, tal como o Espírito. Mas deve ser feita uma distinção entre mente e Espírito.

Talvez fosse melhor considerarmos a mente (um fluxo de experiências) como uma *propriedade* do Espírito, porque o Espírito é mais do que um fluxo de experiências, é um SER, tem substância, identidade, existência própria, uma individualidade. O Espírito é ser, é essência; já a mente é um processo. A mente não tem essência, tem existência. Existe a partir do Espírito, sendo um atributo deste. Valendo-nos de palavras do professor Nubor Facure, podemos dizer que a mente *é o produto de uma atividade metafísica que instrumentaliza o cérebro a partir do livre-arbítrio do Espírito*. [\[iiii\]](#)

André Luiz apresenta a mente como *um núcleo de forças inteligentes*, [\[iv\]](#) fonte de uma força desconhecida – a energia mental. Através dessa energia exteriorizamos o que somos e agimos uns sobre os outros, pelos fios invisíveis do pensamento. Apresenta ainda o conceito de *corpo mental* [\[v\]](#), como sendo *o envoltório sutil da mente*, atribuindo a ele a formação do corpo espiritual (perispírito).

Emmanuel, na mesma linha de pensamento de André, compara *a mente humana — espelho vivo da consciência lúcida — a um grande escritório, subdividido em diversas seções de serviço*. Segundo ele, *na mente possuímos o Departamento do Desejo, em que operam os propósitos e as aspirações, acalentando o estímulo ao trabalho; o Departamento da Inteligência, dilatando os patrimônios da evolução e da cultura; o Departamento da Imaginação, amealhando as riquezas do ideal e da sensibilidade; o Departamento da Memória, arquivando as súmulas da experiência, e outros, ainda, que definem os investimentos da alma. Acima de todos eles, porém, surge o Gabinete da Vontade. A Vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental*. [\[vi\]](#)

Examinando as relações mente/cérebro, coloca André Luiz, de forma metafórica, que o cérebro é *o maravilhoso ninho da mente*.^[viii] O pensamento desse autor evoca a ideia de que o Espírito se vale das experiências reencarnatórias para aprimorar-se a si mesmo, e a mente, acolhida pelo cérebro, em contato íntimo com ele, vai expandir suas possibilidades. Fora do contexto físico do cérebro, a mente pode dispor de recursos ou usar de estratégias que sobrepujam toda a fisiologia cerebral, mas, enquanto contida nessa máquina de neurônios, ela é limitada pelos recursos que esses neurônios podem oferecer. Em outras palavras, a mente se vale da ação coerciva do cérebro para aprender paulatinamente a se libertar dele, liberando-se das experiências reencarnatórias.

À medida que o Espírito avança evolutivamente, suas habilidades mentais se expandem, ou seja, a mente, como seu atributo, se capacita de recursos maiores, tanto sobre o aspecto intelectual como sobre o aspecto moral e ele se distancia da precisão da corporeidade.

Concluindo, talvez pudéssemos colocar assim:

- 1- nós, seres espirituais, possuímos uma mente – um atributo do Espírito -, onde se expressam nossas ideias, sonhos, projetos, pensamentos e sentimentos;
- 2- a mente constitui-se de um núcleo de forças inteligentes, envolvidas por um sutil envoltório (corpo mental). Dela partem as ondas mentais que retratam a nossa condição evolutiva e nos ligam a todos aqueles que sintonizam conosco;
- 3- na corporeidade, a mente se identifica com o cérebro e intelectualiza a matéria, alimentando as células;
- 4- nossa mente vem evoluindo conosco, através das experiências na dimensão espiritual e na dimensão física, e, tal como nós, partiu do simples em direção ao complexo, da ignorância em direção do saber, atendendo ao princípio da perfectibilidade ínsito em cada um de nós.

^[i] *Homo deus*, Yuval Harari.

^[ii] *O Livro dos Espíritos*, item 76.

^[iii] *Muito além dos neurônios*, Nubor Facure.

^[iv] *Nos domínios da mediunidade*, cap. 1.

^[v] *Evolução em dois mundos*, parte I, cap. II.

^[vi] *Pensamento e vida*, cap. II, Emmanuel.

^[vii] *Evolução em dois mundos*, parte I, cap. IX.

O Espírito e a corporeidade

O objetivo da reencarnação foi estabelecido por Allan Kardec, ao reproduzir o seguinte pensamento dos Espíritos:

[...] Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo. ⁱⁱ

O Espírito, segundo o texto, se une ao corpo, através da dinâmica da reencarnação, para *compreender, conhecer e ganhar experiências*. Experiência consiste no ato ou efeito de experimentar, surgindo dessa experimentação certa prática, que se traduz em habilidade. Os autores do texto evocam muito mais estados de sentimento do que estados de intelecto. Ninguém pode explicar a outra pessoa, que nunca conheceu determinado sentimento, o em que consistem a qualidade ou o valor dele. Precisamos ter ouvidos musicais para julgar do valor de uma sinfonia; precisamos termo-nos apaixonado para compreender o estado de espírito de um apaixonado. Se nos faltar o coração ou o ouvido, não poderemos interpretar com justeza o músico nem o amante.

Por outro lado, ao afirmarem que é necessário que o Espírito adquira experiência através do conhecimento do bem e do mal, podem estar se referindo a vivências em contextos ambientais distintos (em uns predomina o bem, em outros, o mal), mas, talvez, prioritariamente, estejam se reportando à aprendizagem que o Espírito vai construindo para si através dos seus acertos e erros. Não ao conhecimento teórico, que apenas fornece uma descrição isenta de vivência. Mas à experimentação viva e real da realidade proposta. Ler sobre certa dor em um compêndio médico não dá ao paciente a experiência de, verdadeiramente, conhecer a essência da dor. É a vivência que dá o total conhecimento, pois une a teoria à prática, fechando o círculo do saber. Assim, eles talvez estejam se referindo menos ao *conhecimento intelectual* do bem e do mal (saber que certas coisas estão erradas), e mais ao *conhecimento experimental* do bem e do mal (conhecer o sentimento do erro e do acerto). Determinadas experiências que dão prazer ao Espírito são repetidas por ele na busca de aprimorar uma fórmula que lhe dê gratificação. Outras, cujo resultado final não o satisfaz, são evitadas. É assim que, aos poucos, ele vai construindo sua metodologia na tentativa de sofrer menos.

Examinando o tema, o antropólogo cubano Fernando Ortiz lembra que o evolucionismo dos espíritas é tão fatal quando o dos biólogos. Se os naturalistas dizem *natura non facit saltum* (a natureza não dá saltos), os espíritas poderão dizer, analogamente, *spiritus non facit saltum* (o Espírito não dá saltos); o espírito há de subir pausada ou rapidamente, segundo seu esforço, porém grau a grau, até a superioridade dos “anjos”.

Alguns pontos são colocados numa reflexão inicial: o Espírito poderia viver as experiências de crescimento exclusivamente na dimensão espiritual? Em que diferem as experiências nas duas dimensões? Examinemos essas questões.

A literatura mediúnica contemporânea, especialmente a vasta obra do Espírito André Luiz, ditada através de Chico Xavier, apresenta a noção das colônias espirituais, verdadeiras cidades do Além, onde são descritos hospitais, escolas, residências, veículos de transporte, parques de música e arte para entretenimento etc. Tal realidade metafísica é descrita ao lado de uma intensa vida social e comunitária, que se identifica, em muitos detalhes, com a vida experimentada na dimensão física. É natural, portanto, que indaguemos se, diante de tal condição, os Espíritos não poderiam expandir suas potencialidades – o progresso intelecto-moral - exclusivamente nessa comunidade? Qual o sentido da corporeidade, se todas as condições encontradas aqui, na Terra, são igualmente, encontradas, lá, nas colônias espirituais?

Embora a dimensão espiritual, em muitos aspectos, se identifique com as condições de vida na Terra, há diferenças entre elas. São essas diferenças que, dentre outras coisas, dão um sentido à reencarnação. A *dimensão física* se diferencia da *dimensão espiritual* nos seguintes aspectos:

1- *A inserção em um ciclo vital* que é próprio da biologia reencarnatória: nascer, crescer, enamorar-se, reproduzir-se, criar filhos, envelhecer, identificar-se com um corpo com características genéticas peculiares e vivenciar enfermidades que são exclusivas da organização corpórea. Cada um desses processos oferece ao reencarnante possibilidades diferentes de internalizar sinais que vão ao encontro de seu próprio amadurecimento, desenvolvendo suas habilidades. A experiência da gestação e da maternidade, por exemplo, é única no sentido de vivenciar certas emoções que são exclusivas dessa condição. As mulheres que vivenciaram essas experiências podem dizer o que isso representou para elas. Da mesma forma, a experiência do envelhecimento, que manda recados para a intimidade do ser. Se bem entendidos e vivenciados, esses recados podem se transformar em elementos de crescimento. Muitas pessoas dizem, no final da vida: “Quanto aprendi com a terceira idade! Se tivesse, aos trinta anos, o amadurecimento que tenho hoje, teria cometido menos erros!” Tal ciclo de vida, como o conhecemos, parece não existir na dimensão espiritual.

2- *A luta pela sobrevivência*: a inserção na dimensão física coloca o Espírito em um meio em que a atividade e o trabalho são praticamente obrigatórios, do contrário, vem a fome, a doença e a morte. Isso não se dá na dimensão espiritual (mesmo porque, já estando mortos, não podem morrer novamente). O trabalho é o motor do progresso e a atividade incessante é a alavanca no desenvolvimento das inteligências. Resolver problemas relacionados ao próprio ato de viver desenvolve as inteligências e expande as possibilidades mentais do Espírito. Historicamente, nós somos sobreviventes de grandes tragédias, que exigiram de nós um esforço imenso. Devemos a esse esforço a nossa sobrevivência. Há cerca de 65 milhões de anos, a queda de um enorme meteorito no golfo do México, dizimou 90% dos seres vivos na Terra. Nossos antepassados sobreviveram porque foram capazes de superar as adversidades. Muito tempo depois, quando a África se tornou gradativamente mais seca e desapareceram as florestas tropicais, nossos primos mais próximos, os símios primitivos, tiveram que escolher entre dois caminhos: permanecer confortavelmente nas florestas restantes ou “descer das árvores”, em busca de um novo habitat. Os antepassados dos chimpanzés, dos gorilas, dos gibões e dos orangotangos deixaram-se ficar, dando origem aos primatas atuais. Os antepassados de outros símios arriscaram-se em abandonar a floresta e lançaram-se na competição com os outros animais terrestres, já adaptados ao solo. Era uma empreitada perigosa, mas que foi venturosa: esses símios deram origem ao homem. Assim, por havermos superado as adversidades e admitirmos corajosamente os desafios é que nos tornamos o que somos.

3- *O período da infância*, tornando o Espírito mais acessível ao burilamento do caráter, através da educação e dos bons exemplos dos pais, professores, e da intervenção salutar das religiões. Essas intervenções, quanto positivas, podem auxiliar na transformação moral da individualidade. Como transformar, em homens de bem, tantos Espíritos cristalizados no mal, senão fazendo com que passem por períodos múltiplos de infância, levando-os à convivência sadia com pais amorosos, mas disciplinadores, que estarão semeando em seus corações as sementes da bondade, da justiça e da consideração pelo semelhante? Lê-se em Kardec: *Não é raro que um mau Espírito peça lhe seja dado bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.*^[iii] Não existe infância, como a conhecemos, no mundo espiritual.

4- *O esquecimento do passado*, que permite à individualidade conviver com seus desafetos, sem recordar-se dos desatinos perpetrados reciprocamente. Tais recordações poderiam reanimar animosidades, criando embaraços à harmonização dos relacionamentos. A lembrança de nossas personalidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar muito; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, dificultar nosso livre-arbítrio. Segundo Kardec, Deus deu, para nos melhorarmos, exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais.^[iiii] Kardec, examinando o retorno do Espírito ao mundo corpóreo, comenta que, quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhe hão de servir às manifestações. Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência

e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele traz o que aprendeu sob a forma de tendências e inclinações, por lhe ser isso útil. Eis, pois, que surge um novo homem por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga como empregou o tempo, se bem ou mal. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. ^[iv]

5- *A convivência com pessoas de nível evolutivo diferente.* Na dimensão espiritual, a lei de sintonia é absoluta. Os semelhantes se buscam na imensidão do espaço, constituindo grupos de afins. Na dimensão física, isso não se dá – vivem todos em um “balaio de gato”: o responsável ao lado do irresponsável, o justo ao lado do injusto, o sábio ao lado do obtuso, o gentil ao lado do grosseiro etc. A convivência na diversidade estimula o progresso. Os que se acham em condição evolutiva inferior têm, em seus superiores, o exemplo e o estímulo para a autossuperação. Os que se encontram em posição superior encontram na convivência com os que estão em posição inferior as oportunidades para exercitar a tolerância, a paciência e a perseverança. Por isso, as diferenças que existem entre nós não devem ser apenas respeitadas, elas são a riqueza da humanidade, pois formam o caldo de cultura que serve de base para uma filosofia do diálogo. Se todos fossem absolutamente iguais não encontraríamos os elementos deflagradores do desenvolvimento pessoal. Kardec admite isso ao colocar que *a desigualdade existente entre os Espíritos é necessária às suas personalidades.* ^[v]

As condições diversas implícitas no conceito de corporeidade permitem ao reencarnante viver experiências diferentes, que são sempre experiências de crescimento. Em cada experiência, ele vai internalizando conquistas, aprendendo com os erros, expandindo as possibilidades da mente, elaborando emoções, conquistando sentimentos superiores, desenvolvendo as potências do Espírito, dormentes em sua individualidade.

São múltiplas as experiências: a experiência da escassez e a experiência da abundância, do desafio profissional e da perseverança, da enfermidade crônica e da limitação de um dos sentidos físicos. Também a experiência da beleza, da feiura, do desemprego, do desastre financeiro, da genética desfavorável dos vícios sociais e da dependência química, do ambiente pernicioso, do mau exemplo dos pais, do bom exemplo dos pais, do ambiente saudável, da solidão e da frustração afetiva sensibilizando-nos a cuidar melhor das nascentes do coração etc.

Viver a experiência e dar significado a ela para *aprender*: aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver. Aprender a ceder, a amar sem condições, a servir sem esperar em troca, a esperar pacientemente, a escutar com atenção.

Buscar experiências que nos ensinem a atribuir valor a outros prazeres! Porque do ponto de vista biológico, o que importa é o sucesso genético, ou seja, a sobrevivência e a reprodução do ser. A lei da seleção natural cuida para que sobrevivam e reproduzam os seres mais aptos. A espécie humana desenvolveu, através da evolução, mecanismos no seu cérebro que contribuem para essa aptidão biológica ou adaptação, ou seja, sobreviver e reproduzir-se. Um desses mecanismos foi equipar o cérebro com uma *caixa de ferramentas do prazer*, levando o *Homo sapiens* a considerar como prazeroso tudo aquilo que possa contribuir para o seu sucesso genético. Os principais instrumentos geradores de prazer no cérebro, segundo biólogos evolucionistas, estão relacionados com *alimentação, sexualidade, segurança, paternidade, amizade, status e conhecimento*. Precisamos, agora, descobrir prazeres que não aqueles definidos biologicamente pela evolução: o prazer de coisas simples como a conversa amigável, a música e a leitura; o prazer em ajudar, estudar, descobrir, o prazer de sentir-se crescendo espiritualmente.

Pois ninguém aprende com a experiência do outro. Quando uma jornalista perguntou à Dra. Elizabeth Klüber-Ross se ela acreditava na existência dos Espíritos, ela respondeu enfaticamente:

- “Não, minha filha, eu não creio! Eu *sei* que os Espíritos existem”.

Para ela, a existência de um mundo espiritual não era mais uma questão de fé, de crença. Ela própria vivera as experiências mediúnicas, pois dialogara com doentes terminais que lhe apareceram depois da morte, falando-lhe da imortalidade da alma. Não precisava do artifício da fé, porque não mais dependia da experiência de outrem. Quando vivemos a experiência, não é mais uma questão de fé, mas de convicção.

Um comediante norte-americano disse, jocosamente, que no dia em que entrou no primeiro grau, sua mãe foi até a escola e disse ao professor: “Quando meu filho se comportar mal, por favor, bata na criança que está ao lado dele e assim ele aprenderá pelo exemplo”. A graça da anedota está no absurdo da ideia. As experiências dos outros podem nos informar sobre determinada situação, nos esclarecer sobre fatos e consequências, mas não poderão jamais ser contabilizadas como elementos de construção pessoal: o progresso é particular, próprio, intransferível, pois se verifica na intimidade da criatura. Dá-se de dentro para fora. Ninguém negará o valor do estudo e do esclarecimento. Mas o valor deles está em facilitar a nossa realização, esclarecendo sobre uma ou outra coisa, mas não representam desenvolvimento espiritual de verdade, que se verifica na concretude da vida real.

O aprendizado exige a concretude do ato, e, muitas vezes, da repetição do mesmo ato. Vejamos um exemplo: queremos fazer um bolo de chocolate tal como ensinado em determinado programa de TV. Quais os passos a seguir? Sentamo-nos diante da TV com um bloco de anotações. Registramos cautelosamente todos os passos, observando atentamente como foi feito. Memorizamos a receita. Somos capazes de reproduzi-la para qualquer pessoa. Pois bem, podemos afirmar que sabemos fazer o bolo? Obviamente, não! Para aprender a fazê-lo precisamos “colocar a mão na massa”, ou seja, precisamos colocar em prática tudo aquilo que aprendemos na teoria. Na primeira tentativa, talvez, o bolo fique sovado, na segunda, fofo demais, na terceira, grudará na forma. Possivelmente, depois de várias tentativas, o bolo fique bom. Aí sim, podemos afirmar: aprendemos como se faz um bolo de chocolate!

Evoluir é, sobre certo aspecto, como aprender a andar de bicicleta. Quem deseja fazê-lo se inscreve em um curso teórico ou compra o manual “Como andar de bicicleta”? Não! O aprendiz sobe na bicicleta e tenta andar. Tomará algumas vezes, até que seu cérebro, “domando” os circuitos relacionados ao equilíbrio, automatize o processo e aprenda a andar sem cair. Enquanto Espírito jovem, em encarnações primitivas, a bicicleta nos é oferecida com duas rodinhas. A tutela da Espiritualidade superior é maior, como se dá com as crianças, e a evolução mais lenta. Posteriormente, um pouco mais amadurecidos, uma das rodinhas é retirada (como se os anjos guardiães dissessem: “tente você mesmo!”). Mais adiante, finalmente, identificados com uma evolução consciente, mais maduros diante da possibilidade de fazermos por nós mesmos, a segunda rodinha também é retirada e passamos a ser responsabilizados por nossas escolhas.

^[i] O Livro dos Espíritos, item 634

^[ii] O Livro dos Espíritos, item 209

^[iii] O Livro dos Espíritos, item 394

^[iv] A Gênese, cap. XI

^[v] O Livro dos Espíritos, item 119

Paixões espirituais e paixões humanas

Kardec definiu *paixão*, no comentário à questão 908 de *O Livro dos Espíritos*, como o *exagero de uma necessidade ou de um sentimento*, acrescentando que *ela se encontra no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer*. Embora se admitam boas paixões, via de regra, nos focamos nas más, sendo elas, muitas vezes, responsáveis por nossas más inclinações e os deslizes morais relacionados a nós.

O pensamento kardequiano propõe que as paixões más são de duas ordens: as humanas e as espirituais. Como veremos a seguir, as paixões humanas decorrem da influência do corpo e, portanto, são inerentes à corporeidade, enquanto as paixões espirituais acompanham o Espírito onde ele se encontra, pois são ínsitas a ele mesmo. Kardec apresenta essa ideia em *O Livro dos Espíritos*, item 605-a, ao afirmar que as paixões humanas têm duas fontes diversas: algumas paixões (que Kardec denominou no item 971-a de *paixões materiais*) derivam dos *instintos da natureza animal*, enquanto as outras (que poderiam ser denominadas de *paixões espirituais*) decorrem das *impurezas do Espírito encarnado*. No item 611, Kardec retoma o assunto e afirma que *de animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria*.

Segundo o texto, as *paixões materiais* decorrem dos instintos da natureza animal. Instinto é algo que vem pronto, acabado, que não é construído e nem escolhido, ou seja, um impulso automático, como o instinto de defesa, o instinto reprodutivo etc. Natureza, por sua vez, é algo que não é produto do homem, que o homem já encontra pronto, portanto, refere-se ao corpo, à biologia, aos genes. Assim, podemos considerar como *paixões materiais* aquelas que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Os estudos relacionados à Genética do comportamento têm considerado como traços humanos com importante componente hereditário, portanto biológico, condições como a gula, o vício do cigarro, do álcool, das drogas e do jogo. Talvez essas inclinações se identifiquem com o conceito kardequiano de *paixões materiais*.

Na tradição evangélica, tal conceito foi expresso por Jesus, ao afirmar que *a carne é fraca* (Mateus 26:4) e Paulo ao colocar que *a carne milita contra o Espírito* (Gálatas 5:17). Kardec é também explícito neste texto da Revista espírita de janeiro de 1866: *o Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades que lhe impõe esse mesmo organismo*.

As *paixões espirituais*, por sua vez, decorrem das impurezas do Espírito, portanto, são fragilidades inerentes à própria individualidade. Elas não dependem de uma organização específica para se manifestar. Paixões pelo poder ou pela necessidade perturbadora do sucesso talvez sejam bons exemplos de *paixões espirituais*, pois têm suas raízes no egoísmo, no orgulho, na inveja, no ciúme e na vaidade, acompanhando o Espírito por toda a parte e sendo superadas paulatinamente com o progresso moral.

A classificação das paixões em *humanas* e *espirituais* é evidente também no diálogo de Kardec com o Espírito São Luís, na Revista espírita, fevereiro de 1859, ao ser examinada a questão dos Espíritos que tomam a forma humana, denominados de agêneres. Kardec pergunta: *Os Espíritos têm paixões?* São Luiz responde: *Sim; como Espíritos, têm as paixões dos Espíritos, conforme sua inferioridade. Se algumas vezes tomam um corpo aparente é para fruir as paixões humanas; se são elevados, é com um fim útil que o fazem*.

Mas sendo assim, como entender a situação de Espíritos desencarnados que relatam determinadas sensações que parecem evocar paixões terrenas? Muitos se queixam de fome e sede, tormentos sexuais, ou se ligam a indivíduos viciados em tóxicos ou jogo, como que se “absorvessem” energias liberadas pela experiência do vício. Tais relatos devem ser categorizados como *crença pessoal*, e não como necessidade real. São entidades que viveram intensamente os prazeres da corporeidade e conservam fortemente certas impressões terrenas. Kardec comenta que, após a partida da Terra, principalmente para os que tiveram paixões muito intensas, uma espécie de atmosfera os acompanha, e que o Espírito desligado do corpo se ressentido, durante algum tempo, da impressão dos laços que os uniam (LE, item 378). Acrescenta Kardec que os Espíritos conhecem os sofrimentos físicos, porque os sofreram, passaram por eles; mas não os sentem como nós,

materialmente, porque são Espíritos (LE, item 253). E afirma ainda que *a lembrança do que tinham sofrido durante a vida é muitas vezes mais aflitiva que a realidade. É, frequentemente, uma comparação com que, na falta de coisa melhor, exprimem sua situação. Quando se lembram do seu corpo, experimentam uma espécie de impressão, como quando se tira um casaco e se tem a sensação, por um tempo, que ainda se está vestido.* (LE, item 256)

Embora nos pareça doutrinariamente relevante a classificação didática proposta por Kardec, do ponto de vista prático, não deve possuir tanta importância assim. Identificando em nós inclinações más, sejam elas decorrentes ou não da corporeidade, compete-nos lutar contra elas, cientes de que a experiência encarnatória é sempre de crescimento e que o Espírito, em qualquer circunstância, é o gerente de suas próprias decisões, podendo superar suas tendências ruins através do autocontrole e do esforço pessoal.

O Espírito e a seleção dos genes

Sabemos que os genes herdados pelo Espírito reencarnante e que vão ser responsáveis pela construção de seu novo corpo são “selecionados” pelo Espírito, quando da ligação mental aos gametas, o espermatozoide paterno e óvulo materno. Tal atração magnética se dá em virtude da condição intelecto moral da individualidade em vias de se ligar à matéria e de suas necessidades evolutivas. Em condições especiais, esses gametas são escolhidos e magnetizados por técnicos da espiritualidade, mas são respeitados os mesmos princípios de merecimento e necessidade.

A identificação do Espírito com determinado contexto reencarnatório não se dá de forma aleatória. A presença numa ou noutra família corporal e em uma cultura específica obedecem a princípios de afinidade espiritual, onde individualidades afins se reencontram para viver experiências em comum.

De forma equivalente, os genes que vão construir e fazer funcionar o novo corpo não são resultado do acaso, mas “selecionados” pelo reencarnante quando de sua imersão na matéria física. A seleção do genoma que mais se identifica com as necessidades do Espírito reencarnante é condição essencial ao desiderato de sua existência corporal. O processo da fecundação, onde o espermatozoide que “vence a corrida” penetra na intimidade do óvulo, formando a célula ovo, é “gerenciado”, geralmente de forma inconsciente, pelo Espírito que retorna à Terra.

A lei de causa e efeito vincula o reencarnante ao aparelho genésico de uma mulher que se relaciona com ele por elos de afinidade espiritual. A ligação inicial da entidade reencarnante será ao óvulo materno. Os ovários da mulher possuem cerca de 400 mil óvulos quando da primeira menstruação. Mensalmente, um óvulo (os ovários se alternam ciclicamente), por influência de hormônios liberados pela glândula hipófise, sofre o processo de amadurecimento e é liberado pelo ovário, sendo recolhido pela tuba uterina. Os cientistas admitem, até então, que a ovulação seja um processo aleatório, ou seja, não são conhecidos os fatores que determinam qual óvulo, em detrimento de outros, sofrerá processo de amadurecimento e liberação.

Esse processo, todavia, não é aleatório. O psiquismo reencarnante, via seu campo magnético, sintoniza-se com o gameta feminino cujo conjunto de genes se identifica com as suas características pessoais, ou seja, sua identidade espiritual, onde se refletem, de forma automática, suas necessidades evolutivas. As energias da entidade reencarnante projetadas no óvulo “selecionado”, vão magnetizar essa célula, disparando o mecanismo fisiológico conhecido pela biologia reprodutiva como *ovulação*.

Processo idêntico ocorre quando da “seleção” do gameta masculino. No ejaculado humano, milhões de espermatozoides disputam o privilégio de unir-se ao gameta feminino ao término da disputada corrida, através do aparelho genital feminino. Qual espermatozoide vencerá a corrida? O mais apto, afirmam os pesquisadores! Na verdade, vencerá a corrida o espermatozoide que carrega em seus vinte e três cromossomos os genes que sintonizam com o psiquismo reencarnante.

Ao fim da corrida, que se dá, via de regra, no terço posterior da tuba uterina, espermatozoide (carregando 23 cromossomos) e óvulo (igualmente com seus 23 cromossomos) fundem seus núcleos, dando origem à célula ovo, com os 46 cromossomos da espécie humana. Nesse instante, o Espírito reencarnante concentra suas energias na célula que acaba de se formar, ligando-se, então, de forma mais ostensiva, à dimensão material.

O reconhecimento desse processo, todavia, pode dar-nos a ideia equivocada de que **todos** os genes são assim selecionados, segundo os critérios de atração e afinidade. Isso não se verifica e é importante compreendermos por quê.

Embora o Espírito participe da seleção dos gametas (espermatozoide e óvulo) responsáveis pela formação de seu corpo físico, desse fato não se pode concluir que o reencarnante “seleciona” de forma indiscriminada *todos* os genes que “deseja”, “merece” ou “precisa”. Existem leis biológicas que serão obrigatoriamente respeitadas. Uma dessas leis deixa evidente que certos genes estão tão próximos em região específica do cromossomo que serão selecionados **em conjunto**, como um verdadeiro pacote. Quando da formação dos gametas (espermatozoide e óvulo), esses genes permanecem sempre muito juntos e não podem ser separados. Isso se chama *linkage*, ou seja, genes unidos. Assim, ao “selecionar” determinados genes

necessários à sua nova experiência encarnatória, o Espírito pode “carregar” outros genes, que não foram necessariamente “escolhidos”, mas que vêm no pacote.

Vejamos um exemplo hipotético: determinado Espírito deseja (ou precisa) viver experiências na esfera da música, na condição de pianista. Ao sintonizar-se com o gameta paterno e materno, o fará com aqueles que contêm genes vinculados à fisiologia musical do cérebro. Assim, a construção e o funcionamento de um cérebro com circuitos mais adequados ao exercício da música lhe estarão assegurados. Se, por hipótese, junto a esses genes se encontram genes relacionados, por exemplo, à calvície, eles virão juntos. Ele deverá se constituir em um *pianista calvo*. Os genes da calvície, nesse nosso exemplo, não foram selecionados pelo reencarnante, mas vieram, por linkage, no pacote.

Um outro exemplo: certa entidade precisa ou deseja desenvolver experiências profissionais em dada atividade esportiva, necessitando de um aparelho osteomuscular adequado. Assim, ele vai selecionar os genes ancestrais que permitirão construir um corpo com as características físicas que necessite. Se, por hipótese, esses genes estiverem ligados (em *linkage*) no mesmo cromossomo a genes relacionados, por exemplo, à obesidade e à gagueira, esse hipotético atleta deverá lutar em toda a sua existência contra as dificuldades relacionadas às duas condições citadas.

Acredito que a compreensão do fenômeno do *linkage* possa nos ajudar a entender certas condições verificadas com a personalidade reencarnada, que, sem esse entendimento, poderiam parecer estranhas ou injustificadas.

O Espírito e os estados de inconsciência

Define-se *consciência* como a experiência subjetiva de mundo de uma pessoa.^[ii] O indivíduo consciente é capaz de perceber o que se passa em si mesmo e no que o cerca. Algumas condições são, tradicionalmente, relacionadas a estados de inconsciência, ou seja, a ausência dessas experiências subjetivas: o sono profundo (sem sonhos), o coma e a anestesia geral profunda.

A condição do Espírito nos estados de inconsciência foi bem estabelecida por Emmanuel, quando chamado a esclarecer o tema. Embora a pergunta se vincule ao estado de coma, acreditamos que possa se aplicar aos demais estados. O benfeitor de Chico Xavier assim se manifestou:

“Seu estado será de acordo com sua situação mental. Há casos em que o Espírito permanece como aprisionado ao corpo, dele não se afastando até que permita receber auxílio dos Benfeitores espirituais. São pessoas, em geral, muito apegadas à vida material e que não se conformam com a situação. Em outros casos, os Espíritos, apesar de manterem uma ligação com o corpo físico, por intermédio do perispírito, dispõem de uma relativa liberdade. Em muitas ocasiões, pessoas saídas do coma descrevem as paisagens e os contatos com seres que os precederam na passagem para a Vida Espiritual”.^[iii]

Curiosamente, os pesquisadores da área da psicologia, embora com viés materialista, têm relatado alguns experimentos que mostram que, mesmo em condições de inconsciência, o indivíduo parece registrar muito do que passa à sua volta. Vejamos algumas evidências:

Sono

Evidências mostram que, mesmo estando profundamente adormecido, o indivíduo encontra-se vigilante. Corroboram esse pensamento os seguintes argumentos:

- a) mães adormecidas despertam com o choro do bebê, enquanto continuam dormindo mesmo expostas a sons muito mais intensos, como sirenes do corpo de bombeiro;
- b) pessoas que dormem ao lado de crianças pequenas ou animais não rolam por cima delas ou caem da cama;
- c) as pessoas mudam de posição muitas vezes durante a noite, mesmo dormindo, buscando se acomodar a uma posição mais confortável.^[iiii]
- d) na solução de problemas foi provado que o sono aumenta a probabilidade de que um insight seja produzido.^[iv]

Sob anestesia geral

Estudos patrocinados por psicólogos cognitivos procuraram examinar a possibilidade de registros mentais se darem mesmo estando o indivíduo numa condição de inconsciência sob efeito de anestesia geral. Os psicólogos decidiram estudar o efeito da primação auditiva. O termo primação vem sendo usado em psicologia cognitiva para designar o fato de que a apresentação de um primeiro estímulo facilita o seu reconhecimento posterior. Um assunto previamente discutido será obviamente evocado mais facilmente que outro nunca examinado. A primação pode ser avaliada através de testes de completar palavras a partir de umas poucas letras iniciais. As pessoas tendem a se valer de palavras que lhe são afeitas, ou lembradas recentemente.

Às vezes, estamos cientes dos estímulos de primação: recordamo-nos conscientemente dos estímulos prévios. Entretanto, a primação ocorre mesmo quando os estímulos são apresentados de uma maneira que não permite a entrada deles na consciência (por exemplo, é apresentado muito brevemente para ser registrado de modo consciente).

Uma aplicação interessante da primação auditiva foi utilizada com pacientes sob efeito de anestesia. Enquanto estavam anestesiados, foi apresentada a vários indivíduos uma lista de palavras. Após o efeito de a anestesia passar, eles respondiam às perguntas com sim/não e completavam as letras com as palavras ouvidas. Os pacientes respondiam às perguntas sim/não. Eles não relataram conhecimento consciente das

palavras. No entanto, na tarefa de completar as letras, mostraram evidências de primazia. Os pacientes completaram as letras com itens que lhes foram apresentados enquanto estavam anestesiados. Esses resultados demonstram que, mesmo quando o indivíduo não tem nenhuma lembrança de um evento auditivo, o evento ainda pode afetar seu desempenho. ^[v]

Coma

Existem evidências indicando que, também durante o coma, o indivíduo pode processar informações. O caso do ferroviário polonês Jan Grzebsk foi seriamente estudado por neurologistas. Em junho de 2007, aos 67 anos de idade, despertou de um coma de 19 anos. Grzebsk se lembrava de eventos ocorridos ao seu redor durante o coma, incluindo os casamentos de seus filhos. ^[vii]

Os psicólogos que examinam todos esses fenômenos acreditam que eles podem ser explicados pela capacidade do cérebro de registrar fatos de forma subliminar, ou seja, fora da consciência. Parece-nos, contudo, mais simples aceitar a ideia de que o Espírito desdobrado do corpo, em consequência da condição cerebral, pode dar-se conta do que se passa em seu entorno e, ao retornar à vida consciente, lembrar-se de parte do que registrou. Daí a importância da prece, do equilíbrio, da palavra amiga e fraterna, da transmissão de paz, das conversações edificantes de todos aqueles que cercam o indivíduo identificado com as condições examinadas, sejam profissionais de saúde, parentes e amigos. Ele pode estar percebendo muito mais do que podemos supor.

[i] Ciência psicológica, Michael Gazzaniga.

[ii] Livro Plantão de Respostas – Pinga-Fogo II, publicado pela Editora CEU.

[iii] Ciência psicológica, Michael Gazzaniga.

[iv] Psicologia cognitiva – Robert Sternberg.

[v] Psicologia cognitiva – Robert Sternberg.

[vi] Ciência psicológica, Michael Gazzaniga.

Cirurgia de troca de sexo: o que pensam os espíritas

A cirurgia de mudança de sexo, chamada corretamente *deredesignação sexual*, foi aprovada, no Brasil, pelo Conselho Federal de Medicina, no ano de 2002, para indivíduos maiores de 21 anos, com diagnóstico médico de transexualidade por pelo menos 2 anos, após avaliação de equipe multidisciplinar constituída por psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social. O transexual é o indivíduo que tem o sexo biológico com que nasceu, mas tem a identidade sexual do sexo oposto: um homem que se olha no espelho e se vê e se sente mulher, e uma mulher que se olha no espelho e se vê e se sente homem. A transexualidade é uma definição baseada na identidade sexual e não na orientação sexual, e, assim, se diferencia da homossexualidade, que é uma condição relacionada unicamente ao desejo. O homossexual sente atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo, mas ele não se vê e não se sente como sendo do sexo oposto.

Nem todas as pessoas transexuais sentem necessidade de realizar a cirurgia. Algumas se sentem bem com o corpo e se aceitam sem rejeição ao seu aspecto ou órgão genital. Àquelas que desejam uma intervenção cirúrgica, o Sistema único de saúde disponibiliza alguns procedimentos como retirada de seios, retirada cirúrgica do útero (para livrar-se das menstruações) e a transgenitalização (cirurgia de modificação dos genitais – retirada de testículos e construção de vagina ou retirada de ovários e construção de um pênis). O tratamento hormonal está acessível nos ambulatórios especializados em grandes centros.

Uma das discussões em torno dessa temática é sobre a taxa de indivíduos que se arrependem de ter feito a cirurgia. A taxa é baixa. Alexandre Saadeh, psiquiatra coordenador do ambulatório que cuida de pessoas trans no Hospital das Clínicas de Medicina da USP, afirma que como a triagem e preparo antes da operação são maçantes, é muito raro encontrar-se um caso de arrependimento pós-cirúrgico.^[ii]

Entre os espíritas não há consenso quanto à validade e aplicabilidade dessas cirurgias. Analisemos algumas posturas.

Postura contrária

Manifestaram-se contrariamente à redesignação sexual dois importantes médiums do nosso movimento espírita: Chico Xavier e Divaldo Franco. Entrevistado pelo jornal *Folha Espírita* em outubro de 1996, Chico comentou a respeito de uma comunicação recebida por ele de uma pessoa que desencarnou em Paris e se submeteu a esse tipo de cirurgia, trocou o nome, mas, ao chegar ao espaço, seus familiares lhe disseram que enquanto fosse o tempo em que devia durar a sua permanência na Terra, ele teria de usar o nome de homem com o qual se caracterizava neste mundo. Comentou ser possível, em casos de pessoas portadoras de dificuldades morfológicas muito grandes, que se utilize da cirurgia plástica para regenerar-se, no entanto, no que se relaciona a à cirurgia de mudança de sexo, comentou:

Agora, simplesmente por uma questão psicológica, por exemplo, para o homem que nasce com tendências femininas ou para a mulher que manifesta, desde cedo, tendências masculinas, eu creio que, só por isso, não se deve fazer essa cirurgia. Vamos esperar que o médico ajude o cliente a pensar muito, porque se o médico encontra um corpo morfológicamente perfeito, com as características masculinas ou femininas, creio que seria contrariar demais a lei de causa e efeito e a necessidade de segregação daquele espírito na cabine do corpo, porque a operação seria apenas uma questão de caça-prazer.^[iii]

O principal argumento apresentado por Chico é que tal cirurgia vem de encontro à necessidade do espírito de viver uma experiência em um corpo que não se identifica com a sua psicologia. Tal procedimento viria contrariar a lei de causa e efeito.

Divaldo Franco defende posição equivalente. Segundo ele, trata-se de uma

[...] violência que o indivíduo impõe a si mesmo lhe trará graves danos na atualidade e em futuras reencarnações. Como o psiquismo é o elemento mais importante na relação espírito-matéria, o ato de detestar o próprio corpo ficará impregnado na organização psíquica e repercutirá na encarnação seguinte. Além disso, as modificações anatomofisiológicas

promovidas pela cirurgia de mudança de sexo implicam criar a reminiscência de um corpo que o indivíduo já possuiu e em cuja experiência possivelmente fracassou, necessitando agora permanecer em uma condição fisiopsicológica oposta àquela que lhe trouxe comprometimentos espirituais severos. Isso nos permite concluir que a tentativa de modificação do sexo é uma proposta desaconselhável, nada obstante o direito que cada qual possui de agir conforme lhe pareça melhor. Quando uma cirurgia ou intervenção radical no corpo é feita devido a uma necessidade inevitável, para preservação da saúde, as alterações anatomofisiológicas dela provenientes não afetam o perísprito que cria matrizes quando de ocorrências de tal porte. Permanece como órgão modelador em condições saudáveis para futuras experiências reencarnatórias. Contudo, nos casos da transexualidade, quando há amputações ou reconstruções de órgãos, nele ocorre inevitavelmente uma grave lesão, que é o resultado da contribuição do psiquismo do paciente que deseja driblar as leis da Natureza para exercer o sexo a qualquer preço, com o objetivo de experimentar sensações que a vida lhe negou, estando incurso em um processo de reeducação evolutiva.^[iii]

No texto, Divaldo ratifica a argumentação de Chico da necessidade da entidade reencarnada na condição trans viver aquela experiência, sem “driblar as leis da natureza”, comentando que a cirurgia de troca de sexo poderia acompanhar-se de consequências atuais e futuras, apresentando a ideia de uma possível lesão perispiritual.

Os que se manifestam contrariamente à cirurgia de redesignação sexual se reportam também ao pensamento de Joanna de Ângelis, apresentado no livro *Dias gloriosos*, cap. 14, quando, examinando as possíveis influências da mente materna e da engenharia genética no sexo do bebê, coloca que *na vã tentativa de mudar-se o sexo, na formação embrionária ou noutra período qualquer da existência física, desafia-se a lei de harmonia vigente na Criação, o que provocará distúrbios sem nome na personalidade e na vida mental de quem lhe sofrer a ingerência.*

Philomeno de Miranda, por sua vez, embora não trate especificamente da cirurgia, examinando a transexualidade, afirma, no livro *Loucura e Obsessão*, cap. 6, que não há para essas marcas da alma outro tratamento que não seja a superação do problema mediante a abstinência, canalizando-se as forças sexuais para outros labores.

Postura favorável

Posições favoráveis existem entre outros estudiosos espíritas. Jaider Rodrigues de Paulo, psiquiatra e fundador da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais, comenta que, ao longo de sua prática profissional, testemunhou inúmeros casos de pacientes transexuais que rejeitavam as suas formas físicas porque eram diferentes dos seus sentimentos, de sua identidade psíquica. Isso causava imensos conflitos e inibições. Uma delas, lembra o Dr. Jaider, chegou a mutilar o pênis, dizendo que aquilo não lhe pertencia, sendo socorrida em pronto-socorro em estado grave. Outro paciente chegava a ver um pênis no lugar de vagina, negando a sua forma feminina, porque não se sentia mulher. Comenta, ainda, sobre uma paciente que desde criança se sentia mulher em um corpo de homem. Gostava de elementos femininos e quando adulta toda a sua expressão era de mulher. Estava fazendo rifas, coletando doativos para fazer cirurgia de transgenitalização na França. Tinha um pretendente, mas só iria namorar depois da cirurgia. Escreveu o Dr. Jaider:

Será justo ignorar a dor humana e deixar essas pessoas nesse sofrimento? Pedagogicamente, o que é mais sensato e produtivo: um ser reprimido, excluído, deprimido e constrangido, ou mais sintonizado com a existência e produtivo para si e para a sociedade? Deixemos às pessoas transgêneras decidirem os seus caminhos, aceitando-as nas suas maneiras de ser e sentir, valorizando o espírito imortal que todos somos, filhos de Deus.^[iv]

O atual presidente da citada instituição, Andrei Moreira, vem estudando atentamente temas relacionados à sexualidade e apresentou suas ideias em duas obras: *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal* e *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*. Andrei comenta que as pessoas transexuais vivem, em graus variáveis, a disforia de gênero, ou seja, o sofrimento psíquico decorrente da distonia entre a

sua psicologia e seu corpo. Esse sofrimento é variável de indivíduo para indivíduo, mas alguns o vivem tão intensamente que chegam a mutilar a própria genitália, pois sentem seus órgãos sexuais como aparato sexual errado. Muitos trans nem sequer olham para os genitais diretamente, ou no espelho. Muitos se tocam apenas para realizar as funções higiênicas, mas apenas com uma toalha. Para estes, o autor entende que a cirurgia de mudança de sexo é sentida como algo essencial para estarem em paz consigo mesmos. Escreveu:

Se as experiências da encarnação possuem caráter educativo, qual o sentido de se querer obrigar uma pessoa a viver de uma determinada forma que provoca ainda mais sofrimento e dor, culminando muitas vezes no suicídio? Além disso, o que impede uma pessoa que se aceita como transexual, ou mesmo que tenha passado pela terapia hormonal e cirurgia, de, ao longo da vida, refletir sobre a sua própria condição e “reajustar os próprios sentimentos? As conquistas reais giram em torno da mente/espírito, mas muitas vezes insistimos em construir padrões e normas sustentadas pelas bases da matéria [...] Mesmo aqueles que sentem vontade e conseguem passar pela redesignação sexual experimentam, ao longo da vida, reflexões sobre os porquês e paraquês dessa experiência. ^[v]

Examinando a questão da possível afetação do perispírito, Andrei comenta que o mesmo é reflexo do corpo mental, sede da mente, de onde promana o pensamento como manifestação da vontade do Espírito. Dessa forma, o corpo astral reflete aquilo que vai na mente do Espírito. Assim pode-se deduzir que as pessoas transexuais possuem na mente uma imagem de si mesmos em sintonia com o seu psiquismo. Comenta:

Ao saírem do corpo, portanto, os transexuais provavelmente possuem o corpo astral em sintonia com sua imagem mental, ou seja, com a expressão sexual oposta ao seu corpo biológico. Se isso é verdadeiro, então a transgenitalização não seria nada mutiladora do corpo astral, por estar em sintonia com a imagem mental e também por não haver intenção de ferir-se ou autoagredir-se voluntariamente e, sim, de harmonizar biologia e psiquismo. ^[vi]

O argumento segundo o qual a cirurgia de troca de sexo estaria impedindo o espírito de passar pelas provas que necessita passar vem sendo combatido por alguns estudiosos, que consideram esse argumento como fatalista e perigoso, pois pode se associar a uma atitude conformista, estimulando a cultura do sofrimento. Esses estudiosos se reportam a duas mensagens mediúnicas inseridas por Kardec no cap. 5 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. A primeira mensagem, assinada por “um anjo da guarda”, consta do item 26:

Perguntais se é lícito ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: É lícito, àquele que se afoga, cuidar de salvar-se? Àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico? As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.

A segunda mensagem, encontrada no item 27, é assinada por Bernardino, Espírito protetor e procura responder à seguinte indagação: Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? O Espírito assim se manifesta:

Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso? Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar. Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até o ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheceis esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos

vossos irmãos: “Não irás mais longe? ” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abriu? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a Justiça de Deus, importa que siga o seu curso.” Dizei antes: “Vejam os meus irmãos, o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.”

Os que se posicionam favoráveis à cirurgia entendem que ela não dissolve a prova, que continua existindo na experiência conflituosa do indivíduo inserido em famílias e contextos sociais muitas vezes preconceituosos e excludentes. A cirurgia, segundo eles, estaria aliviando o sofrimento psíquico decorrente da distonia entre a identidade de gênero e o sexo biológico, prevenindo, muitas vezes, males maiores, como a dependência química, a prostituição, a delinquência, a loucura e o suicídio. A taxa de evasão escolar entre trans no Brasil é da ordem de 82% (muitas vezes motivado pelo intenso *bullying* que sofrem), o que contribui para baixa escolaridade, desemprego ou subemprego (o mercado de trabalho fecha as portas para as pessoas trans), o que predispõe à prostituição. Segundo dados da Antra – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 90% das travestis e transexuais se prostituem (a maioria delas após lherem negadas oportunidades de trabalho). As pesquisas demonstram que 41% dos jovens transexuais que não têm o suporte e aceitação da família tentam o suicídio até os 20 anos de idade. A comunidade trans/homo apresenta risco de autoextermínio oito vezes maior que a comunidade hetero em geral.^[viii]

Conclusão

Temas novos propõem reflexões novas. O Espiritismo apresenta um corpo de ideias definido por Allan Kardec e desenvolvido pelas obras subsidiárias, que nos auxiliam a refletir de forma mais ampla, pois se fundamenta nos princípios da existência, sobrevivência e pré-existência da alma, todavia não possui respostas prontas para todas as questões da individualidade humana. Necessário abrirmos mais espaços para que questões como essa e muitas outras sejam discutidas. Se, sem questionar, sem avaliar e compreender teimamos em dar respostas a partir unicamente de conceitos antigos, isso é preconceito. Se, por outro lado, impensadamente, nos abrimos para o novo e nos rendemos a ele sem buscar maior amadurecimento, podemos descambar para a leviandade.

Como observamos nos pensamentos relacionados anteriormente, a questão envolvendo a cirurgia de troca de sexo motiva posicionamentos antagônicos e é natural que seja assim. As diferenças que existem entre nós promovem a filosofia do diálogo, que é saudável, quando se alia ao espírito de fraternidade.

Instado a se posicionar quanto ao tema, Emmanuel coloca que *as cirurgias médicas para a mudança de sexo se enquadram nos princípios do livre-arbítrio com as respectivas derivações na lei de causa e efeito.*^[viii] Percebe-se que o Benfeitor delega à criatura a decisão final e de forma equivalente a responsabilidade diante dela. Será sempre assim: livre-arbítrio e responsabilidade caminham juntos. Seja qual for a nossa opinião pessoal, cabe-nos respeitar a decisão tomada pelos envolvidos, cuidando para não cairmos no terreno do apoio entusiástico ou da crítica contundente – porque a responsabilidade final será sempre de quem decide.

Referências:

[i] *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*, Andrei Moreira, cap. 5

[ii] *Lições de sabedoria*, cap. 36

[iii] *Sexo e consciência*, cap. 7, organizado por Luiz Fernando Lopes

- [iv] *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*, Andrei Moreira, prefácio.
- [v] *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*, Andrei Moreira, cap.4
- [vi] *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*, Andrei Moreira, cap. 5
- [vii] *Transexualidades sob a ótica do espírito imortal*, Andrei Moreira, cap.2
- [viii] *Lições de sabedoria*, cap. 36.

Nosso melhor momento

André Luiz assevera, no livro *Coragem: você está agora em seu melhor tempo – o tempo de hoje*. O recado do autor é enviado diretamente a cada um de seus leitores, ou seja, a cada um de nós. Estamos em nosso melhor momento! Acreditamos, com André Luiz, que nunca tivemos uma encarnação como esta, tão rica de possibilidades! Provavelmente, em nossa longa história pessoal, nunca tivemos acesso a informações tão precisas a respeito da vida e de nós mesmos. Possivelmente, nunca nos foram oferecidas tantas companhias sinceras e bem-intencionadas, exemplos de integridade e altruísmo. Quantas pessoas boas e amorosas ao nosso lado! Quantas relações ricas em sentimentos nobres! Quantas oportunidades de crescimento afetivo!

O pensamento do autor espiritual nos remete também às óbvias mudanças psicossociais decorrentes do movimento humanista. Nenhuma cultura na história jamais deu tanta importância aos sentimentos, desejos e experiências humanas.

A visão humanística da vida como uma sequência de experiências tornou-se o mito que fundamenta todas as atividades humanas. Não nos vendem passagens aéreas ou jantares elegantes – eles nos vendem experiências prazerosas ou inovadoras.

Enquanto as narrativas antigas se concentravam nos eventos e ações exteriores, hoje, os romances, filmes e poemas giram em torno de sentimentos. Os heróis nunca passavam por um processo significativo de mudança interior. Eram guerreiros destemidos e mantinham-se assim até o fim, sem alterar sua visão de mundo. Eles pouco aprendiam com os bandidos que matavam, ou com as donzelas que salvavam. O foco humanista em sentimentos e experiências transformou a arte e as expectativas humanas. Pouco nos importam cavaleiros corajosos e sua bravura. Queremos saber dos sentimentos das pessoas comuns, suas emoções e seus sonhos, suas carências e sua necessidade de realização pessoal. Esse meio de cultura favorece, de forma particular, o desenvolvimento das potências do Espírito.

Acrescenta-se a isso a especialíssima encarnação que vivemos. Uma longa preparação precedeu o nosso retorno à Terra: estudos continuados, treinamento de habilidades e assunção de compromissos no bem. Equipes de técnicos na dinâmica reencarnatória disponibilizaram-nos os seus melhores recursos. Nossa chegada ao planeta foi saudada com alegria e esperança pelos avalistas da nova existência, que continuam nos assistindo da dimensão espiritual. Nunca nos faltou suporte! No momento preciso, foram se aproximando de nós Espíritos afins, vinculados aos mesmos compromissos reencarnatórios, e as diferentes tarefas pertinentes à nossa programação foram eclodindo, nos momentos adequados, quando nos encontrávamos prontos para recebê-las.

Estamos agora devidamente aparelhados para fazer o que nos compete: aglutinar nossas melhores forças para produzir mais e melhor.

Comenta a teósofa Annie Besant, segundo o relato de Willian James (Livro: *Variedades da experiência religiosa*), que muitas pessoas nutrem bons sentimentos para com qualquer boa causa, mas poucas se esforçam por ajudá-la, e muito poucas arriscarão alguma coisa para apoiá-la.

- “Alguém deve fazê-lo, mas por que eu?” - é a pergunta sempre repetida por pessoas amáveis, mas acomodadas.

- “Alguém deve fazê-lo, por que não eu?” - é o grito de algum zeloso servo do homem, que se atira, animoso, para frente a fim de enfrentar algum dever perigoso. Entre essas duas sentenças jazem séculos inteiros de evolução moral. Homens que assumem o segundo pensamento não se limitam a criticar e conhecer com o intelecto. Suas ideias os possuem e eles as impõem aos companheiros ou à sua época.

Ao tomarmos ciência de toda a dinâmica das vidas sucessivas, visualizando a nós mesmos como almas em busca do “algo mais”, não podemos dizer: *Alguém deve fazê-lo, mas por que eu?* Conhecimento implica responsabilidade e as informações amealhadas precisam produzir frutos. Só uma assertiva, em virtude do exposto, cabe no pensamento de quem se identifica com o sentido da reencarnação: *Alguém deve fazê-lo, por que não eu?*

Não há quem sobreviva sem um significado na vida. Os que não encontraram um significado na vida deram cabo dela, pelo autoextermínio. Muitos buscam esse sentido nos prazeres primários, definidos pela evolução biológica, e que visam à sobrevivência da espécie: comer, beber ou fazer sexo. Alguns vão buscá-los em gozos um pouco mais sofisticados: beleza, patrimônio, destaque e poder. Outros ainda, extrapolando tudo isso, acreditam encontrá-lo nas drogas, e verificam, não muito tardiamente, que era ilusão. Nossa proposta é outra: buscar esse sentido na construção de uma personalidade respeitosa, nobre e generosa. Sermos, enfim, tudo aquilo que podemos ser.

A sede espiritual do sexo

O pensamento de que a sede do sexo encontra-se no Espírito foi apresentado por André Luiz em pelo menos duas obras. Em *No mundo maior*, cap. 11, André coloca que *a sede do sexo não se acha no corpo grosseiro, mas na alma, em sua sublime organização*, e voltou ao tema no livro *Evolução em dois mundos*, parte I, cap. XVIII, valendo-se das seguintes palavras: *a sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa*.

Proponho uma melhor avaliação do vocábulo *sexo* neste contexto.

Os dicionários apresentam para o vocábulo *sexo* três definições distintas:

1- Reunião das características distintivas que, presentes nos animais, nas plantas e nos seres humanos, diferenciam o sistema reprodutor; sexo feminino e sexo masculino.

2- Ação ou prática sexual; relação amorosa.

3- Os órgãos sexuais; genitália.

Não nos parece que essas definições (sexo como diferenciação fenotípica, relação sexual e órgãos sexuais) possam se identificar com a conceituação proposta pelo benfeitor. Na *Revista Espírita*, janeiro de 1866, Kardec bem definiu que *os Espíritos não têm sexo, pois os sexos só existem no organismo; os Espíritos não se reproduzindo uns pelos outros, os sexos seriam inúteis no mundo espiritual*. No *Livro dos Espíritos*, igualmente, nos itens 200 a 202, afirma que os Espíritos não têm sexo, pelo menos como nós o entendemos, pois que os sexos dependem da organização. Todavia, ao colocar a ideia de sexo como algo que nós entendemos, Kardec, apresenta a possibilidade para o uso da palavra *sexo* com outra conotação e talvez tenha sido o que fez André Luiz.

Voltando ao livro *No mundo maior*, cap. 11, encontramos profundas observações de André em torno do conceito de *impulso criador* e talvez esse conceito se reporte a sua definição singular de sexo, não proposta pelos linguistas encarnados. Segundo o autor, a individualidade espiritual possui em sua estrutura íntima uma força especial, investida de potentes faculdades criadoras – o impulso criador. Movida por essa força a coletividade humana avança, vagarosamente para o supremo alvo do divino amor. Desejo, posse, simpatia, carinho, criatividade, devotamento, renúncia e sacrifício constituem aspectos dessa jornada sublimadora, onde a alma vai aprendendo, paulatinamente, a se valer do impulso criador para conquistas mais nobres. Freud identificou esse impulso na libido – a energia erótica. Adler considerou-o no desejo de sucesso (não necessariamente pessoal, mas também coletivo) e Jung viu nele a possibilidade de aspiração superior. Segundo André, os grandes estudiosos da personalidade viram aspectos particulares do impulso criador, que, em verdade, constitui-se no somatório de tudo isso.

O tema é complexo e acredito que novas reflexões possam auxiliar-nos a melhor compreendê-lo. De qualquer forma, nós, Espíritos já dotados da evolução conscientes, estamos adequadamente instrumentalizados para nos valermos desse potente impulso em atividades que transcendem a vida comum, sem, obviamente, desconsiderarmos as necessidades próprias de nossa condição evolutiva e da corporeidade.

Desejo do melhor

No *Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXV – Busca e achareis - Kardec, ao examinar o conceito de progresso como filho do trabalho (na medida em que o trabalho põe em ação as forças da inteligência), se vale da expressão *desejo incessante do melhor*.

Lembra o codificador que, na infância da humanidade, o homem só aplicava a inteligência à procura do alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos. Deus, porém, lhe concedeu mais do que facultou aos animais, o *desejo incessante do melhor*, e é esse desejo que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição, que o leva às descobertas, às invenções e ao aperfeiçoamento da ciência.

O pensamento kardequiano se identifica com conceitos recentes apresentados pela Psicologia evolutiva, segundo os quais a evolução selecionou genes relacionados à construção e ao funcionamento do cérebro, que o equiparam com recursos geradores de prazer, possivelmente relacionados à sobrevivência humana. Centros geradores de prazer, estabelecidos em regiões específicas do cérebro, são ativados por alimentos saborosos, intercurso sexual, sensação de segurança, certa dose de poder ou a condição de ser considerado como uma pessoa especial e importante. Situações como essas por serem prazerosas, são buscadas com frequência, e nessa busca o indivíduo desenvolve as inteligências, como citado previamente por Kardec.

Se ingerir alimentos, sentir-se importante ou fazer sexo não gerasse certa dose de prazer, o homem se descuidaria de tudo isso e caminharia para a estagnação ou a morte.

Em decorrência dessa caixa prazerosa de ferramentas evolutivas chegamos onde estamos, em um nível de progresso intelectual jamais imaginado pela criatura humana, no entanto, o perfeito equilíbrio no trato com essa ferramenta evolutiva está ainda bem distante de nós. O prazer decorrente da ingestão de alimentos saborosos e altamente calóricos tem tido responsável pela mais obesa geração da história e os prazeres da libido têm atormentado milhões de almas e destruído lares e relações afetivas sinceras. O desejo de segurança se transformou para muitos em transtorno de personalidade, assustados diante de medos reais e imaginários, vivendo acuados em verdadeiras fortalezas. O prazer decorrente da sensação de controle vem sendo canalizado para o vício do poder com suas consequências danosas e a necessidade de destaque tem feito de muitas pessoas fantoches da opinião alheia, viciados no sucesso, no aplauso e no elogio.

Necessário tomarmos ciência dessa dinâmica e nos equiparmos de recursos que nos levem a um saudável equilíbrio entre a satisfação dos desejos através de prazeres universais e atitudes corretas, justas, responsáveis e nobres.

Viver em harmonia a fase evolutiva em que nos encontramos é saber adequar desejo e ponderação, uso e continência, prazer e responsabilidade.

Autoridade legítima

Um confrade muito estimado em nosso movimento espírita foi alçado a um cargo de alta posição hierárquica em uma Universidade pública federal. Ao ser indagado por que aceitara tal tarefa administrativa, na medida em que era um cidadão plenamente realizado do ponto de vista pessoal, familiar, profissional e religioso, ele respondeu:

– Estou cansado de ser mandado por quem é pior do que eu!

O fato nos leva a refletir sobre a grave questão da autoridade humana, e Kardec não se omitiu, dando o seu parecer. Ao examinar, n’O *Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo X, a passagem evangélica da mulher adúltera, colocou que *autoridade legítima é a que se apoia no exemplo que dá do bem*. E acrescentou que *a consciência íntima nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar*.

Todos temos nos submetido (involuntariamente e a contragosto) a dirigentes de conduta ética pouco recomendável, e não poderíamos agir de outra forma. A insubmissão civil levaria a sociedade para a anarquia, à balbúrdia e à violência. Mas, intimamente, sonhamos com o fim de todos esses desmandos.

Obviamente, que a convivência obrigatória com a perversidade humana faz parte das experiências de crescimento em um orbe de provas e expiações, mas sempre podemos reduzir a influência do mal agindo de forma elevada. Mostra André Luiz (*Entre a terra e o céu*, cap. I) que o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto a dissolver-se à medida que se reeducam as almas que a ele se aglutinam e afeiçoam. Deus tolera a desarmonia a fim de que, por intermédio dela mesma, se efetue o reajustamento moral dos Espíritos que a sustentam.

Kardec aborda ainda o tema, no cap. VII do E.S.E., ao afirmar que, *estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios*, mas acrescenta, de forma consoladora, *que quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, buscarão o remédio no bem*.

Para dissolvermos, portanto, o “quisto” da autoridade nefasta, nos compete pautar nossas atitudes em uma ética universal da criatura humana, respeitando os princípios da honestidade, justiça e fraternidade. Não inserirmos em nossa vida as práticas perniciosas que condenamos nos dirigentes e não nos negarmos a participar dos processos de escolha, fazendo-o de forma altruísta e abnegada.

Quando solicitaram ao filósofo grego Tales de Mileto uma regra de bem agir, ele disse:

– Nunca faças o que te desagrade ver os outros fazerem.

Atuando sempre assim, ameaharemos créditos para um dia – oxalá seja breve – possamos ser mandados por quem é melhor do que nós.

Adler e Kardec

Alfred Adler (1870-1937) foi um médico psiquiatra, membro original do pequeno grupo de médicos que se encontrava na casa de Freud, nas noites de quarta-feira, para discutir temas psicológicos. No entanto, quando surgiram as diferenças teóricas e pessoais entre Adler e Freud, Adler abandonou o círculo de Freud e estabeleceu uma teoria oposta, a qual se tornou conhecida como *Psicologia individual*. Enquanto ainda era membro do círculo restrito de Freud, converteu-se ao protestantismo. Embora, aparentemente, ele não mantivesse convicções religiosas profundas, nem se tenha referido explicitamente à dimensão do Espírito, sua teoria se identifica, em grande parte, com os princípios espíritas. Por isso, decidimos estabelecer um diálogo entre suas ideias e o pensamento kardequiano.

Em síntese, a teoria adleriana diz o seguinte: todas as pessoas nascem com uma tendência inata para a completude e a totalidade. Mesmo os bebês possuem um impulso inato em direção ao crescimento, à completude ou ao sucesso. As pessoas, por sua natureza, são continuamente impulsionadas pela necessidade de superar sentimentos de inferioridade e atraídas pelo desejo de completude. O sentimento de inferioridade, identificado em todas as criaturas, surge em decorrência da fragilidade e dependência da criança ao nascer. As deficiências físicas, naturais do indivíduo nos primeiros anos de vida, ativam complexos de inferioridade, que motivam a pessoa a lutar pela superioridade ou pelo sucesso. Indivíduos que não são psicologicamente saudáveis lutam pela superioridade pessoal, enquanto aqueles psicologicamente saudáveis procuram o sucesso para toda a humanidade.

Em sua teoria, Adler, portanto, identificou dois caminhos principais para superar o complexo de inferioridade. O primeiro é a tentativa socialmente não produtiva de obter superioridade pessoal; a segunda envolve interesse social e visa ao sucesso ou à perfeição para todos.

Algumas pessoas lutam pela superioridade com pouca ou nenhuma preocupação pelos outros; seus objetivos são pessoais e seus esforços são motivados, em grande parte, por tudo aquilo que podem conseguir para si mesmas. Assassinos, ladrões, vigaristas, parasitas familiares ou sociais são exemplos óbvios de pessoas que lutam pelo ganho pessoal. Algumas pessoas criam disfarces inteligentes para a sua luta pessoal e podem, de forma consciente ou inconsciente, esconder sua postura autocentrada por trás do manto da preocupação social.

Em contraste com as pessoas que lutam pelo ganho pessoal, há aqueles indivíduos psicologicamente saudáveis que são motivados pelo interesse social e pelo sucesso de toda a humanidade. Esses indivíduos estão preocupados com objetivos que vão além de si mesmos, são capazes de ajudar os outros sem exigir ou esperar uma recompensa e têm a capacidade de ver os outros não como oponentes, mas como pessoas com quem podem cooperar para o benefício social. O próprio sucesso não é obtido à custa dos outros, mas é uma tendência natural a se mover em direção à completude e à perfeição.

As pessoas lutam pela superioridade pessoal ou pelo sucesso coletivo para compensar sentimentos de inferioridade, porém a maneira como elas lutam é resultado da própria personalidade. A personalidade é construída a partir de materiais brutos fornecidos pela hereditariedade e pelo ambiente. Entretanto, essas forças não respondem de forma absoluta pela maneira de pensar, sentir e agir das pessoas. A personalidade é produto de uma *força criativa*, ou seja, a capacidade da pessoa de moldar livremente seu comportamento e construir a própria personalidade. Mesmo que a força criativa seja influenciada pelas forças da hereditariedade e pelo ambiente, ela é, em última análise, responsável pela personalidade das pessoas. As forças da natureza e a educação nunca podem privar uma pessoa de poder estabelecer um objetivo único ou escolher um estilo próprio de atingir o objetivo. Cada pessoa usa a hereditariedade e o ambiente como os tijolos e o cimento para construir a personalidade, mas o projeto arquitetônico reflete o estilo próprio daquela pessoa. A força criativa torna cada pessoa um indivíduo livre; é um conceito dinâmico que implica movimento, e esse movimento é a característica mais relevante da vida. Toda a vida psíquica envolve movimento em direção a um objetivo, movimento com uma direção.

E, finalmente, um último princípio básico de Adler: o valor de toda atividade humana deve ser visto segundo o ponto de vista do interesse social. Interesse social é a condição natural da espécie humana e a liga que a conecta à sociedade. A inferioridade natural dos indivíduos necessita de sua união para formar uma sociedade. Sem a proteção e a nutrição de um pai ou uma mãe, um bebê pereceria. Sem a proteção da família ou do clã, nossos ancestrais teriam sido destruídos por animais que eram mais fortes, mais ferozes ou dotados de sentidos mais aguçados. O interesse social, portanto, é uma necessidade para a perpetuação da espécie humana e do bem-estar coletivo.

O interesse social foi o critério de que se valeu Adler para medir a saúde psicológica. Segundo ele, o interesse social é a única escala a ser usada no julgamento do valor de uma pessoa. Os indivíduos saudáveis são genuinamente preocupados com as pessoas e possuem um objetivo de sucesso que abrange o bem-estar de todos.

Interesse social, para Adler, não é sinônimo de caridade e altruísmo, embora atos de filantropia possam estar vinculados ao interesse social. Uma mulher, lembra Adler, pode doar regularmente grandes somas de dinheiro para os pobres, não porque ela sinta uma sintonia com eles, mas, ao contrário, porque ela deseja manter uma separação deles.

Alguns aspectos podem ser destacados no resumo acima, por se identificarem, de forma surpreendente, com as ideias espíritas: o atributo da perfectibilidade, as diferenças básicas no estilo de vida humano, a presença do Espírito na construção da personalidade e o princípio da solidariedade humana como necessidade vital.

O atributo da perfectibilidade

Em *Obras Póstumas* pode-se ler o seguinte texto de Kardec:

Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo.

Podemos admitir, pelo texto, que o Espírito é criado com três atributos: a simplicidade, a ignorância e a perfectibilidade. Simples, porque é único, formado de uma só parte, homogêneo. Ignorante, porque sem experiências, sem conhecimento ou aquisições. Perfectível, porque dotado da potencialidade do progresso, de um projeto íntimo de desenvolvimento, de um propósito em direção a mais diversidade. Parece-nos que Adler, intuitivamente, se reporta ao atributo kardequiano da perfectibilidade em admitir uma tendência inata em todas as criaturas à completude e à totalidade. Segundo ele, essa tendência, identificada, na infância, com a fragilidade natural do bebê, faz surgir nele um complexo de inferioridade, que vai nortear a sua vida psíquica.

Estilos de vida

Adler admite que a forma como o indivíduo vai lidar com seu complexo de inferioridade vai definir seu estilo de vida e a riqueza (ou não) de sua existência, propondo dois tipos bem distintos: os autocentrados, egoístas, ocupados unicamente com seus interesses e os centrados no bem-estar coletivo, solidários e altruístas. Essa teoria de duas personalidades nas extremidades de um espectro existencial é vista em Kardec:

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades, que lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem. (LE, item 941)

Homem carnal e homem moral, na denominação de Kardec, podem ser metaforicamente considerados como as duas pontas de um espectro. Entre elas se encontra a grande maioria das almas reencarnadas na Terra.

Construção da personalidade

Adler não definiu em que consiste a *força criativa*, e foi criticado por isso. Segundo os críticos, a expressão *força criativa* é especialmente ilusória, uma força mágica que toma os materiais brutos da hereditariedade e do ambiente e molda uma personalidade única. Tal conceito, segundo os críticos é simplesmente uma ficção e não pode ser estudado no âmbito científico.

Acreditamos que o conceito de *força criativa* se identifica com o próprio conceito de Espírito, do pensamento kardequiano. Genes e ambiente não conseguem explicar tudo aquilo que somos. Na estruturação de nossa personalidade temos que considerar a poderosa influência do Espírito, que traz para a corporeidade sua história, suas tendências, gostos e inclinações.

Segundo o codificador do Espiritismo, as diversas faculdades de um indivíduo são manifestações de uma mesma causa que é a alma, ou seja, o Espírito encarnado (*LE*, item 366). Sendo as qualidades da alma as do Espírito encarnado, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso a de um Espírito impuro (*LE*, Introdução, item VI). Acrescenta Kardec que a inteligência igualmente é um atributo essencial do Espírito e que o Espírito se reflete no corpo, que é modelado pelas qualidades do Espírito.

Examinando as predisposições instintivas, Kardec comenta que a fonte das faculdades inatas está na individualidade reencarnada, pois a alma traz, unindo-se ao corpo, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más (*RE*, 1860, pag. 209). A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, preexistente e sobrevivente ao corpo (*RE*, 1866, pag. 21).

Solidariedade humana

A fraternidade e a preocupação com o bem-estar coletivo são pontos muito fortes no pensamento kardequiano, tal qual pensava Adler, ao apresentar o conceito do *interesse social*. Kardec foi enfático nesse particular. O homem vale por aquilo que faz em benefício do próximo e da coletividade. Ao indagar dos Espíritos a respeito da mais meritória de todas as virtudes, recebeu deles a seguinte resposta:

Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade. (*LE*, item 893)

Nota do Autor:

As informações sobre Alfred Adler foram extraídas do livro *Teorias da personalidade*, de Jess Feist, Gregory Feist e Tomi-Ann Roberts, oitava edição, Artmed, 2015.

A tragédia da homofobia

[Yahoo Notícias](#) de 28 de agosto de 2018 informa: menino de 9 anos tira a própria vida após revelar a colegas que era gay.

Uma mãe americana está tentando transformar uma tragédia num alerta contra o bullying e a homofobia. O filho de Leia Pierce, Jamel Myles, de 9 anos, se matou, mas ela acredita que o suicídio do pequeno foi resultado de abusos e intimidações de colegas de escola, depois que Jamel se declarou gay.

Em entrevista ao jornal “Denver Post”, Leia relatou que, durante as férias de verão (inverno no hemisfério sul), o menino contou a ela que era gay.

“Ele disse: ‘mamãe, eu sou gay’. Eu pensei que ele estava brincando, então olhei para trás, porque estava dirigindo, e ele estava tão assustado. E eu disse: ‘e eu continuo amando você’”, contou Leia.

O menino disse à mãe que queria muito compartilhar a notícia com seus colegas de escola. “Ele foi para a escola e disse que iria contar para as pessoas que era gay”, relatou Leia. As aulas começaram na segunda-feira. Quatro dias depois, Jamel foi encontrado morto em casa.

“Quatro dias foi tudo o que durou na escola. Eu nem consigo imaginar o que disseram para ele. Meu filho contou para a minha filha mais velha que as crianças da escola disseram a ele para se matar. É tão triste que ele não tenha me procurado”, lamentou a mãe.

O Distrito Escolar do Condado de Denver instalou uma comissão de conselheiros para os estudantes da escola de Jamel. Cartas foram enviadas aos pais, lamentando a morte do garoto, “uma perda inesperada para a nossa comunidade escolar”, e aconselhando as famílias a ficarem atentas a sinais de estresse nas crianças.

Em entrevista à BBC, Will Jones, porta-voz do distrito, afirmou que os professores da Escola Fundamental Joe Shoemaker “estão criando um espaço para os estudantes compartilharem como estão se sentindo e processarem suas emoções”.

Apesar da dor, a mãe do menino tenta alertar as famílias sobre as consequências do *bullying*. Ela também cobra responsabilização dos pais daquelas crianças que praticam *bullying* contra outras. “Nós, pais, devemos ter responsabilidade pelo *bullying*. Eu acho que os pais devem ser responsabilizados porque, obviamente, eles estão ensinando as crianças a agirem assim ou estão tratando-as dessa forma”, afirmou Leia.

Muitos casos que se assemelham ao de Jamel vêm sendo registrados: incapazes de suportar a pressão social e a homofobia internalizada, pessoas identificadas com a orientação homossexual ou com a identidade transexual dão cabo da vida.

No caso relatado não se viu o abandono e a condenação da família, mas os estudos recentes têm mostrado que os grandes problemas relacionados, muitas vezes, a homossexualidade, como suicídio, prostituição e dependência química se dão em um contexto onde a família rejeita, condena e discrimina o ente querido envolvido^[1]. Incapaz de encontrar apoio e solidariedade nos afetos mais próximos, o homossexual sem uma melhor estruturação emocional segue um caminho indesejável, culminando, em atitudes que comprometem seriamente a sua experiência reencarnatória.

Nas raízes da reação homofóbica podemos aventar alguns fatores:

a) Fatores históricos

A homofobia pode ter fortes raízes culturais e se assentar na dificuldade em lidar com o diferente. Tal dificuldade tem elementos causativos no que vem sendo denominado de tribalismo, e nos remete ao Paleolítico, um período de nossa pré-história que antecede as construções de cidades, o cultivo de plantas para a alimentação e a domesticação dos animais. Vivíamos em bandos nômades constituídos de algumas dezenas de pessoas, como caçadores-coletores. O nosso grupo representava a nossa defesa contra animais predadores e outras tribos que se digladiavam por espaço, água, alimento e proteção. Era natural que vivêssemos armados uns contra os outros – tribos contra tribos. Tratava-se de uma questão de sobrevivência.

Muitos de nós cristalizamos em nossa maneira de ser e de pensar uma reação psicológica construída nesse distante período, e vivemos mentalmente armados contra o diferente, a outra tribo, uma espécie de tribalismo no qual as pessoas são neuroticamente leais a sua turma, a seu país, a sua etnia, a sua orientação sexual ou qualquer outro grupo social. Sob certo aspecto, o tribalismo alimenta a intolerância ante o diferente e todas as lamentáveis ocorrências derivadas dela: o racismo, o sexismo, a discriminação social, o preconceito relacionado à aparência física ou o jeito de vestir-se e à homofobia.

b) Fatores educacionais

A discriminação se inicia no lar, onde se dá a formação primária da personalidade. Trazendo das vivências anteriores a sua história pessoal de vida, suas inclinações, facilidades e dificuldades, o Espírito reencarnante se depara com o psiquismo da família e passa a sofrer sua profunda influência. Desejando se identificar com o jeito de ser dos pais, vai incorporando em si mesmo as inclinações paternas e maternas, reproduzindo em seus pensamentos, em suas falas e em suas atitudes, os pensamentos, falas e atitudes dos genitores. Assim, a reação homofóbica vai sendo repassada de geração em geração, até que os membros do clã se deem conta do atraso mental de tal comportamento e decidam pela mudança salutar.

c) Fatores pessoais

O Departamento de Psicologia da Universidade da Geórgia (EUA) concluiu que muitos homofóbicos são gays enrustidos. Em muitos casos, há um conflito tão grande quanto à própria sexualidade que o tormento se transforma em raiva e agressividade.^{liii}

Em estudo realizado no ano de 1996 os pesquisadores recrutaram 64 homens, com 20 anos em média, declaradamente heterossexuais. Eles enfrentaram uma bateria de perguntas que os dividiu em dois grupos: os que se sentiam mais e os que se sentiam menos desconfortáveis com o assunto homossexualidade. Em seguida todos foram equipados com um pletismógrafo peniano, aparelho que mede o grau de excitação do pênis em resposta a imagens. Os participantes assistiram a cenas de sexo heterossexual, entre duas mulheres e depois entre dois homens. Na última situação, cobaias do grupo com mais tendências homofóbicas tiveram quatro vezes mais aumento de volume peniano do que os do grupo formado por quem não se incomodava com homossexuais. Mais da metade dos "homofóbicos" teve ereção, enquanto menos de um quarto do outro grupo mostrou algum tipo de excitação ao ver as imagens de dois homens tendo relação sexual. Depois do teste, quando confrontados, todos os homofóbicos negaram a excitação que sentiram minutos antes.

A pesquisa não foi contestada durante todos esses anos e suas conclusões foram reforçadas por [outro teste mais preciso](#), realizado na Inglaterra em 2012, com imagens cerebrais de homofóbicos: a atitude negativa, a agressividade, a intolerância e a fobia se manifestam, muitas vezes, em pessoas que tentam reprimir o desejo sexual que sentem por outros do mesmo gênero.

Para resumir: muitos homofóbicos são pessoas que sentem grande desconforto quando pensam em homossexualidade; frequentemente são homossexuais reprimindo suas próprias tendências biológicas. Muitas pessoas que nascem gays em ambientes repressivos muitas vezes aprendem a suprimir a homossexualidade e sentem raiva dela. Essa autorraiva acaba projetada para fora, contra aquilo que parece com o que se odeia em si próprio.

Independentemente dos fatores causais, a reação homofóbica é injustificável, sob todos os aspectos, notadamente para os espíritas que conhecem a dinâmica das vidas sucessivas, das lutas íntimas que todos travamos e da necessidade de nos ajudarmos mutuamente em nossas experiências pessoais.

André Luiz, em obra psicografada em 1947^{liiii}, comenta que

[...] erro lamentável é supor que só a perfeita normalidade sexual, consoante as respeitáveis convenções humanas, possa servir de templo às manifestações afetivas. O campo do amor é infinito em sua essência e manifestação. Insta fugir às aberrações e aos excessos; contudo é imperioso reconhecer que todos os seres nasceram no Universo para amar e serem amados.

O autor volta ao tema, em obra de 1963^{liv} colocando que

[...] nos foros da justiça Divina, em todos os distritos da Espiritualidade Superior, as personalidades humanas tachadas por anormais são consideradas tão carecentes de proteção quanto as outras que desfrutam a existência garantida pelas regalias da normalidade, segundo a opinião dos homens, observando-se que as faltas cometidas pelas pessoas de psiquismo julgado anormal são examinadas no mesmo critério aplicado às culpas de pessoas tidas por normais, notando-se, ainda, que, em muitos casos, os desatinos das pessoas supostas normais são consideravelmente agravados, por menos justificáveis perante acomodações e primazias que usufruem, no clima estável da maioria.

Acrescentou, na mesma obra, que

[...] no mundo porvindouro os irmãos reencarnados, tanto em condições normais quanto em condições julgadas anormais, serão tratados em pé de igualdade, no mesmo nível de dignidade humana, reparando-se as injustiças assacadas, há séculos, contra aqueles que renascem sofrendo particularidades anômalas, porquanto a perseguição e a crueldade com que são batidos pela sociedade humana lhes impedem ou dificultam a execução dos encargos que trazem à existência física, quando não fazem deles criaturas hipócritas, com necessidade de mentir incessantemente para viver, sob o Sol que a Bondade Divina acendeu em benefício de todos.

Entrevistado pelo jornal *Folha espírita*, Chico Xavier colocou:

"Em minhas noções de dignidade do espírito, não consigo entender por que razão esse ou aquele preconceito social impedirá certo número de pessoas de trabalhar e de serem úteis à vida comunitária, unicamente pelo fato de haverem trazido do berço características psicológicas ou fisiológicas diferentes da maioria".^[vi]

No programa *Pinga-fogo*, em 1971, Chico havia se manifestado de forma equivalente:

[...] tanto quanto acontece com a maioria que desfruta de uma sexualidade dita normal, aqueles que são portadores de sentimentos de homossexualidade ou bissexualidade são dignos do nosso maior respeito e acreditamos que o comportamento sexual da humanidade sofrerá, no futuro, revisões muito grandes.^[vii]

Joanna de Ângelis, em obra de 2007, escreveu:

O fato de alguém amar outrem do mesmo sexo não significa distúrbio ou desequilíbrio da personalidade, mas uma opção que merece respeito, podendo também ser considerada como certa predisposição fisiológica. Pode-se considerar como uma necessidade sexual diferente com objetivos experimentais no processo da evolução. O amor, no entanto, será sempre o definidor de rumos em favor do ser humano em toda e qualquer situação em que o mesmo se encontre.^[viii]

E, recentemente, Divaldo também se manifestou:

Ser homossexual, amar alguém do mesmo sexo é um fenômeno perfeitamente normal. O conúbio físico com essa pessoa é uma opção pessoal. Não consideramos tal conduta como de natureza reprochada.^[ix]

^[i] Homossexualidade sob a ótica do Espírito imortal, Andrei Moreira.

^[ii] Revista superinteressante, 17/05/2016.

^[iii] *No mundo maior*, cap. 11.

^[iv] *Sexo e Destino*, cap. IX, parte II.

[\[v\]](#) *Lições de sabedoria.*

[\[vi\]](#) TV Tupi, 1971.

[\[vii\]](#) Encontro com a paz e a saúde, cap. 8.

[\[viii\]](#) TV Mundo maior, publicado em
/8/2014. (YouTube)

Homossexualidade: determinismo biológico ou fruto da educação?

Cartas de confrades espíritas enviadas à revista eletrônica *O Consolador* evidenciaram certa desinformação quanto à questão da homoafetividade.

O tema não pode ser abordado de forma apaixonada, pois dessa forma interpomos entre nós e o tema óculos construídos por tradições pouco saudáveis e pelo espírito de uma época.

Os últimos estudos verificados por neurocientistas e sociólogos sérios e competentes têm mostrado, ao contrário do que acreditávamos, que a condição de homossexualidade **NÃO DEPENDE EM NADA DA EDUCAÇÃO**.

A Educação tem importância notável na forma como o homossexual vai conduzir sua libido (e isso se presta também para o heterossexual), mas não interfere na condição em si mesma, pois a homossexualidade é um **DETERMINISMO BIOLÓGICO**, portanto, inata. Homossexuais nascem assim e nada os fará mudar de polaridade sexual, tal qual os canhotos nascem canhotos e os destros nascem destros.

Não se trata de “sem-vergonhice”, ou “desvio moral”, nem tão pouco “opção de vida”, que pode, ou não, ser induzida por quem quer que seja, como querem crer teólogos e psicólogos vinculados a religiões tradicionais, principalmente evangélicas. 5 a 10% das pessoas, sejam do gênero masculino ou feminino, possuem no hipotálamo anterior (possivelmente no núcleo intersticial do hipotálamo anterior 3) neurônios numa configuração diversa das outras 90%, que as colocam numa condição biológica de atração sexual por pessoas do mesmo sexo.

Vejamos os dados que comprovam isso.

No campo da Zoologia: a homossexualidade não é exclusiva dos humanos.

O biólogo americano Bruce Bagemihl lançou na década passada nos EUA o livro *Exuberância Biológica - homossexualidade Animal e Diversidade Natural*. Ele analisou 450 espécies de animais, na maioria mamíferos e aves, todos apresentando em menor ou maior grau a orientação **homossexual**. Este trabalho originou uma ideia nova na Zoologia, de que, apesar de não gerar descendentes, a **homossexualidade** faz parte do dia-a-dia de uma quantidade enorme de espécies. Entre os carneiros machos, 10% deles são atraídos sexualmente para carneiros machos.

No campo da Neurociência: a homossexualidade possui uma origem biológica e uma expressão anatômica no cérebro.

A Neurociência estuda o cérebro. A pesquisa científica recente (1991) de maior repercussão sobre **homossexualidade** e neurociência foi de Simon Le Vay, do Instituto Salk da Califórnia - EUA. O Dr. Le Vay é um neuroanatomista de grande reputação científica em sistemas visuais. Dois dos seus mestres - Torsten Wiesel e David Hibel - ganharam o Prêmio Nobel e foram pioneiros nesta área. Le Vay dedicava-se a uma questão específica: como o cérebro processa informação visual. Depois de muito estudar esta questão, ele começou o seu trabalho com a hipótese lógica de que "um provável substrato biológico da **orientação sexual** está na região do cérebro envolvida na regulação do comportamento sexual". Le Vay supôs que uma parte do cérebro, que regula o impulso sexual, pode ser anatomicamente diferente de acordo com as orientações homo e heterossexuais. Ele comprovou a hipótese de que o NIHA-3 é grande em homens hetero e mulheres homo (indivíduos com a **orientação sexual** para ter relações com mulheres) e pequeno em mulheres hetero e homens homo (indivíduos com a **orientação sexual** para ter relações com homens). NIHA-3 significa Núcleo Intersticial do Hipotálamo Anterior e é denominado 3 porque existem também NIHA 1,2 e 4. São estruturas do hipotálamo que regulam fome, sede, funções sexuais, temperatura e certos

hormônios. Ele pesquisou tecido cerebral de 41 indivíduos. Entre eles havia 19 homens comprovadamente **gays** (morreram de AIDS); 16 homens e 6 mulheres heterossexuais. A conclusão do Dr. Le Vay foi que “O NIHA-3 exibiu dimorfismo... O volume desse núcleo era mais do que o dobro nos homens heterossexuais comparados aos dos homens **homossexuais**... Há uma diferença similar entre homens heterossexuais e as mulheres heterossexuais...” A descoberta de que um núcleo difere em tamanho entre homens heterossexuais e **homossexuais** ilustra que a **orientação sexual** nos humanos é receptível ao estudo em nível biológico.

No campo da Sociologia: a homossexualidade possui características culturalmente invariáveis que permanecem estáveis através da geografia, da classe social e do tempo.

O sociólogo Frederick L. Whitam, da Universidade do Arizona – EUA, comparou experiências infantis de 375 homens **homossexuais** na Guatemala, Brasil, Filipinas, Tailândia, Peru e Estados Unidos. Esta pesquisa originou o trabalho "Características Culturalmente Invariáveis da **homossexualidade** Masculina". Whitam indica seis aspectos da **homossexualidade** presentes em culturas diversas:

1. A **homossexualidade** como modalidade de **orientação sexual** é universal, surgindo em todas as sociedades;
2. A porcentagem de **homossexuais** em todas as sociedades parece ser a mesma e permanece estável, independentemente do tempo. Em todo mundo, a população **homossexual** parece compreender não mais que 5% do total da população;
3. As normas sociais nem impedem nem facilitam o surgimento da **orientação sexual**. Os **homossexuais** estão presentes com a mesma frequência nas sociedades que os reprimem quanto nas que são permissivas. A repressão apenas reduz o manifestar-se de uma **orientação sexual**, não a sua existência;
4. Subculturas **homossexuais** surgem em todas as sociedades, desde que haja suficientes conjuntos de pessoas.
5. Mesmo em diferentes sociedades, os **homossexuais** se parecem em relação a certos interesses comportamentais e escolhas ocupacionais;
6. Todas as sociedades produzem conjuntos similares de **homossexuais** assumidos, masculinos e femininos.

Whitam concluiu que a indicação desses seis aspectos está acima do poder de controle de qualquer sociedade, levando-nos a considerar fortemente a etiologia (origem) biológica da **orientação sexual**.

Sabe-se, ainda, que gêmeos idênticos apresentam uma possibilidade acima da média de compartilharem a mesma orientação sexual (superior a 50%, enquanto nos pares aleatórios de indivíduos a média está abaixo de 8%); a orientação sexual dos recém-nascidos adotados tem pouca relação com a dos seus pais adotivos; mais de 90% dos recém-nascidos adotadas por casais gays são heterossexuais.

Concluimos com o pensamento de Emmanuel, extraído do livro VIDA E SEXO, capítulo 21: “Observadas as tendências homossexuais dos companheiros reencarnados nessa faixa de prova ou experiência, é forçoso se lhes dê o amparo educativo adequado, *tanto quanto se administra instrução à maioria heterossexual...*, porquanto, à frente da vida eterna, os erros e acertos dos irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são analisados pelo *mesmo elevado gabarito de Justiça e Misericórdia*”. (os grifos são nossos.)

Kardec e o Efeito Flynn

O progresso espiritual foi didaticamente classificado por Allan Kardec como de duas ordens: Moral e Intelectual. Em sua longa caminhada da condição de ignorância e simplicidade para a “angelitude” o princípio espiritual deve necessariamente amear recursos intelectivos (habilidades, técnicas, inteligências) e éticos (virtudes morais). Nem sempre seguem juntas essas dimensões do progresso humano, mas frequentemente o progresso moral segue o intelectual, na medida em que o desenvolvimento cognitivo faz com que o homem compreenda melhor as diferenças entre o bem e o mal, capacitando-o para escolher de forma melhor. (OLE, itens 780 e 780-a.)

Curiosamente, tem-se visto que muitos estudiosos da atualidade vêm relacionando a queda global da violência humana ao desenvolvimento da inteligência, ratificando o pensamento kardequiano. Embora alguns possam não acreditar, mas somos bem mais inteligentes que nossos antepassados. James Flynn, filósofo norte-americano examinou a evolução do QI (*Quociente de inteligência*, que mede a habilidade linguística e a lógico-matemática) durante grande parte do século XX, em 30 países do mundo. Estudos mostram um aumento do QI de 3 pontos a cada dez anos. Calculou-se que um cidadão de inteligência mediana no ano de 1920 se hoje fizesse um teste comum de QI teria na faixa de 70 pontos, quanto a média é 100. 70 pontos no QI colocam-no no limite do retardo mental. Respondemos melhor que nossos ancestrais às mesmas perguntas.

Alguns fatores têm sido relacionados ao chamado *Efeito Flynn*: um ambiente crescentemente tecnológico, uma vida muito rica em símbolos e a popularização da ciência, levando o raciocínio abstrato dos centros acadêmicos de pesquisa para as ruas. As pessoas tornaram-se mais habituadas à abstração mental e ao raciocínio lógico.

Steven Pinker, neurocientista radicado na América do norte, examinou a queda da violência humana em sua obra *Os anjos bons de nossa natureza*. Comenta Pinker que um dos grandes fatores relacionados à queda da violência foi a invenção da imprensa no século XV e o movimento de popularização dos livros e do hábito da leitura nos séculos seguintes. Ler, diz o autor, é uma estratégia da mente para promover mudanças. Quando temos na cabeça os pensamentos de outra pessoa observamos o mundo de outro ponto de vista, expandimos nossa capacidade de compreensão; vivemos com ela as suas emoções, suas experiências e desenvolvemos o sentimento, amplificando nossa capacidade de amar.

Sábias e atuais as recomendações do Espírito de Verdade, apresentadas n’O *Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo VI: *Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo*.

Espiritismo e humanismo

Léon Denis coloca no livro *Síntese doutrinária e prática do Espiritismo* que o estudo da doutrina espírita deveria iniciar-se por este problema objetivo: *Que é o homem?*

Buscar uma melhor compreensão sobre a natureza humana sob a ótica espírita deveria ser o passo primeiro no sentido de se identificar, com um melhor entendimento, os princípios espíritas.

Psiquiatras espíritas reunidos em Goiânia (GO) em 1990 definiram o *Homem* como sendo um ser *biopsicossocioespiritual*.

Bio porque se encontra sob profunda influência da matéria, porque existe enquanto um ser identificado com um cérebro, que possui circuitos específicos, pensa, sente e age, enquanto encarnado, através desse cérebro.

Psico porque se retrata através de uma mente, definida como um fluxo de experiências subjetivas, uma estrutura virtual que contém os pensamentos, sentimentos e emoções.

Sócio porque não existe isoladamente e sempre vai refletir em sua personalidade as influências histórias, sociais, culturais, familiares que sofre durante toda a vida.

Espiritual porque se constitui de uma consciência não física, que preexiste e sobrevive ao corpo, traz uma história, reflete suas experiências anteriores, através de facilidades, dificuldades etc. Sede do pensamento, do

sentimento e da vontade, e dotado de uma força extraordinária denominada livre-arbítrio, que lhe dá responsabilidade sobre seus atos.

O foco no entendimento e valorização do homem é, também, a preocupação prioritária do pensamento humanista, apesar de seu notório ateísmo.

O humanismo, uma nova e revolucionária crença, conquistou grande parte do mundo, nos séculos recentes. Os humanistas, segundo comenta o historiador Yuval Harari, no livro *Homo deus*, cultuam a humanidade e esperam que a capacidade de superação e realização humanas possa conduzir o homem a um futuro melhor. Como não cogitam de Deus, da alma, ou da vida futura, acreditam que os homens devem extrair de suas experiências interiores o significado da própria vida. Os instrumentos para conseguir isso devem ser a retidão de caráter, a compaixão e o respeito pelos direitos dos outros, em outras palavras, uma ética universal da criatura humana.

Algumas mensagens humanistas:

Na política: *o eleitor é quem decide.*

Na economia: *o cliente sempre tem razão.*

Na estética: *a beleza está nos olhos do espectador.*

Na educação: *pense por si mesmo.*

Na ética: *se é bom para você e não prejudica ninguém, então faça.* O humanismo ensina a pensar que algo só pode ser ruim se fizer com que alguém se sinta mal. O roubo está errado não porque algum texto antigo tenha dito: “Não roubarás”! E sim porque, quando alguém perde algo que possui, sente-se mal com isso. E, se uma ação não faz com que alguém se sinta mal, não deve haver nada de errado com ela.

A grande virtude do humanismo, segundo Yuval Harari, é a fórmula que apresenta ao examinar o bem-estar humano. A fórmula é esta: *conhecimento = experiência x sensibilidade*. Examinemos essa proposta, entendendo o que querem dizer com os vocábulos *experiência* e *sensibilidade*.

O que são exatamente *experiências*? Harari comenta que os humanistas não se referem às experiências feitas pelos cientistas, quando são testadas hipóteses e construídas teorias. A experiência que propõe não é feita de átomos, proteínas ou números. Embora ela se dê em um contexto objetivo e concreto, a experiência proposta é um fenômeno subjetivo que inclui três ingredientes: sensações, emoções e pensamentos. Em cada momento, minha experiência abrange cada sensação que tenho (calor, prazer, tensão etc.), cada emoção que sinto (alegria, raiva, medo etc.) e quaisquer pensamentos que passem em minha cabeça.

E o que é *sensibilidade*? São duas coisas. Primeiro, prestar atenção a minhas sensações, emoções e pensamentos. Segundo, permitir que essas emoções, sensações e pensamentos exerçam influência sobre mim. Devo estar aberto a novas experiências e permitir que elas mudem minhas opiniões, meu comportamento e minhas crenças.

Experiências e sensibilidade se incrementam num ciclo interminável. Não sou capaz de experimentar nada se não tiver sensibilidade, e não sou capaz de desenvolver a sensibilidade a menos que passe por uma variedade de experiências. A sensibilidade não é uma aptidão abstrata que eu possa desenvolver lendo livros ou ouvindo palestras. É uma aptidão prática que só pode amadurecer e se consolidar quando aplicada na prática.

Concluindo, o mais alto objetivo de uma visão humanística é desenvolver completamente nosso conhecimento mediante uma grande variedade de experiências intelectuais, emocionais e físicas. Assim, o humanismo vê a vida como um processo gradual de mudança interior, que parte da ignorância e chega à iluminação por meio de experiências.

Nós acreditamos em grande parte do que dizem, com algumas diferenças. Uma delas: uma única existência física é muito pouco para se chegar à proposta humanista: a autoiluminação.

Vício do prestígio

A Psicologia evolutiva admite que o prazer decorrente de ser colocado em uma posição de destaque ou de aprovação, a busca do elogio e do aplauso e a necessidade de ser considerado um indivíduo especial são traços de personalidade que evoluíram no longo período da pré-história humana.

Em um ambiente extremamente hostil como aquele, pertencer a um grupo, ser aceito e acolhido por esse grupo era fundamental para a sobrevivência. Passamos a considerar como vital a inserção em uma “tribo” e quanto mais nos considerassem como pessoas necessárias e importantes mais fortemente seríamos acolhidos por nossos pares.

Esse traço de personalidade, em muitos de nós, extrapolou o razoável e se identificou com um vício, de graves consequências sociais e espirituais: o vício do prestígio - a vaidade e o narcisismo. Trata-se de um vício por ser insaciável e nunca se basta (o destaque de hoje não resolve o problema de amanhã), gerando uma dependência: o aplauso, o elogio, o ser colocado em posição de realce.

Embora seja um traço da natureza humana é mais evidente em sociedades individualistas, como a norte-americana (e sociedades que tentam reproduzi-la) e menos evidente nas sociedades coletivistas (Japão, China, Coreia). Pesquisadores ofereceram a estudantes norte-americanos seis lápis solicitando que escolhessem um deles. Dos seis lápis, cinco tinham a mesma cor e um deles tinha cor diferente. A maior parte dos estudantes escolheu o lápis de cor diferente. Quando a solicitação foi feita a estudantes japoneses ou chineses, a maioria optou por ficar com um dos cinco lápis de mesma coloração.

Quando em uma sala de aula norte-americana pede-se que levantem os bracinhos as crianças que sabem nadar, quase todas o fazem (até mesmo aqueles que dão apenas uma ou outra braçada). Quando se faz o mesmo em uma escola japonesa, não se veem bracinhos levantados, o que é estranho, porque muitas delas nadam muito bem. E ao se interrogar uma dessas crianças, dizendo: “Mas você sabe nadar”? Elas respondem: “Estou aprendendo”? “Ainda não sei”? “Falta bastante”!

Jesus advertiu quanto à impropriedade desse comportamento nesse pensamento provocador: “*Todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado*” (Lucas 14: 1 e 7 a 11). Na instalação do reino de Deus em nós, ou seja, na construção de uma personalidade bela, nobre, justa e sábia, tornam-se necessárias a identificação e a devida dissolução desse traço incômodo da personalidade humana.

Na reorganização de nosso mundo íntimo torna-se necessário deixarmos pra trás pensamentos assim: Já sei! Domino! Conheço! Faço!

E construirmos, assim, nova mentalidade: Estou aprendendo! Falta muito! Preciso mais!

Fica o recado de François-Nicolas-Madeleine, apresentado por Kardec, no Cap. 17, item 8 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “*Mais vale menos virtudes com modéstia do que muitas com orgulho. É pelo orgulho que as gerações vão se perdendo; é pela humildade que elas um dia deverão redimir-se*”.

Comportamento pró-social

O mais revolucionário princípio evolutivo, recentemente assimilado pela Biologia evolucionária, admite a *cooperação* como elemento presente na evolução humana. Assim, pode-se considerar a existência de duas grandes forças evolutivas contribuindo igualmente na sobrevivência da nossa espécie: a *competição*, caracterizada pela sobrevivência do mais apto e a *cooperação* entre os indivíduos da espécie.

Kardec se valeu das expressões *instinto do mal* e *instinto do bem*ⁱⁱ, antecipando-se aos modernos conceitos da ciência biológica. O Espírito humano traz em sua natureza íntima duas forças antagonicas, construídas pela evolução biológico/espiritual: uma força, que hoje responde por grande parte de seus defeitos, mas que foi essencial na sua sobrevivência e fazia parte do instinto de conservaçãoⁱⁱⁱ. Outra força, que o direciona na

construção do bem em si mesmo, que também resulta de um instinto – o instinto humanitário/ cooperativo - que permitiu ao homem primitivo a sobrevivência em um mundo extremamente hostil.

Com o surgimento da cultura humana, há cerca de 50 mil anos, normas culturais foram somando esforços em benefício do desenvolvimento do impulso do bem, denominado pela Psicologia social como *comportamento pró-social*. As religiões, a escola e diferentes organizações civis foram paulatinamente construindo e reforçando ideias que promovem a solidariedade e o espírito da fraternidade humana.

Três normas sociais, em particular, são consideradas importantes para promover o comportamento de ajuda^[iii]: A norma da *reciprocidade* prescreve que devemos retribuir os benefícios e favores que recebemos dos outros – a gratidão como uma virtude a ser cultivada. A norma da *justiça social* promove o sentimento nobre de concorrer para a redução das desigualdades sociais, oferecendo oportunidades iguais a todos e a norma da *responsabilidade social* cultiva o pensamento de que devemos ajudar as pessoas que são incapazes de ajudarem a si próprias.

Apesar dos esforços da sociedade contemporânea, bem mais proativa que a do passado, muitos de nós nos mantemos na retaguarda espiritual, cristalizados no impulso predatório da esperteza, da má índole e da exploração alheia, muitas vezes, nos valendo de um hipotético (mas falso) comportamento altruístico que, em verdade, só tem a ver com o nosso próprio interesse.

Considerando com Emmanuel que *os grandes sentimentos não povoam a alma de uma só vez*^[iv], propomos (como um exercício reflexivo) uma escala de variantes relacionadas ao comportamento de ajuda, que parte de uma condição primária onde ele é movido por um sentimento egoísta até o ápice da escala em que se manifesta pelo amor, mais bela conquista das almas nobres.

Primeira variante: o comportamento de ajuda é interesseiro porque visa ao bem próprio: receber de volta depois, ser considerada uma pessoa especial ou levar algum tipo de vantagem material. Os biólogos evolucionistas denominam esse tipo de ação de altruísmo recíproco. La Rochefoucauld, moralista francês do século XVII, citado por R. Simon, escreveu: *Muitas vezes, teríamos vergonha de nossas melhores ações se o mundo conhecesse o que as motivou.*^[v]

Kardec, comentando tal atitude, escreveu que *o interesse pessoal é o sinal mais característico de imperfeição moral. Frequentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Pode um homem possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, conquanto assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram como se fora um fenômeno. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.*^[vi]

Segunda variante: o ato de dar tem como objetivo vantagens espirituais: a conquista do reino dos céus, uma acolhida feliz no pós-morte, um carma positivo para o futuro, ou livrar-se de um sentimento de culpa e desembaraçar-nos de quantos se nos apresentam em penúria, cujas condições nos alfinetam a consciência. Ainda se caracteriza por interesse pessoal, mas denota um sentimento um pouco mais avançado, pois se identifica com valores espirituais.

Colocou Kardec que *não merece aprovação aquele que faz o bem esperando que lhe seja levado em conta na outra vida e que lá venha a ser melhor a sua situação. O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse. Aquele que faz o bem, sem ideia preconcebida, pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso, que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não impelido pelo ardor natural do seu coração.*^[vii]

Terceira variante: o comportamento altruístico é movido pela compaixão. Sentir piedade do que sofre e colocar-se no lugar dele; movido por esse sentimento nobre, socorrê-lo. Alguns denominam essa reação de altruísmo empático. Trata-se de um belo sentimento, mas, segundo André Conte-Sponville^[viii], não traduz a sublimidade da virtude, pois está a reboque da infelicidade alheia, ou seja, ele se manifesta diante do

sofrimento de outro e não naturalmente por todos os seres, independentemente de sua condição de cuidado presente.

Quarta variante: agir solidariamente por dever. Difere do sentimento de compaixão, pois não depende dele. O comportamento de ajuda se dá pela consciência do dever, porque se acredita que é o certo a ser feito. Segundo Emmanuel^[ix], *o dever define a submissão que nos cabe a certos princípios estabelecidos como leis pela Sabedoria Divina, para o desenvolvimento de nossas faculdades.*

Assim, pode-se simbolizar o dever no pensamento de Emmanuel como *sendo a faixa de ação no bem que o Supremo Senhor nos traça à responsabilidade, para a sustentação da ordem e da evolução em Sua Obra Divina, no encaço de nosso próprio aperfeiçoamento.* Aquele que age pelo dever demonstra boa vontade, amadurecimento e desejo sincero de se tornar uma pessoa melhor, mas, ainda assim, tem o que avançar espiritualmente para se identificar com o serviço espontâneo do amor. Apesar de nobre, o dever, de acordo com Immanuel Kant, é uma coerção tendo em vista um fim que não é desejado de bom grado^[xi], portanto, se vale de obrigações morais, regras estabelecidas sobre como se deve agir certamente.

Quinta variante: servir por amor. Segundo Emmanuel, *a abnegação começa onde termina o dever.*^[xii] Para o homem verdadeiramente generoso, o dom ou a beneficência cessarão de ser coerções e, portanto, deveres. Comenta Sponville que o amor não se comanda e não poderia, em consequência, ser um dever. Virtude e dever são duas coisas diferentes (o dever é uma coerção; a virtude, uma liberdade), ambas necessárias, solidárias uma da outra. Quanto mais somos generosos, lembra o pensador francês, menos a beneficência aparece como dever, isto é, como coerção. O dever é uma coerção, um jugo, enquanto o amor é uma espontaneidade alegre. O que fazemos por coerção, não fazemos por amor. Isso se inverte: o que fazemos por amor não fazemos por coerção, nem, portanto, por dever. Quando o amor existe, para que o dever?

Só necessitamos de obrigações morais em falta de amor, e é por isso que temos tanta necessidade de moral! O dever nos constrange a fazer aquilo que o amor, se estivesse presente, bastaria para suscitar, sem coerção. O homem virtuoso não precisa mais agir como se o fosse. O amor nos liberta do dever; dispensa-o. Somente quem ama não precisa mais agir como se amasse. Trata-se, então, de um servir espontâneo e gratuito, sem motivo, sem interesse, até mesmo sem justificação. Só precisamos de moral em falta de amor.

Kardec a tal respeito comentou que *toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória de todas as virtudes é a que assenta na mais desinteressada caridade.*^[xiii]

E ainda Kardec: *há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos que lhes sejam opostos. Outras se veem na contingência de lutar contra a natureza que lhes é própria. Só não têm que lutar aqueles em quem já há progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custa e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tornou um hábito. O sentimento do bem é espontâneo.*^[xiv]

Alternamos em nossos atos diários reações dos diferentes níveis, mas, conscientes dos esforços que devemos empreender na construção de uma personalidade mais bela, nobre e justa, quanto mais o bem estiver identificado em nós, *sem segundas intenções*, mais próximos estaremos da verdadeira virtude, conforme nos lembra o benfeitor André Luiz, nas seguintes palavras:

Normalmente o impulso de quem beneficia a alguém inclui o troco da gratidão. Servir, contudo, no câmbio espírita que revive o exemplo de Jesus, o Mestre e Servidor, não espera o menor laivo de agradecimento. Apenas nesse molde aproximar-nos-emos da Providência Divina, através do Amor Que Ama Sem Nome, compreendendo, por fim, que a felicidade é servir e passar.^[xv]

^[i] O Livro dos Espíritos, item 993.

^[ii] Obras Póstumas e A Gênese, cap. 3

[\[iii\]](#) *Psicologia social: Rodrigues, Assmar e Jablonski*

[\[iv\]](#) *Paulo e Estêvão.*

[\[v\]](#) *Homens maus fazem o que homens bons sonham - R. Simon*

[\[vi\]](#) *O Livro dos Espíritos, item 895*

[\[vii\]](#) *O Livro dos Espíritos, item 897*

[\[viii\]](#) *Pequeno tratado das grandes virtudes, cap. 18*

[\[ix\]](#) *Pensamento e vida, cap. 21*

[\[x\]](#) *Pequeno tratado das grandes virtudes, Sponville - Nota, pag. 356*

[\[xi\]](#) *Pensamento e vida, cap. 17*

[\[xii\]](#) *O Livro dos Espíritos, item 893*

[\[xiii\]](#) *O Livro dos Espíritos, item 896*

[\[xiv\]](#) *Sol nas almas, cap.16.*

Caridade com os criminosos

Criminalidade, delinquência, crueldade e violência são temas que têm se identificado com o nosso cotidiano. Em pesquisas de opinião pública, quando se indaga quando as maiores preocupações do homem contemporâneo, verifica-se que *segurança* se encontra quase sempre entre as três principais. A Organização mundial de saúde (OMS) passou a considerar a violência como um problema de saúde pública, pois a violência é, em quase todos os países do mundo, a principal causa de mortalidade na faixa etária dos 15 aos 45 anos.

Uma relevante questão relacionada à criminalidade humana é a que se ocupa com a conduta diante do delinquente: O que fazer? Como agir? Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec inseriu, no capítulo XI, uma mensagem mediúnica que trata do tema: *Caridade com os criminosos*. Uma leitura atenta dessa mensagem nos leva a propor, didaticamente, quatro atitudes que podem e devem ser direcionadas àqueles indivíduos que vêm assumindo um comportamento antissocial.

Primeira atitude: limitadora do dano

Indivíduos que ainda não se encontram em condições de viver em sociedade, em decorrência de sua ação nociva, devem ser afastados dela, até que demonstrem atitude mental de mudança de pensamento. O afastamento provisório do delinquente da sociedade tem três finalidades: poupar a sociedade de sua ação deletéria, impedir que ele continue agravando seu comprometimento espiritual e levá-lo a refletir em torno de sua ação equivocada, através de uma ação corretiva e educadora.

Na obra *Memórias de um suicida*, recebida pela mediunidade de Yvonne Pereira, o autor espiritual relata que, no Hospital Maria de Nazaré, que se responsabiliza pelo acolhimento de suicidas, existe um local destinado à reclusão de grandes criminosos (obviamente locais condizentes com a dignidade humana), e que ali são detidos até que demonstrem sinais de arrependimento. Um desses criminosos, Agenor Penalva ali se encontrava há 38 anos.

Comenta Kardec *que se não lhes pusesse um freio às agressões, todos os bons seriam suas vítimas*^[ii] e *que, confiante na impunidade, retardaria seu avanço.*^[iii]

Segunda atitude: compassiva

Afirma Santo Agostinho que *a justiça não exclui a bondade.*^[iii] Irmã Rosália lembra-nos que jamais devemos tratar com desprezo o nosso semelhante^[iv]. Em verdade, dois erros não fazem um acerto: são apenas dois erros diferentes! Se agirmos em relação ao criminoso de forma equivalente àquela em que ele age em relação à sociedade, nos igualamos a ele e perdemos a autoridade para corrigi-lo. Lembra Kardec que *autoridade legítima é a que se apoia no exemplo que dá do bem.*^[v] Assim, a tortura, a desconsideração, a humilhação e o apequenamento do delinquente apenas agravam o rancor que muitos nutrem em relação à sociedade e em nada contribuem em seu melhoramento moral.

Terceira atitude: instrutiva

Os índices de criminalidade são muito menores nas nações com mais alto nível de escolaridade e estudos, mostraram que a violência e a criminalidade declinam proporcionalmente à elevação do QI (coeficiente de inteligência) e ao hábito da leitura.

Quando se examinam as causas do processo civilizador e da aceleração dos sentimentos humanitários que se iniciaram nos séculos XVI e XVII e se estendem aos nossos dias, a aquisição de conhecimento é colocada como das mais relevantes. O conhecimento é um recurso inesgotável de força psíquica, e quanto mais se usa, mais se tem. Segundo Steven Pinker, neurocientista de Harvard^[vii], a ordem dos eventos segue essa direção: avanços tecnológicos na atividade editorial, produção em massa de livros, expansão da alfabetização e popularidade do romance e as grandes reformas humanitárias dos séculos recentes. A reforma humanitária, caracterizada por uma crescente redução das taxas de violência e criminalidade, associada a uma maneira diferente de ver o outro - não como um estranho a quem devo rejeitar, mas como semelhante a quem me cabe acolher – foi precedida por uma revolução da leitura.

Acredita Pinker que ler é uma tecnologia para mudança de perspectiva. Quando nós temos na cabeça os pensamentos de outra pessoa, observamos o mundo do ponto de vista dessa pessoa e compartilhamos suas atitudes e reações. Abre-se para nós outras janelas para o mundo, entendemos que as coisas podem ser diferentes, sem que sejam necessariamente melhores ou piores, e encontramos recursos emocionais para acolher o outro. Os romances, nesse particular, trazem à vida as aspirações e privações de pessoas comuns, e exercita a nossa habilidade de nos pôr no lugar do outro, o que, por sua vez, nos indispõe contra punições cruéis e outras violações dos direitos humanos. Os filósofos do Iluminismo louvavam o modo como os romances levavam o leitor a se identificar com outras pessoas e sentir por elas um interesse compassivo.

Quarta atitude: educadora

Agenor Penalva, asilado no Hospital Maria de Nazaré, há 38 anos, recebia visita diária de um sacerdote/psicólogo que dialogava longamente com ele, apresentando-lhe os princípios fundamentais da ética universal da criatura humana. Embora as leis morais existam na consciência humana^[vii], muitos de nós as esquecemos e torna-se necessário que nos sejam lembradas^[viii]. Comenta Kardec que: *não há culpados que se não possam regenerar por meio da persuasão e do exemplo [...]. Os Espíritos, por mais perversos, acabam por corrigir-se com o tempo. O fato de muitas vezes ser impossível regenerá-los prontamente, não importa na inutilidade de tais esforços. Mesmo a contragosto, as ideias sugeridas a tais Espíritos fazem-nos refletir. São como sementes que, cedo ou tarde, tivessem de frutificar.*^[ix]

^[i] *O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 11*

^[ii] *O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 5*

^[iii] *O Livro dos Espíritos, item 1009*

^[iv] *O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 13*

^[v] *O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. X*

^[vi] *Os anjos bons de nossa natureza*

^[vii] *O Livro dos Espíritos, item 621*

^[viii] *O Livro dos Espíritos, item 621-a*

^[ix] *O Céu e o Inferno, cap. VII, parte II*

Ressonância progressiva da aprendizagem

Os seres humanos deveriam ser capazes de aprender mais facilmente o que outros já aprenderam? Aplicada a certos animais – ratos, pelo menos – esta indagação poderia ter uma resposta afirmativa. Estudos bem fundamentados mostraram que se ratos aprendem um novo truque em algum lugar, então ratos do mundo todo deverão ser capazes de aprender o mesmo truque mais rapidamente. Uma das mais longas séries de experimentos realizados na história da psicologia revelou evidências de que os ratos realmente parecem aprender mais rápido aquilo que outros ratos já aprenderam.

Quanto mais ratos aprendiam a escapar de um labirinto de água, mais fácil ficava para outros ratos fazerem o mesmo. Esses experimentos, realizados primeiramente na Harvard University e depois nas universidades de Edimburgo e Melbourne, mostraram que ratos escoceses e australianos começaram mais ou menos de onde os ratos de Harvard haviam terminado, e seus descendentes aprenderam ainda mais rápido. Alguns se saíram bem da primeira vez, sem necessidade de aprendizagem alguma.

Tal fenômeno poderia ser encontrado em seres humanos? Rupert Sheldrake, biólogo e bioquímico inglês, acredita que sim. Em seu livro *Ciência sem dogmas*, ele levanta essa possibilidade e lança mão dela para explicar o denominado *Efeito Flynn*, a evidência de que o QI (coeficiente de inteligência) vem aumentando através das décadas.

James Flynn, filósofo norte-americano, examinou a evolução do QI durante grande parte do século XX, em 30 países do mundo. Estudos mostram um aumento do QI de três pontos a cada dez anos. Calculou-se que um cidadão de inteligência mediana no ano de 1920 se hoje fizesse um teste comum de QI teria na faixa de 70 pontos, quando a média é 100. 70 pontos no QI colocam-no no limite do retardo mental. Flynn acredita que respondemos melhor que nossos ancestrais às mesmas perguntas. Alguns fatores têm sido relacionados ao *Efeito Flynn*: um ambiente crescentemente tecnológico, uma vida muito rica em símbolos e a popularização da ciência, levando o raciocínio abstrato dos centros acadêmicos de pesquisa para as ruas. As pessoas tornaram-se mais habituadas à abstração mental e ao raciocínio lógico.

Sheldrake, no entanto, levanta a possibilidade de que as pontuações dos testes se elevaram não porque as pessoas estão ficando mais inteligentes, mas porque está ficando mais fácil fazer os testes, na medida em que outras fizeram antes. A explicação de Sheldrake se baseia na ideia de que cada um de nós cria em torno de sua individualidade um campo vibratório, que se irmana aos campos vibratórios de todos os seres da mesma espécie, construindo um imenso campo magnético espécie/específica, onde permutamos ideias, impressões, comportamentos e habilidades.

Tal pensamento parece ter sido apresentado por Kardec, já em sua época. Em dois textos produzidos pelo codificador, em que estuda a fotografia e telegrafia do pensamento. Apresentados em *Obras póstumas*, nosso codificador, antecipando-se à proposta de Sheldrake, colocou que existem relações ocultas que ligam, de maneira inconsciente, os pensamentos dos homens. Denominou esse fenômeno de *telegrafia espiritual*.

Através desse processo, comenta Kardec, o homem exerce ação direta sobre as coisas, assim como sobre as pessoas que o cercam e se pode atuar sobre o espírito dos homens, à revelia deles. Um pensamento superior, fortemente pensado, pode, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de perto ou de longe homens que não fazem a mínima ideia da maneira por que ele lhes chega, da mesma maneira que aquele que o emite não faz ideia do efeito produzido pela sua emissão.

Acrescenta Kardec que aí se encontra um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras: *Juntai-lhe a ação das inteligências dos desencarnados e imaginai o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas.*

E ainda Kardec:

Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado.

E conclui:

Não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles.

Aspectos espirituais da criminalidade

O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal. ([Lucas 6:45.](#))

Criminologistas em todo o mundo vêm procurando explicar o comportamento antissocial através da *Teoria biossocial*, segundo a qual as causas da criminalidade se encontram em uma conjunção de fatores biológicos e sociais. Do lado biológico, existem três fatores de risco muito importantes para a violência: trauma na cabeça, má nutrição e herança genética de seus pais antissociais. Principais fatores de risco sociais: maus-tratos, negligência, humilhação, rejeição materna, pobreza extrema, superlotação, vizinhança ruim, indução ao alcoolismo e ausência completa de cuidado e sensação de pertencimento. Nenhum desses fatores por si só poderia justificar o comportamento criminoso, mas a soma deles está implicada na grande maioria dos delinquentes, pelo menos no que se refere aos criminosos comuns, denominados de criminosos do colarinho azul.

Estudos de adoção mostram que crianças cujos pais biológicos eram criminosos tinham propensão muito maior de se tornar criminosos, mesmo se os adotivos não fossem criminosos. Gêmeos idênticos são muito mais semelhantes entre si em relação a crime e agressão do que gêmeos fraternos. Gêmeos idênticos que foram separados no nascimento são surpreendentemente semelhantes no que diz respeito à personalidade antissocial, apesar de terem sido criados em ambientes muito diferentes. Esses estudos com gêmeos e adoção nos dizem que há uma carga genética significativa para a agressão, mas não nos informam quais genes específicos estão envolvidos.

A Tecnologia de imagens cerebrais vem se tornando um instrumento muito afiado para sondar a anatomia da violência. Isso está fornecendo uma evidência visual concreta de que há algo errado com o modo como o cérebro dos assassinos funciona. Adrian Reine, da Universidade da Pensilvânia, realizou PET (tomografia por emissão de pósitrons) em 41 criminosos que aguardavam no corredor da morte. Em contraste com o controle normal, o assassino mostra uma notável falta de ativação do córtex pré-frontal. No geral os 41 assassinos mostraram uma redução significativa no metabolismo da glicose pré-frontal em comparação aos controles.

Por que o funcionamento incipiente do pré-frontal predispõe à violência? Os neurocientistas afirmam que esta pergunta pode ser respondida em diferentes níveis conceituais.

1- No nível emocional, a redução no funcionamento da região pré-frontal resulta em perda de controle sobre as partes evolutivamente primitivas do cérebro – o sistema límbico –, que geram emoções cruas, como a raiva. O pré-frontal, mais sofisticado, mantém uma tampa sobre essas emoções límbicas. Retire essa tampa, as emoções transbordarão.

2- No nível comportamental as lesões no pré-frontal resultam em assunção de riscos, irresponsabilidade e quebra de regras.

3- No nível da personalidade, os danos frontais têm mostrado resultar em todo um conjunto de alterações. Estas incluem impulsividade, perda do autocontrole e incapacidade de modificar e inibir o comportamento de modo apropriado.

4- No nível social, esses danos resultam em imaturidade, falta de tato e déficit de julgamento social.

5- No nível cognitivo, o prejuízo frontal resulta em perda de flexibilidade intelectual e piores habilidades de resolução de problemas. Em decorrência disso: fracasso escolar, desemprego e privação econômica.

No que concerne às questões sociais, um estudo mostrou que se quatro dias antes do teste na escola ocorreu um homicídio na quadra em que a criança mora, isso reduziu a sua pontuação de leitura em quase 10 pontos. Estimou-se que cerca de 15% das crianças afro-americanas gastam pelo menos um mês por ano indo mal na escola puramente por causa dos homicídios em seus bairros. A liberação excessiva de cortisol em resposta ao estresse é neurotóxica para as células piramidais do hipocampo – uma região fundamental para o aprendizado, a memória e o controle dos impulsos. Baixo desempenho escolar se relaciona com subemprego ou desemprego, correlatos da criminalidade. O ambiente social é muito mais importante do que se imaginava, pois as experiências sociais mudam o cérebro. Os adultos que moravam perto dos edifícios do World Trade Center em 11 de setembro de 2001 – e, portanto, foram expostos a um estresse ambiental muito significativo – mostraram redução no volume de substância cinzenta no hipocampo quando submetidos a um estudo de imagem cerebral três anos depois dos atentados.

Embora a Teoria Biossocial seja muito recente, vamos identificar na obra de Kardec elementos que nos permitem uma reflexão espírita a respeito dessa proposta. Não se pode negar o papel dos genes, do cérebro e das influências do ambiente na construção da personalidade humana. Kardec admitiu que o Espírito encarnado está sob a influência da matéria (LE, introdução, item VI) e que há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, acidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira etc. (O céu e o inferno, parte I, cap. VII). Admitiu igualmente o nosso codificador que o meio vicioso pode ter grande responsabilidade na conduta antissocial (LE, item 644), enfatizando o papel dos genitores na construção da personalidade (LE, item 385). No entanto, acreditar que genes e ambiente possam ser os únicos responsáveis pela ação criminosa é, no mínimo, ingenuidade e a experiência prova isso: o homem é, sobretudo, um Espírito encarnado, que traz sua história, a soma de suas experiências transatas, facilidades e dificuldades, virtudes e defeitos.

Na Revista espírita, outubro 1858, Kardec se reporta a um fato lamentável publicado por um jornal da época. Um crime apavorante acabara de ser cometido por um menino de doze anos. O jovem H..., conhecido por seu mau caráter, associou-se a cinco coleguinhas de pequena idade e os persuadiu a entrarem num baú, guardado numa casinha do jardim. As cinco crianças mal cabiam ali dentro, mas se comprimiram e se acomodaram, aos risos, umas sobre as outras. Tão logo haviam entrado, o garoto fechou o baú, sentou-se em cima e ficou três quartos de hora a ouvir, primeiro os seus gritos, depois os seus gemidos. Finalmente, quando cessaram os estertores e ele os supôs mortos, abriu o baú; as crianças ainda respiravam. Tornou a fechá-lo, fechou com cadeado e foi brincar com papagaio de papel. Foi visto por uma menina quando saía do jardim. Denunciado pela garota que o vira sair do jardim, os pais desesperados lá chegaram e encontraram as cinco vítimas - um menino e quatro meninas de quatro a nove anos de idade. O jovem H... confessou o crime com o maior sangue-frio e sem manifestar qualquer arrependimento.

Kardec leva o fato à discussão na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e segue o seguinte diálogo:

- Ouvistes o relato que acabamos de ler, do assassinato de cinco crianças, cometido por um menino de doze anos?

Resposta: Sim; minha pena ainda exige que eu ouça as abominações da Terra.

- Como explicar tal atitude em uma criança?

Resposta: Trata-se de um Espírito mau. É seu próprio espírito que o domina e o impele à perversidade.

Esse princípio fundamental - de que ninguém há predestinado ao crime e que todo crime, como qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio (LE, item 861), é recorrente na obra de Kardec. O

homem de bem é a encarnação de um Espírito bom e o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito. Tendo alguém o instinto do assassinio, é seu próprio Espírito que tem esse instinto.

Em suma: o Espírito encarnado herda tendências e não qualidades. As tendências o acompanham desde cedo na vida e se identificam com o corpo construído pelos genes herdados dos pais e de uma infinidade de influências do ambiente. São apenas tendências, inclinações, predisposições, mas não qualidades, pois as qualidades são os valores morais e esses pertencem ao Espírito.

Emmy Werner, psicóloga da Universidade da Califórnia, desencarnada em 2017, ganhou fama internacional por seu estudo longitudinal de 698 crianças na ilha havaiana de [Kauai](#). Em meados do século passado, ela se fez a seguinte pergunta: todas as crianças criadas no pior ambiente possível, com uma grande variedade de fatores de risco para a criminalidade se tornarão bandidos? Para examinar isso ela selecionou cerca de 700 crianças que possuíam diferentes fatores de risco para a criminalidade e as acompanhou por trinta anos. Ao final, ela verificou que um terço dessas crianças se tornaram homens de bem.

De todas as evidências que mostram que a Teoria biossocial é insuficiente para explicar a criminalidade, a mais notável é a que se refere ao crime do colarinho branco, onde o delinquente não suja suas mãos de sangue como os do colarinho azul. Não existem fatores de risco – biológicos ou sociais – relacionados a este tipo de crime. Talvez seja surpreendente que não tenha sido desenvolvida nenhuma teoria biológica ou psicológica para o crime cometido nos escritórios luxuosos, nas salas do poder executivo e no Congresso, ou nas grandes empreiteiras. Não há teorias de diferença individual para esse comportamento, mesmo em um nível social – teorias que tentem explicar em que esses criminosos diferem do restante de nós.

Ao perguntar aos Espíritos, no item 645 de *O Livro dos Espíritos*, se quando o homem se acha, de certo modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se lhe torna um arrastamento quase irresistível, Kardec ouviu deles a seguinte resposta:

Arrastamento, sim; irresistível, não; porquanto, mesmo dentro da atmosfera do vício, com grandes virtudes às vezes deparas. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.

sentimento de caridade

conceito, relativamente recente, de *comportamento pró-social*, apresentado pela psicologia - as ações humanas aumentam o bem-estar do próximo e da coletividade -, transcende a modernidade, e pode ser visto em autores muito antigos.

Relativamente aos textos bíblicos, Paulo, antecipando-se aos conceitos da psicologia social, se valeu da palavra grega *ágape*, para referir-se a um tipo de amor que transcende o amor romântico, o amor maternal e o amor entre amigos. *Ágape* se identifica como um tipo de amor incondicional, que nada espera em troca, que não se justifica, que é puro e espontâneo, capaz de amar até mesmo os inimigos.

Vulgata, que traduziu a Bíblia do grego para o latim, traduziu a palavra *ágape* pelo termo latino *caritas*, ou seja, o amor, que é caro, de alto valor, digno apreço, e que chegou até nós pela palavra *caridade*.

Nossos dias, a *caridade* perdeu, em grande parte, seu valor, pois vem sendo relacionada apenas à esmola, à caridade - uma ação que, muitas vezes, promove a indolência e gera uma atitude de acomodação no beneficiado.

Kardec se utilizou muitas vezes do termo *caridade*, mas dando a ele uma conotação muito mais profunda, associando-a à bondade, à tolerância nas relações humanas e ao esquecimento das ofensas (*O Livro dos Espíritos*, item 886). Em artigo denominado *Uma reconciliação pelo Espiritismo*, publicado na *Revista Espírita*, setembro de 1872, Kardec colocou que a caridade *resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo*, apresentando-a como um continuum, que varia *desde a simples esmola até o amor aos inimigos, que é o suprasumo da caridade*.

Observamos que Kardec apresenta a caridade com um espectro, que varia conforme o mérito da ação, que se relaciona, obviamente, com a dificuldade em praticá-lo. Em um extremo do espectro Kardec coloca a *simples esmola* (que também é uma forma de caridade, embora de menor valor, porque, geralmente, custa-nos menos esforço: damos o que nos sobra). No outro extremo, Kardec coloca o *amor aos inimigos*, que considera o *suprasumo* da caridade, pois exige do envolvido uma grande dose de abnegação.

Nesse texto, Kardec volta a se valer da expressão *sentimento de caridade*, já apresentada por ele em algumas passagens de *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. 17, itens 2 e 3 e cap. 28, item 5) e em *O Livro dos Espíritos*, itens 717 e 918. No comentário ao item 717, quando examinando a ação antissocial de indivíduos que açambarcam bens da Terra, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário, nosso codificador escreve que *é o sentimento de caridade que leva os homens a se prestarem mútuo apoio*. No item 918, por sua vez, Kardec, dissertando sobre as qualidades do verdadeiro homem de bem, escreve que, *possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça*.

Que podemos entender por *sentimento de caridade*? Talvez Kardec se refira à vivência íntima do comportamento de ajuda, a interiorização da ação exterior e que dá significado profundo ao ato. Muitos de nós temos automatizado a ação caritativa, fazendo-a mecanicamente, sem enriquecê-la de um sentimento do belo, do nobre, do generoso. Temos que toda ação que beneficia alguém é meritória e credita o beneficiador, porque reduz o sofrimento alheio. Devíamos, entendemos que só o comportamento de ajuda que se acompanha do *sentimento de caridade* representa o crescimento espiritual real, ou seja, que ilumina de dentro para fora aquele que o pratica.

Nesse aspecto, o *sentimento de caridade* pode ser entendido como a boa vontade permanente, o desejo incessante de ser útil, um estado íntimo de encantamento ante a possibilidade de efetivação do comportamento de ajuda, o estado de graça ante a experiência do bom e do útil.

Kardec conclui o artigo afirmando que *um dos resultados do Espiritismo bem compreendido é desenvolver o sentimento de caridade* e que, quando todos nós estivermos imbuídos desse belo e nobre sentimento, viveremos em permanente harmonia com o nosso próximo e que, *se dois indivíduos podem viver em boa harmonia, o maior*

nero também o pode. E, então, serão tão felizes quanto é possível sê-lo na Terra.

Violência sexual: a questão do determinismo

O estupro configura-se como um crime bárbaro - a invasão daquilo que a pessoa tem de mais íntimo, seu espaço privado - e deve ser fortemente combatido em todas as instâncias possíveis.

Além das consequências físicas para as vítimas, que muitas vezes são consideráveis, as consequências psicológicas são assustadoramente graves: 80% das mulheres que foram vítimas de violência sexual apresentam sintomas de estresse pós-traumático, muitas têm depressão e pensam em suicídio. Cerca de metade das vítimas apresenta dificuldades sexuais em seus próprios relacionamentos nos 15 a 30 meses após o estupro. Acolher amorosamente a vítima do estupro e empreender todos os esforços para ajudá-la em sua rearmarização íntima é algo que não pode ser desconsiderado.

Lamentavelmente, durante a última década, nos Estados Unidos, a incidência de estupros aumentou quatro vezes mais que a de crimes em geral. Uma em cada quatro mulheres será estuprada nos E.U.A, em algum momento de sua vida, mas apenas 16% relatam o fato à polícia e menos de 5% dos acusados vão para a cadeia. ^[i]

Dois pontos doutrinários são importantes no entendimento cármico do estupro.

Primeiro - O mal não está previsto como ação fatal no destino das pessoas. Reencarnamos para fazer o bem, e, ao fazermos o mal, nos desviamos dos compromissos previamente delineados. Segundo Kardec, [...] *pele que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir.* ^[ii]

Lembra ainda o codificador que, *escolhendo uma vida de lutas, sabe que terá ensejo de matar um de seus semelhantes, mas não sabe se o fará, visto que ao crime precederá quase sempre, de sua parte, a deliberação de praticá-lo. Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la, ou não. Se soubesse previamente que, como homem, teria que cometer um crime, o Espírito estaria a isso predestinado. Ficai, porém, sabendo que ninguém há predestinado ao crime e que todo crime, como qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio.* ^[iii] Comenta André Luiz que a *alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange ao reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta.* ^[iv]

Diante do exposto, não se pode afirmar que dada jovem “veio para sofrer um estupro” ou que “tinha obrigatoriamente que passar exatamente por isso”.

Segundo - De acordo com os princípios doutrinários definidos por Kardec, não existem vítimas, considerando *vítima* aquele que sofre injustamente.

A Justiça divina se fundamenta em leis de causalidade que se estabelecem em um automatismo físico-psíquico regido pela Lei Natural. Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofrermos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade, futuras. ^[v] Lembra o codificador que as grandes dores, os fatos importantes e capazes de influir no moral são previstos por Deus, porque são úteis à nossa depuração e à nossa instrução. ^[vi]

Como princípio geral, pode-se dizer que cada um é punido por aquilo em que pecou ^[vii], portanto, a jovem, lamentavelmente, acometida por uma violência sexual é um Espírito que responde a atitudes equivocadas cometidas em experiências prévias.

Léon Denis, em *Depois da Morte*, coloca que *as leis inflexíveis da natureza, ou antes, os efeitos resultantes do passado, decidem da reencarnação. O Espírito inferior, ignorante dessas leis, pouco cuidadoso de seu futuro, sofre maquinalmente a sua sorte e vem tomar o seu lugar na Terra sob o impulso de uma força que nem mesmo procura conhecer.*

Também André Luiz esclarece: [...] *o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. O Senhor tolera a desarmonia, a fim de que por intermédio dela mesma se efetue o reajustamento moral dos Espíritos que a sustentam, vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam, auxiliando-os a compreender a excelência e a imortalidade do bem, que é o inamovível fundamento da Lei. Todos somos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados. Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições. A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.* ^[viii] Considerando, então, que determinado indivíduo opte pela infeliz opção da violência sexual, sua possível vítima será obrigatoriamente alguém que, por deslizes prévios na área da sexualidade, encontre-se sintonizada vibratoricamente com a possível agressão. Ou seja, tal possibilidade cabe na ordem geral das possibilidades reencarnatórias daquela jovem, embora não tenha fatalmente que se verificar.

No entanto, a necessidade consciencial de viver uma experiência dolorosa, relacionada à erótica, pode ser sanada de outra maneira, como, por exemplo, pela vivência de uma enfermidade ginecológica, como um câncer, ou uma lesão traumática do aparelho genital, decorrente de um acidente.

Ou ainda - e isso é o mais importante - pode esse Espírito reencarnado no gênero feminino sanar seu comprometimento espiritual através da ação reparadora no bem, desenvolvendo atitudes altruístas que venham colaborar no alívio das dores de tantas pessoas vitimadas por tragédias da vida afetiva.

Lembra Emmanuel que *a inflexibilidade e a dureza não existem para a misericórdia divina, que, conforme a conduta do Espírito encarnado, pode dispensar na lei, em benefício do homem, quando a sua existência já demonstre certas expressões do amor que cobre a multidão dos pecados.* ^[ix]

^[i] Homens maus fazem o que homens bons sonham - Robert Simon.

^[ii] OLE, item 851.

^[iii] OLE, item 861.

^[iv] Sexo e Destino, cap. 9, parte II.

^[v] OLE, item 964.

^[vi] OLE, item 859 a

^[vii] OLE, item 973.

^[viii] Entre a Terra e o Céu, cap. I.

^[ix] O Consolador, item 247.

Assistidos? Carentes?

Afirma Joanna de Ângelis, no livro *Vida feliz*, que a palavra é instrumento da vida para a comunicação e para o entendimento, e que o uso irregular das palavras corrompe a mente e rebaixa o homem. Lembra, ainda, que o verbo expressa a qualidade moral do indivíduo e que palavras gentis são geradoras de estímulos e valores que logram resultados preciosos.

Nós espíritas, que estamos conscientes da necessidade de buscarmos o belo, o bom, o justo, o nobre, o correto e o útil em todas as nossas ações, devemos ter um cuidado especial com as expressões que habitualmente empregamos, particularmente nas atividades espíritas, que se dão sob a luz de entidades venerandas, em ligação com Jesus.

Embora admita, fraternalmente, opiniões distintas, vejo como inapropriados dois termos empregados frequentemente por nós: *assistidos* e *carentes*.

Esses termos são empregados corriqueiramente, nos Centros espíritas, para nos referirmos às pessoas de baixa condição socioeconômica e/ou de baixa escolaridade, o que já pode sinalizar uma postura excludente: “eles” têm nome para qualificá-los, enquanto os outros não.

Além de induzir-nos a uma atitude mental separatista (os que têm nome para qualificá-los e os outros, os que não têm) as palavras *assistidos* e *carentes* são inadequadas, porque não expressam a realidade da vida. Muitos de nós podemos, em muitos aspectos do cotidiano, ser muito mais carentes que eles: carentes de amor, de paz, de dignidade profissional, de respeito no lar, de experiências na dor, de luta dura para sobreviver. Portando, carentes todos nós os somos.

O termo *assistidos*, por sua vez, expressa uma postura de autossuficiência: nós, os que sabemos e os que possuímos assistimos os pobres coitados que não sabem e nem possuem. Assistidos somos todos nós, graças a Deus. Pobres de nós se não fôssemos.

Buscando uma mais amorosa atitude espírita em nossas atividades, deveríamos buscar outras palavras (ou palavra nenhuma) para nos referirmos aos nossos irmãos de humanidade que transitoriamente vivem a doída experiência da limitação financeira e/ou escolar. Creio que todos ganharíamos muito com isso.

Culto a bobagens

Gilberto Dimenstein, 63 anos, jornalista conceituado, veio a público pela primeira vez após iniciar-se no tratamento de grave câncer de pâncreas com metástases ao fígado, dizendo:

Aquele Gilberto Dimenstein de antes do câncer morreu; câncer é algo que não desejo para ninguém, mas desejo para todos a profundidade que você ganha ao se deparar com o limite da vida. Não queria ter ido embora sem essa experiência, pois grande parte da minha vida foi marcada pelo culto a bobagens.

É como se eu estivesse passando por um lugar lindo em um trem em alta velocidade: vendo tudo borrado. Com o câncer começaram a aparecer coisas incríveis, as relações emocionais se sofisticam – só agora descobri a profundidade da relação homem/mulher; a pessoa do seu lado o tempo todo. Não conhecia essa cumplicidade nesse nível. Nós vivemos nos meios digitais a era da indelicadeza, 500 mil pessoas criticando. Eu acabei entrando no mundo das gentilezas. Cada pessoa tem uma palavra, um chá, uma oração, um olhar gentil. O outro mundo vai ficando ridículo!^[i]

A experiência da doença severa, da dor e da proximidade da morte ativa em nós pensamentos diferentes sobre a vida e nos sensibiliza para uma visão diferente das coisas. Bom seria se essas visões diferentes do habitual se instalassem independentemente da dor. Jesus propôs isso e grande parte de seus ensinamentos tinha como foco direcionarmos nossos desejos e nossas perspectivas para o belo, o bom, o justo, o solidário, o sadio, o ético: “Buscai primeiro o reino de Deus...”^[ii]

Simone Weil, a filósofa cristã francesa, dizia que nós sofremos certa deformação decorrente de nossa vida na atmosfera da sociedade contemporânea, e até nossas aspirações em prol de uma sociedade melhor trazem a sua marca. Nossa sociedade está atacada de uma mania única: a monomania da contabilidade. Para ela nada tem valor se não pode ser registrado em francos e centavos, onde as coisas representam o papel dos homens e os homens representam o papel de coisas. Segundo Simone, o mal essencial da humanidade é a substituição dos fins pelos meios. Considerava os fins como a vida humana em sua plenitude, ou seja, o ser espiritual e os meios como os recursos que permitem ao indivíduo desenvolver a sua espiritualidade: o comer, o beber, o fazer sexo, comprar o necessário à sobrevivência, possuir o essencial à vida etc. Segundo essa filósofa é essa inversão da relação entre o meio e o fim, essa loucura fundamental, que explica tudo o que há de insensato e triste no curso da história.^[iii]

Revivendo Jesus, o Espiritismo nos convoca a examinarmos atentamente o que temos cultuado em nossa vida. Bobagens? Tolices? Futilidades? Inconseqüências? Excessos? Aguardar o câncer, o sofrimento atroz ou perdas doídas para ativarmos atitudes de vida saudável e produtiva é desnecessário. Podemos fazer isso agora!

^[i] Folha de São Paulo, 31/12/19.

^[ii] Mateus, 6:33.

^[iii] Simone Weil – *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Ecléa Bosi

Morte na infância

O suicídio em precedente existência parece ser uma das mais prevalentes causas de desencarnação no período infantil. Kardec se posicionou nesse sentido ao colocar que a interrupção da vida na infância pode ser o complemento de uma vida interrompida antes do termo devido, sendo a morte da criança uma prova ou expiação também para os pais, provavelmente, implicados direta ou indiretamente com a atitude autocida do passado.^[ii]

André Luiz segue essa linha de raciocínio. Ao examinar as consequências do suicídio, citando diversas condições relacionadas a ele (enfermidades fatais, morte por acidentes etc.), o autor espiritual comenta que essas condições, via de regra, se verificam desde a vida intraútero até os 18 e vinte anos de experiência recomeçante. Esclarece, ainda, que tais insucessos representam cursos rápidos de socorro ou tratamento do corpo espiritual desequilibrado pela ação equivocada do pretérito.^[iii]

Outras condições, no entanto, podem estar relacionadas ao fenômeno da desencarnação na infância, que não o suicídio, mas vinculadas igualmente à lei de causa e efeito. Na bela obra *Resgate e amor*, recebida pela mediunidade de Chico Xavier, somos informados da história de Tiaminho, morto por atropelamento, aos 5 anos de idade, na rodovia Guarujá-Bertioga, estado de São Paulo, em janeiro de 1980. Mensagens mediúnicas esclareceram que tal desencarnação havia sido solicitada pelo próprio Espírito, transtornado pelo sentimento de culpa, por ter sido responsável pela morte de pessoa muito querida em existência anterior.

Podemos nos reportar ainda a causas que transcendem os mecanismos de ação e reação, e que se identificam como tarefas específicas assumidas por Espíritos lúcidos e nobres que se inserem em tal condição para beneficiar almas queridas, despertando-as para realidades superiores, ou mesmo, facilitando o desiderato de compromissos altaneiros.

O professor Pierre Ribeiro, de Campos (RJ), contava que a desencarnação da filhinha diletta de Peixotinho, Aracy, aos 2 anos, fora programada com a finalidade de auxiliar o notável médium de efeitos físicos a se libertar do hábito dos aperitivos, que estava comprometendo, seriamente, seu labor mediúnico. Após a morte, Aracy, que mantivera, por opção, a forma infantil, surgia diante da visão mediúnica de Peixotinho nos momentos em que ele se dispunha a ingerir os alcoólicos, conseguindo fazer com que superasse esse hábito. O Espírito que se corporificou como sua filhinha querida não se vinculava a nenhum compromisso reencarnatório que não fosse esse.^[iiii]

Inácio Ferreira se reportava, igualmente, a uma reencarnação brevíssima de uma entidade de alta condição evolutiva que objetivava colaborar no processo encarnatório de alma amiga. Tal alma tratava-se de um Espírito altamente intelectualizado, que cometera erros graves na última existência como médico, na Europa. Tomado de profundo sentimento de culpa, foi-lhe autorizada uma reencarnação provacional em tradicional família brasileira. Todavia, temeu-se que, em decorrência de seu estado mental, a gestação não fosse a termo, evoluindo para um abortamento espontâneo de causa vibracional. A entidade elevada, assim, aceitou mergulhar nos fluidos da matéria na condição de irmão gemelar, para que suas vibrações elevadas neutralizassem as energias deletérias do amigo, permitindo, conseqüentemente o nascimento desejado. Dez dias após o parto, o Espírito, que nenhuma tarefa corpórea possuía prevista para aquela época, desencarna, retornando à sua condição espiritual prévia.^[liv]

O tema é amplo e complexo, e continua aberto para novas reflexões, mas nos esclarece, e isso é o mais importante, que independente da causa, a desencarnação na infância, uma condição extremamente dolorosa para todos os envolvidos, é sempre uma possibilidade de vivermos experiências que vêm ao encontro de nossas necessidades reais.

Possivelmente, só no futuro, teremos acesso a informações que nos esclareçam exatamente quanto às razões do sucedido e o quanto tal experiência foi importante para os envolvidos.

^[ii] *O Livro dos Espíritos*, item 199.

^[iii] *Evolução em dois mundos*, parte II, cap. 17.

^[iiii] *Materialização do amor*, Humberto Vasconcelos.

^[iv] *Psiquiatria em face da reencarnação*, Inácio Ferreira.

Criança no Além

A desencarnação na infância coloca-nos diante da seguinte questão: o que se passa com o Espírito que, tão precocemente, deixa os fluidos terrenos?

De acordo com Allan Kardec, o Espírito de uma criança morta em tenra idade só recobrará a lucidez primitiva quando desaparecer toda a ligação entre o espírito e o corpo. ^[ii]

A ligação a que se refere Kardec é de natureza mental. Durante o período de ligação ao corpo, verificado no processo gestacional e, nos anos vividos, depois do nascimento, o Espírito desvinculou-se parcial e temporariamente da realidade espiritual, adaptando-se psiquicamente à corporeidade. A libertação desses condicionamentos mentais não se verificará de forma imediata, excetuando situações especiais relacionadas a entidades nobres e muito lúcidas.

Segundo a literatura espírita, três situações podem se identificar com o Espírito que vem a desencarnar no período de infância.

Primeira possibilidade: o Espírito retoma de imediato a sua personalidade de adulto, geralmente a da última encarnação. André Luiz comenta que quando o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva, assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. Isso pode dar-se com grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a respectiva apresentação que lhes era costumeira. ^[iii]

Segunda possibilidade: retornar brevemente à Terra para uma nova experiência corpórea. Não parece ser tão raro que Espíritos mortos em tenra idade tenham um curto período de erraticidade (meses ou poucos anos), com regresso ao planeta, muitas vezes reencarnando na mesma família.

Hernani Guimarães Andrade estudou oito casos de indivíduos que se lembraram de fatos de encarnações prévias e, após minuciosa pesquisa, acreditou ter dados suficientes para autenticar os fenômenos. Desses oito casos, quatro se relacionavam a Espíritos que haviam desencarnado na infância e regressaram, após breve intervalo de tempo, na mesma família, sendo que três voltaram ao convívio dos mesmos pais, ou seja, eram irmãos deles próprios. ^[iiii]

Terceira possibilidade: manter, por um espaço relativo de tempo, a forma infantil, submetendo-se a um processo natural de desenvolvimento “físico” e mental, à semelhança do que se verifica na dimensão física. A criança cresce em estatura e desenvolvimento cognitivo, aprende a ler e escrever, se escolariza, e adquire habilidades que vão capacitá-la a avançar em sua senda evolutiva. A literatura mediúnica se reporta a colônias espirituais especializadas nesse labor.

Ernesto Bozzano se reporta à mensagem mediúnica de uma senhora que teve a infelicidade de perder dois filhos ainda muito pequenos. Anos mais tarde, ela, por sua vez, retorna à dimensão espiritual. Durante o desligamento perispiritual, ela identifica dois belos mancebos que vêm recebê-la. Algo de familiar no semblante deles, mas não se recorda de havê-los conhecido na Terra. Mas quando eles se aproximam mais, ela, então, os reconhece: seus filhos amados que haviam se tornado homens feitos. ^[iv]

Lembra André Luiz que almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente acham-se relativamente longe do autogoverno. Jazem conduzidas pela Natureza, à maneira das criancinhas no colo maternal. Não sabem desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas e, por isso, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. Comenta ainda que é por esse motivo que, muitas vezes, não se pode prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil, de vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aperfeiçoamento moral. ^[v]

No entanto, o mais importante é que, independente da opção em que o Espírito esteja inserido, ele se encontrará sob a amorosa supervisão de almas queridas que velarão por ele, encaminhando-o da melhor maneira possível. Kardec lembra que a alma encontra no mundo dos Espíritos os parentes que ali a precederam, pois eles vêm recebê-la e ajudam-na em sua readaptação à nova experiência de vida.^[vi]

^[i] *O Livro dos Espíritos, item 381*

^[ii] *Entre a Terra e o Céu, cap. X*

^[iii] *Reencarnação no Brasil*

^[iv] *A crise da morte, Bozzano*

^[v] *Entre a Terra e o Céu, cap. X*

^[vi] *O que é o Espiritismo, cap. 2, item 153*

Simone Weil e o Espiritismo

Simone Weil, filha de judeus não praticantes - seu pai era médico - nasceu em Paris e viveu sua rica existência no período que compreende as duas grandes guerras (morreu com 34 anos em 24 de agosto de 1943).

A solidariedade e a compaixão com os sofredores do seu tempo marcaram a curta vida dessa filósofa francesa, aluna da Sorbonne, que, com o início da segunda guerra mundial, passou a dormir no chão, em solidariedade aos soldados franceses que no *front* não tinham uma cama para se deitar. Horrorizava-se que a pusessem em situação de privilégio, e fugia espantada de toda solicitude que pudesse colocá-la acima do nível comum.

Deixou uma brilhante carreira acadêmica, para dedicar-se ao ensino de filosofia para alunos do ensino médio, tendo trabalhado, durante um ano, como operária em uma fábrica da Renault, para sentir na própria pele a dor e o sofrimento dos oprimidos de sua geração.

Judia apenas de nascimento, se converteu ao cristianismo após uma experiência mística, em uma aldeia portuguesa de pescadores, mas não assumiu a fé católica, recusando-se ao batismo em solidariedade com aqueles que, na história, foram condenados pela intolerância católica.

É de impressionar a grandeza e profundidade de sua obra - publicada em 16 volumes pela Editora Gallimar - escrita durante os poucos e difíceis anos da guerra. Tão notável quanto sua obra literária é o seu exemplo de vida, seu desprendimento aos bens e prazeres terrenos e sua luta contra a desigualdade e injustiça humanas.

Não sabemos se teve contato com obras espíritas, mas podemos identificar em seus textos elementos contidos no modo espírita de pensar. Apresentamos, a seguir, alguns pensamentos de Simone, relacionando-os com temas que nos são caros.

Deus

O problema de Deus é um problema cujos dados estão faltando aqui embaixo e que o único método eficiente para evitar resolvê-lo de maneira errada é não perguntando. Estando neste mundo, cabe a nós adotar a melhor atitude possível para com os problemas dele, e essa atitude não depende da solução do problema de Deus.

Jesus

Se o Evangelho omitisse toda e qualquer menção à ressurreição de Cristo, a fé me seria mais fácil. A cruz, apenas, me basta. Para mim, a prova, a coisa verdadeiramente milagrosa, é a beleza perfeita das narrativas da Paixão, juntamente com algumas palavras fulgurantes de Isaías: “Injuriado, maltratado, ele não abria a boca”; e de São Paulo: “Possuindo a natureza divina, renunciou a ela, esvaziou-se e aceitou a cruz”.

Deturpações do Cristianismo

A Igreja trouxe muitos frutos ruins para que não tenha havido um erro já de início. A Europa foi espiritualmente desenraizada, amputada daquela antiguidade em que têm origem todos os elementos de nossa civilização; e ela foi desenraizar os outros continentes a partir do século XVI. Seria curioso que a palavra de Cristo tivesse produzido esses efeitos se tivesse sido bem entendida. Cristo disse: “Ensinai as nações e batizai os que creem”, ou seja, os que creem nele. Ele nunca disse: “Obrigai-os a renegar tudo o que seus pais consideraram sagrado e a adotar como livro sagrado a história de um pequeno povo que não conhecem”.

Israel e Roma deixaram sua marca no cristianismo. Israel fazendo incluir nele o Antigo Testamento como texto sagrado, Roma tornando o cristianismo a religião oficial do Império, que era algo como isso com que Hitler sonha. Essa dupla mácula quase original explica todas as máculas que tornam a história da Igreja tão atroz no decorrer dos séculos.

Tudo indica que a Igreja não cumpriu perfeitamente sua missão de conservadora da doutrina. Nem de longe. Não só porque ela acrescentou minúcias, restrições e interdições talvez abusivas, mas também porque, quase certamente, perdeu tesouros. Mas há uma quase certeza. É a de que quiseram nos esconder alguma coisa; e conseguiram. Não é por acaso que há tantos textos destruídos, tantas trevas a respeito de uma parte tão essencial da história. Provavelmente houve uma destruição sistemática de documentos.

Religião

Unicamente as associações de ideias adequadas, profundamente gravadas na nossa mente graças a intensas emoções, permitem ao pensamento meditar Deus, inclusive sem palavras interiores, através dos atos do trabalho. A tarefa da Igreja seria a de suscitar tais emoções e criar essas associações.

Experiências espirituais

No que vemos como milagres, os hindus veem efeitos naturais de poderes naturais que se encontram em poucas pessoas e, mais frequentemente, nos santos. Quanto à autenticidade histórica dos fatos que denominamos milagres, não há motivos suficientes para afirmá-la nem para negá-la categoricamente. Os fatos considerados miraculosos são compatíveis com a concepção científica do mundo, uma vez que se admite como postulado que uma ciência suficientemente avançada poderia explicá-los. Esse postulado não suprime a ligação desses fatos com o sobrenatural. Somos por demais ignorantes para poder afirmar ou negar a respeito dessa questão.

Os que acreditam que o sobrenatural age de uma forma arbitrária e que foge a todo estudo, bem que o desconhecem assim como os que negam a sua realidade. Os místicos autênticos, como São João da Cruz, descreveram a operação da graça na alma com uma precisão de químico ou geólogo. A influência do sobrenatural sobre a sociedade humana pode ser também estudada.

Os erros de nossa época provêm de um cristianismo sem o sobrenatural.

Lei Natural (Causa e efeito)

Se olharmos de perto, com um olhar realmente atento, as almas e as sociedades humanas, veremos que por todo lado onde a virtude da luz sobrenatural está ausente, tudo obedece a leis mecânicas tão cegas e tão precisas quanto as leis da queda dos corpos. O homem jamais pode sair da obediência a Deus, uma criatura não pode deixar de obedecer. A única escolha deixada ao ser humano como criatura inteligente e livre é desejar a obediência ou não a desejar. Se ele não a desejar, ele a obedecerá de qualquer maneira, perpetuamente, enquanto coisa submissa à necessidade mecânica.

Em sendo cego, o destino estabelece uma espécie de justiça, também cega, que pune os homens armados com a Pena de Talião; a *Ilíada* a formulou muito antes do Evangelho, e quase nos mesmos termos: *Ares é equitativo, mata os que matam*. Este castigo de um rigor geométrico, que pune automaticamente ao abuso da força, foi o objeto primeiro da meditação entre os gregos. Foi talvez, essa noção grega, que subsistiu, sob o nome de Karma, em países do Oriente impregnados de budismo; mas o Ocidente a perdeu e nem tem mais, em nenhuma de suas línguas, uma palavra para significá-la; as ideias de limite, de medida, de equilíbrio, que deveriam determinar a conduta da vida, só têm um emprego servil na técnica. Só diante da matéria somos geométricas; os gregos foram primeiramente geométricas no aprendizado da virtude.

Desapego

É melhor não comandar em todos os lugares em que temos poder. Esse pensamento, caso ele ocupe toda a alma e governe a imaginação, que é a fonte das ações, constitui a verdadeira fé.

A frase de pascal “*Tu não me procurarias se já não me houvesse encontrado*” não é verdadeira expressão das relações entre o homem e Deus. Platão é muito mais profundo quando diz: *É preciso afastar-se com toda a força daquilo que é transitório*. O homem não tem que buscar nem sequer acreditar em Deus. Só deve negar seu amor a tudo que é distinto de Deus. A única opção que o homem tem é a de dedicar ou não seu amor às coisas terrenas. É preciso que ele se negue a dar seu amor às coisas terrenas e permaneça imóvel, sem buscar nem se agitar, em atitude de espera sem tratar sequer de saber o que ele espera; é absolutamente certo que Deus percorrerá todo o caminho até ele.

Todos nós sofremos uma certa deformação decorrente de nossa vida na atmosfera da sociedade burguesa, e até nossas aspirações em prol de uma sociedade melhor trazem a sua marca. A sociedade burguesa está atacada de uma mania única: a monomania da contabilidade. Para ela nada tem valor se não pode ser registrado em francos e centavos.

A virtude sobrenatural da justiça consiste, se formos o superior na relação desigual de forças, em nos conduzir exatamente como se houvesse igualdade. A pessoa que trata como iguais aqueles a quem a proporção de forças colocou muito abaixo dele, realmente lhes dá o dom da qualidade de seres humanos, que o destino os privou. Tanto quanto for possível a uma criatura, ela reproduz a generosidade original do Criador.

Justiça

Se se sabe onde está o desequilíbrio da sociedade, é necessário fazer tudo que se possa para agregar peso ao prato mais leve. Ainda que esse peso seja um mal, manejando-o com essa intenção pode ser que não manche. Mas é necessário haver concebido o equilíbrio e estar sempre disposto a trocar de lado como a justiça, essa fugitiva do campo dos vencedores.

Compaixão

Há somente uma ocasião na qual realmente não tenho mais certeza de nada. É no contato com o infortúnio de outra pessoa [...] Esse contato me faz um mal tão atroz, me despedaça tanto a alma de um lado a outro, que o amor de Deus se torna quase impossível durante algum tempo. Falta muito pouco para que eu diga impossível. A tal ponto isso me inquieta e atormenta. Fico um pouco mais tranquila quando lembro que o Cristo chorou ao prever os horrores do saque de Jerusalém. Espero que Ele perdoe à compaixão.

Eu jamais consigo ler a história da figueira estéril sem estremecer. Acredito que ela seja o meu retrato. A natureza nela também era impotente e, no entanto, ela não foi desculpada. Cristo a amaldiçoou; [...] o sentimento de ser uma figueira estéril para Cristo despedaça o meu coração.

Os infelizes não precisam de outra coisa neste mundo do que de seres humanos capazes de prestar atenção neles. A capacidade de prestar atenção a um infeliz é algo raro, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que acreditam ter esta capacidade não a possuem. O calor, o impulso do coração e a piedade não bastam. Este olhar é, antes de tudo, um olhar atento, no qual a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si o ser que ela observa tal ele é, em toda sua verdade.

Resignação

Se cairmos perseverando no amor até o ponto onde a alma não pode segurar o grito “Meu Deus, por que me abandonastes”, se permanecermos nesse ponto sem deixar de amar, acabamos por tocar algo que não é mais o infortúnio, que não é a alegria, que é a essência central, essencial, pura, não sensível, comum à alegria e ao sofrimento, e que é o próprio amor de Deus.

Quando um aprendiz se fere ou se queixa de cansaço, os operários, os camponeses têm estas belas palavras: “É o trabalho que está entrando no corpo”. Cada vez que suportamos uma dor podemos dizer de maneira fidedigna que o universo, a ordem do mundo, a beleza do mundo e a obediência da criação a Deus entram em nosso corpo.

Ciência

Vivemos em uma época em que a maioria das pessoas sente, confusa, porém intensamente, que aquilo que se chamava *as luzes* no século XVIII, constitui – incluindo a ciência – um alimento espiritual insuficiente.

Quando a inteligência, depois de fazer silêncio, para deixar o amor invadir toda a alma, volta a se exercer, ela sente que contém mais luz do que antes, mais aptidão para compreender os objetos, as verdades que lhe são próprias. Mais ainda, creio que esses silêncios constituem para ela uma educação que não pode ter nenhum outro equivalente e lhe permitem compreender verdades que, de outro modo, lhe permaneceriam sempre ocultas. Há verdades que estão a seu alcance, compreensível para ela, mas que só pode compreender depois de terem passado em silêncio através do inteligível.

Uma ciência que não nos aproxima de Deus não vale nada. Porém, se nos aproxima mal, ou seja, de um Deus imaginário, ainda é pior.

Penso que a vida intelectual, longe de dar direito a privilégios, é, em si mesma, um privilégio quase terrível que exige, em contrapartida, responsabilidades terríveis.

Um sistema social está profundamente doente quando um camponês trabalha a terra pensando que, se ele é camponês, é porque não era inteligente o bastante para tornar-se professor.

Desenvolvimento espiritual

Deus recompensa a alma que pensa nele com atenção e amor, e Ele a recompensa exercendo sobre ela uma coação rigorosamente, matematicamente proporcional a esta atenção e este amor. É preciso abandonar-se a este impulso, correr até o ponto preciso onde Ele o conduzir, [...] ser objeto de uma sujeição que se apodera de uma parte da alma que cresce perpetuamente. Quando a sujeição se apodera de toda a alma, chegamos a um estado de perfeição.

Preste muita atenção, pois se você passar ao largo de uma grande coisa por culpa sua, isso seria uma pena.

Diz-se muitas vezes que a força não pode domar o pensamento; mas para que isto seja verdade, é preciso que haja pensamento. Onde as opiniões irracionais tomam o lugar de ideias, a força pode tudo.

Só orientando meu pensamento para alguma coisa melhor do que eu, é que esse algo me puxará para o alto.

Tolerância

Se eu não amar as pessoas como elas são, então não são elas que eu amo.

O pecado é uma má orientação do olhar.

O caráter legal de um castigo não tem significado verdadeiro se não lhe for conferido um aspecto religioso, se ele não tiver algo análogo a um sacramento; e, conseqüentemente, todas as funções penais, desde o juiz, até o carrasco e o guarda da prisão, deveriam participar de alguma maneira desse sacerdócio.

Uma sessão em um tribunal deveria começar e acabar com uma oração em comum dos magistrados, da polícia, do acusado, do público. Cristo não deveria estar ausente dos lugares onde trabalhamos, dos lugares onde estudamos.

É preciso que as diferenças não diminuam a amizade e que a amizade não diminua as diferenças.

Observação: os textos de Simone foram extraídos dos livros *Espera de Deus*, *Pensamentos desordenados acerca do amor a Deus* e *A gravidade e a graça*, de Simone Weil, e também das obras *Simone Weil – A força e a fraqueza do amor* de Maria Clara Bingemer e *Simone Weil – A condição operária e outros estudos sobre a opressão* de Ecléa Bosi.

Desigualdade das riquezas: Kardec errou?

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XVI, Kardec apresenta belas ideias em torno das desigualdades das riquezas, elencando três causas fundamentais para esse fenômeno social tão lamentável.

A primeira delas encontra-se nas próprias diferenças existentes entre os indivíduos: nem todos são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar, afirma o codificador. E acrescenta que se toda a riqueza da Terra fosse dividida igualmente para todas as pessoas, feita essa divisão, o equilíbrio estaria desfeito em pouco tempo, pela diversidade dos caracteres e aptidões.

A necessidade de os Espíritos viverem experiências corpóreas diferentes e conseguirem as coisas pelo próprio esforço seria uma segunda causa. Lembra Kardec que são necessárias as provas da pobreza e da riqueza para que os seres espirituais desenvolvam habilidades diferentes: resignação, perseverança, desprendimento, compaixão etc. são virtudes que serão construídas paulatinamente nas diferentes experiências, ora na abundância, ora na escassez.

E, finalmente, a terceira causa das desigualdades: o egoísmo e a ganância humana, levando os homens a cometerem toda sorte de abusos, em detrimento daqueles que, por limitações intelectuais, familiares e culturais, não possuam os mesmos recursos para terem acesso aos bens da Terra.

No entanto, no texto em exame, nos causa espécie a seguinte afirmação de Kardec: *é ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, daria a cada um parcela mínima e insuficiente*. O sociólogo Domenico de Masi comenta em seu último livro – *O mundo ainda é jovem* – que, segundo dados financeiros confiáveis, se dividíssemos igualmente a riqueza produzida, bastaria para assegurar o bem-estar de todos. Organizações financeiras internacionais validam uma medida-padrão de avaliação da riqueza: o Produto Interno Bruto per capita, obtido dividindo-se a riqueza de um país pelo número de habitantes. Pois bem, se dividíssemos o PIB mundial, ou seja, toda a riqueza do mundo (cerca de 80 trilhões), pelos 7,4 bilhões de habitantes da Terra, daria para cada indivíduo cerca de 10 mil dólares por ano, ou seja, 45 mil reais, o que daria para que todos vivessem dignamente.

No entanto, Kardec afirmou algo diferente, segundo mostramos anteriormente. Será que ele se equivocou? Acredito que não! Kardec faz essa afirmativa com base na realidade de sua época, em meados do século XIX. Informa-nos Steven Pinker, na obra *O novo Iluminismo*, que, em virtude do notável desenvolvimento tecnológico, ficamos muito mais ricos, pois o PIB mundial cresceu *cem* vezes de meados do século XIX até nossos dias, enquanto a população mundial aumentou apenas sete vezes. Possivelmente, àquela época, tal afirmação de Kardec fosse pertinente, não se mostrando mais em nossos dias.

Energia sexual: uma reflexão espírita

Kardec estabeleceu que a comunhão sexual depende da organização física e, sob este aspecto, a sexualidade é uma expressão da corporeidade.^[i] Fisiologistas estudam a *Resposta sexual humana* (RSH) e as áreas do cérebro, particularmente o hipotálamo, bem como os hormônios e os neurotransmissores relacionados com a experiência sexual.

Joanna de Ângelis, em obra de 2007, corrobora com o pensamento kardequiano, lembrando que o fenômeno sexual tem lugar no diencéfalo (sede do hipotálamo), onde se expressam os variados estados de excitação. Nessa região, os neurotransmissores específicos da função sexual produzem as ânsias do desejo e favorecem com as reações orgânicas indispensáveis à comunhão fisiológica anelada. A autora acrescenta que a Divindade estabeleceu uma área específica no cérebro, para que a reprodução pudesse acontecer através de automatismos, que a evolução qualificou para melhor com a cooperação consciente do sentimento de afetividade.^[iii]

Necessário considerar, todavia, que, como toda atividade psicológica se dá na mente e a mente é uma propriedade do espírito, os aspectos cognitivos (pensamentos e sentimentos) da sexualidade se verificam na dimensão do espírito.

Em síntese: os circuitos cerebrais ativados respondem pela função sexual, e o Espírito registra, através de pensamentos e sentimentos, o que se passa no cérebro, como consequência da ativação dos circuitos específicos.

A controvérsia no entendimento da dinâmica sexual se dá a partir do conceito, apresentado por autores desencarnados, de que a sede do sexo estaria no espírito. André Luiz coloca que *a sede do sexo não se acha no corpo grosseiro, mas na alma, em sua sublime organização.*^[iii]

Emmanuel, por sua vez, coloca que [...] *as sugestões da erótica se entranham na estrutura da alma.*^[iv]

Tais pensamentos não são encontrados na obra de Kardec, e devemos examiná-los com cuidado. Necessário, para tanto, definir, com precisão, o conceito de sexo. Para a biologia, sexo é qualquer troca de material genético, podendo ser identificado até mesmo em seres unicelulares, como as bactérias. Os dicionários, por sua vez, apresentam para o vocábulo *sexo* as seguintes definições:

- 1 - reunião das características distintivas que, presentes nos animais, nas plantas e nos seres humanos, diferenciam o sistema reprodutor; sexo feminino e sexo masculino;
- 2 - ação ou prática sexual, ou seja, relação amorosa;
- 3 - Os órgãos sexuais; genitália.

Não nos parece que essas definições (sexo como diferenciação genital, comunhão carnal e órgãos sexuais) possam se identificar com a conceituação proposta por André Luiz. Na Revista Espírita de janeiro de 1866, Kardec bem definiu que *os Espíritos não têm sexo, pois os sexos só existem no organismo; os Espíritos não se reproduzindo uns pelos outros, os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.* Em *O Livro dos Espíritos*, nos itens 200 a 202, afirma que os Espíritos não têm sexo, pois que os sexos dependem da organização.

Parece-nos mais provável que André Luiz tenha se valido do vocábulo *sexo* dando-lhe uma conotação diferente da habitual. André talvez tenha empregado o termo *sexo* no sentido *de impulso sexual, impulso criativo, força sexual, libido*, termos amplamente empregados por autores espíritas, quando se referem a uma força inerente ao espírito e que o sustenta nas diferentes tarefas da vida.

Voltando ao livro *No mundo maior*, cap. 11, encontramos observações de André em torno do conceito de *impulso criador* e talvez esse conceito se reporte a essa definição singular de sexo. Segundo o autor, a individualidade espiritual possui em sua estrutura íntima uma força especial, investida de potentes faculdades criadoras – o impulso criador. Movida por essa força a coletividade humana avança, vagarosamente, para o supremo alvo do divino amor. Desejo, posse, simpatia, carinho, criatividade,

devotamento, renúncia e sacrifício constituem aspectos dessa jornada sublimadora, em que a alma vai aprendendo, paulatinamente, a se valer do impulso criador para conquistas mais nobres. Freud identificou esse impulso na libido – a energia erótica. Adler considerou-o no desejo de sucesso (não necessariamente pessoal, mas também coletivo) e Jung viu nele a possibilidade de aspiração superior.

Observamos, a partir do texto, a afinidade que André demonstra com os conceitos da psicanálise, teoria que prevaleceu fortemente em grande parte do século XX, quando André ditou as obras da conhecida Série Nosso Lar.

Uma das maiores contribuições de Freud foi a ideia de que as pessoas são motivadas, primariamente, por impulsos dos quais têm pouca ou nenhuma consciência. O inconsciente contém todos esses impulsos, desejos ou instintos que estão além da consciência, mas que, no entanto, motivam a maioria de nossos sentimentos, ações e palavras. Freud postulou uma dinâmica, ou um princípio motivacional, para explicar a força motora por trás das ações das pessoas. Para Freud as pessoas são motivadas a procurar o prazer e reduzir a tensão e a ansiedade. Essa motivação é derivada da energia psíquica e física que brota de seus impulsos básicos.

Freud usou a palavra alemã *Trieb* para se referir a esse impulso ou estímulo dentro da pessoa. Esse termo foi traduzido como instinto, impulso ou pulsão. Os impulsos operam como uma força motivacional constante. Os vários impulsos podem ser agrupados sob dois títulos: sexo, ou Eros, e agressividade, destruição, ou Tanatos. Freud usou a palavra libido para o impulso sexual, porém a energia do impulso agressivo permanece sem nome.

O objetivo final do impulso sexual (redução da tensão sexual) não pode ser mudado, mas o caminho pelo qual a finalidade é alcançada pode variar. Como esse caminho é flexível e como o prazer sexual provém de outros órgãos além dos genitais, muitos comportamentos originalmente motivados por Eros são difíceis de reconhecer como comportamento sexual.

Para Freud toda atividade prazerosa é rastreável até o impulso sexual. A maioria das pessoas é capaz de sublimar uma parte da libido, a serviço de valores culturais mais elevados, enquanto, ao mesmo tempo, retém quantidade suficiente de impulso sexual para perseguir o prazer erótico individual.^[iv]

A obra mediúmica de Chico Xavier e, até certo ponto, a obra de Divaldo Franco sofreram notória influência do pensamento freudiano. Podemos observar a notável similaridade com os fundamentos da psicanálise, nos textos espíritas abaixo.

André Luiz:

[...] não podemos afirmar que tudo, nos círculos carnavais, constitua sexo, desejo de importância e aspiração superior; no entanto, chegados à compreensão de agora, podemos assegurar que tudo, na vida, é impulso criador. Todos os seres que conhecemos, do verme ao anjo, são herdeiros da Divindade que nos confere a existência e todos somos depositários de faculdades criadoras.^[vi]

[...] A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado [...] o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso.^[viii]

Emmanuel:

A libido ou o instinto sexual na forma de energia psíquica, tendente à conservação da vida, permanece, em muitos casos, na carícia dos pais [...]^[viii]

Agindo assim, por amor, doando o corpo a serviço dos semelhantes, e, por esse modo, amparando os irmãos da Humanidade, através de variadas maneiras, convertem a existência, sem ligações sexuais, em

caminho de acesso à sublimação, ambientando-se em climas diferentes de criatividade, porquanto a energia sexual neles não estancou o próprio fluxo; essa energia simplesmente se canaliza para outros objetivos - os de natureza espiritual.^[ix]

Joanna de Ângelis:

Dando amplitude genésica ao sexo, que é a sua função primeira, encontramos-lo na força de atração mantida pela vida. No homem, ele é também o agente da inspiração e da beleza, da coragem e do amor, devendo ter as suas expressões canalizadas para os ideais de sustentação da cultura, na filosofia, na ciência, na religião, na sociedade de libertação dos seres. Bem conduzida, a força sexual é vida, enquanto que, se deixada ao desrespeito, torna-se veneno e pantanal, que vitima sem piedade quem a execra através do mau uso.^[x]

Chico/Emmanuel:

Basta que saibamos fazer a transmutação da força sexual em nossas ligações afetivas uns com os outros, mesmo sem contato sexual, para encontrarmos sempre o amor, porque o amor é lei da vida. Mas, se soubermos transmutar a energia sexual em serviço, trabalho, organização, realização, sublimação, encontraremos sempre no amor com base mesmo no sexo não vivido, a força espiritual mais profunda da vida para garantir a nossa euforia orgânica e mental sobre a Terra.^[xi]

Concluindo, nos parece adequado, diante no examinado, que o vocábulo *sexo* seja empregado, conforme aceitava Kardec, como uma função orgânica, própria do espírito encarnado, e vivenciada pelo espírito, que é a sede dos pensamentos e sentimentos. Admitindo, segundo a proposta freudiana, o conceito de *impulso criador* (validada, em parte, pela obra mediúmica de Chico e Divaldo), seria ele, uma força motivacional, inerente aos seres vivos, que alimenta as suas ações, incluindo a sexualidade.

[i] *O Livro dos Espíritos*, item 200, ver também *Revista Espírita*, janeiro de 1866.

[ii] *Encontro com a Paz e a saúde*, cap.9.

[iii] *No mundo maior*, cap. 11 e *Evolução em dois mundos*, parte I, cap. XVIII.

[iv] *Vida e sexo*, cap. 1.

[v] *Teorias da personalidade*, Feist e Roberts.

[vi] André Luiz, *No mundo maior*, cap. 11.

[vii] André Luiz em *Evolução em dois mundos*, cap.18 parte I.

[viii] Emmanuel, em *Vida e sexo*, cap. 15.

[ix] Emmanuel, em *Vida e sexo*, cap. 23.

[x] Joanna de Ângelis, em *Momentos de alegria*, cap. 16.

[xi] Chico/Emmanuel, *Lições de sabedoria*, cap. 33.

Sexo casual: um estudo espírita

A tradição cristã não tem sido complacente com a atividade sexual desvinculada de uma relação afetiva estável. Jesus foi rigoroso nesse particular, apresentando o conceito revolucionário de “pecado pelo pensamento”, contraditoriamente à ética judaica, segundo a qual a infração à Lei de Deus só se dá na concretização material do ato e jamais no desejo não materializado. Segundo Jesus, todo aquele que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela. ^[1]

Paulo, em suas epístolas, valeu-se do vocábulo *fornicação*, combatendo veementemente tal prática. ^[2] Entende-se como tal o ato sexual que não é entre cônjuges, ou seja, o sexo fora de uma relação afetiva monogâmica consentida. Agostinho dedicou a obra *Dos bens do matrimônio* para tratar dos assuntos relacionados ao casamento, pois somente através dele seria possível o exercício do “sexo virtuoso”.

Kardec estabeleceu que as relações monogâmicas representam um progresso na marcha da humanidade e que na poligamia, não há afeição real - só existe sensualidade ^[3].

Isso se explica pela própria dinâmica do relacionamento monogâmico. Uma das características dessa relação, obviamente, onde estão presentes o respeito e fidelidade ao outro, é que com a continuidade da vida a dois, os parceiros vão, naturalmente, modulando seus impulsos sexuais. As ocorrências do dia a dia, as preocupações com os filhos e depois com os netos, os processos paulatinos de envelhecimento da organização física levam a redução da libido e isso faz com os parceiros aprendam a permutar os valores afetivos através do beijo, do abraço ou do diálogo afetuoso.

Tudo isso contribui para o aprimoramento da afetividade, antecipando numa relação corpórea o que deverá se dar com o Espírito em sua longa marcha para a angelitude. Observa-se, como regra geral, uma redução progressiva da frequência do número de intercursos sexuais em uma relação monogâmica, sem que os parceiros se ressintam demasiadamente desse fato.

Assim, a função sexual vai sendo paulatinamente burilada e as motivações existenciais serão direcionadas para outras funções da personalidade, contribuindo no desenvolvimento intelecto-moral da entidade reencarnada. Tal dinâmica não é observada nas relações múltiplas entre parceiros não comprometidos afetivamente, onde a libido, pela variação constante, mantém-se pujante. Perdem, portanto, as personalidades envolvidas na relação a oportunidade de sublimarem os sentimentos, deixando de caminhar em direção a uma vida mais identificada com os valores do Espírito. Lembra Kardec que a sobre-excitação dos instintos materiais abafa o senso moral. ^[4]

Os autores desencarnados que se valeram da mediunidade de Yvonne Pereira, Chico Xavier, Raul Teixeira e Divaldo Franco assumiram o pressuposto de que a prática sexual ideal seria aquela que se desse entre pessoas comprometidas por laços duradouros de afeto.

De acordo com Emmanuel, urge situar o sexo a serviço do amor, sem que o amor se lhe subordine. Valendo-se da expressiva metáfora do rio e do dique, o benfeitor propõe que imaginemos o sexo como o rio e o amor como o dique e coloca: *O rio fecunda. O dique controla. O rio espalha forças. O dique policia-lhes a expansão. No rio, encontramos a Natureza. No dique, surpreendemos a disciplina. Se a corrente ameaça a estabilidade de construções dignas, comparece o dique para canalizá-la proveitosamente, noutra nível. Contudo, se a corrente supera o dique, aparece a destruição, toda vez que a massa líquida se dilate em volume. Tanto quanto o dique precisa erguer-se em defensiva constante, no governo das águas, deve guardar-se o amor em permanente vigilância, na frenação do impulso emotivo.* ^[5]

Tal natureza de pensamento encontra argumentação no entendimento das finalidades da prática sexual, conforme apresentadas por Emmanuel, em momentos distintos do livro *Vida e sexo*. O sexo casual não se identifica com essas finalidades, como passamos a examinar.

A função sexual, segundo Emmanuel, possui três objetivos fundamentais:

- 1- Reprodução da espécie.
- 2- Permuta de vibrações amorosas entre aqueles que se amam.

3- Estabelecimento e manutenção dos elos conjugais.

A mais óbvia das finalidades do sexo é a reprodução da espécie, presente em espécies evolutivamente bem mais simples que a nossa. Devemos ao sexo a formação do tesouro do lar e as alegrias restauradoras da família. O sexo casual não atende a essas funções, pois está relacionado, exclusivamente, ao usufruto do prazer, que não é problemático em si mesmo, mas que não se identifica com o objetivo citado.

A segunda finalidade do sexo está na permuta de vibrações amorosas entre aqueles que se amam. Segundo André Luiz, o amor é o alimento da alma e uma das formas de nos alimentarmos do amor da pessoa querida é através da relação sexual.^[6]

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquicos magnéticos que lhes são necessários ao progresso.^[7] Tal como dito anteriormente, o sexo casual também não atende essa finalidade, pois não está fundamentado numa relação amorosa, na medida em que busca apenas a satisfação do desejo, sem compromissos com o sentimento e a afetividade alheia.

E, finalmente, a terceira finalidade do sexo, por motivos óbvios, não identificada com o sexo casual: estabelecer e manter os elos conjugais. O afeto vincula as criaturas, umas às outras, permitindo-se também o intercâmbio de hormônios psíquicos, realmente responsáveis pela harmonia e saúde integral de todos os seres humanos.

Está bem estabelecido, hoje, que a cópula provoca em algumas espécies, inclusiva a humana, comportamentos sociais chamados *afiliativos*, através dos quais o macho e a fêmea formam um par relativamente estável, preparando-se ambos para receber os filhotes. Os comportamentos afiliativos dessa natureza são muito importantes biologicamente, pois protegem a fêmea durante a gravidez, e garantem a sobrevivência da prole após o nascimento, quando os filhotes não têm ainda maturidade fisiológica necessária para a vida independente. O hipotálamo é o principal integrador do comportamento sexual, e dois neuropeptídeos foram apontados como os principais moduladores neurais dos comportamentos sexuais: a oxitocina (ou ocitocina) e a vasopressina. Esses peptídeos são produzidos por neurônios centrais, participantes essenciais dos circuitos envolvidos nos comportamentos sexuais. A vasopressina está envolvida mais fortemente nos comportamentos sexuais masculinos, enquanto a oxitocina atua predominantemente nas fêmeas. Ambos os peptídeos são fortemente secretados durante a excitação sexual, atingindo o nível mais alto durante o orgasmo. O cérebro fica assim preparado para emitir os comportamentos afiliativos e sexuais adequados para as situações de acasalamento ou de cuidados com a prole.^[8]

Nesse particular, a prática sexual humana é especialmente curiosa. Nossa atividade sexual ocorre em privacidade. Chimpanzés e praticamente todas as outras espécies de mamíferos se acasalam em público. Em praticamente todas as culturas humanas, contudo, fazer sexo em público é considerado ofensivo, vexatório, sendo usualmente ilegal. Por que isso? Fazer sexo privadamente estabelece um elo especial entre os parceiros. Há todos os tipos de emoções intensas rodeando a sexualidade humana e os parceiros têm que vivenciar essas emoções exclusivamente entre eles, isolados de todos os demais membros do grupo. Por esse motivo, o orgasmo é acompanhado de uma descarga maciça de oxitocina, que promove a vinculação, gerando um sentimento de ternura, de carinho de um pelo outro e o desejo de continuarem juntos, prezando o relacionamento.^[9]

Joanna de Ângelis, em obra de 2007, se reporta a esses recentes avanços da neurociência, quando comenta que o amor, na função sexual, é muito importante, mesmo do ponto de vista fisiológico, porque a liberação da oxitocina proporciona harmonia, já que esse hormônio é responsável pela sensação de paz que os parceiros experimentam no clímax da coabitação. A máquina cerebral é tão extraordinária na sua funcionalidade que, nesse momento, também libera opioides que respondem pela satisfação e alegria derivadas da comunhão orgânica, impossibilitando os atritos e as disposições agressivas. Desse modo, a comunhão sexual contribui poderosamente em favor da harmonia entre os parceiros, melhorando os grupos

sociais, evitando as costumeiras agressões e crueldades. Nos indivíduos satisfeitos sexualmente e harmonizados, sem os conflitos angustiantes e perturbadores da insegurança, da timidez, da inferioridade, predominam a alegria de viver, o bem-estar em relação à existência, o desejo natural da procriação, da proteção à família, da boa luta em favor do progresso pessoal e da comunidade.^[10]

Habitualmente, são relacionados ao sexo casual alguns problemas.

As doenças sexualmente transmissíveis são praticamente inexistentes entre casais que vivenciam uma sexualidade monogâmica. Aids, sífilis e outras venereopatias são apanágios do sexo casual. Algumas delas, que já se encontravam em declínio, voltaram a crescer, como a sífilis, que nos últimos anos teve sua prevalência aumentada em centenas de vezes. Ginecologistas têm se reportado a casos de sífilis em adolescentes de 12, 13 e 14 anos.

A gravidez na adolescência é também problema relacionado ao sexo casual. A gravidez na adolescência é atualmente um dos mais significantes problemas sociais em todo o mundo. No Brasil, dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) mostram que a maioria das mães solteiras é do interior do Nordeste e tem entre 10 e 14 anos. Esses mesmos dados indicam que 25% das meninas entre 15 e 17 anos que deixam a escola o fazem por causa da gravidez, que assim vem se tornando a maior causa de evasão escolar. A gravidez precoce e suas complicações são a principal causa de mortalidade entre adolescentes do sexo feminino de 15 a 19 anos, sendo a terceira causa de óbitos entre as mulheres no Brasil, perdendo apenas para homicídios e acidentes de transportes.^[11]

Examinando o tema, Joanna comenta que na adolescência a realidade e a fantasia confundem-se, proporcionando à imaginação soluções de fácil ocorrência para qualquer desafio, particularmente no que diz respeito aos relacionamentos afetivos.^[12]

Lembra também que havendo filhos, como resultado da afetividade desgovernada, mais complexo torna-se o quadro da convivência que, infelizmente, termina em separação litigiosa, com acusações pesadas de parte a parte, assinalando profundamente a psique da prole, quando cada um dos litigantes não se escuda nos filhos para melhor ferir o outro, a quem atribui a culpa do insucesso.

E coloca, ainda, a autora espiritual, que a predominância dos impulsos sexuais na fase juvenil do ser humano está a merecer expressiva contribuição psicológica e educacional, a fim de que se possam evitar os desastres que decorrem da insensatez e da precipitação.

O uso excessivamente precoce do sexo acompanha-se, como visto, de consequências muitas vezes lamentáveis: gravidez prematura, distúrbios emocionais, viciações sexuais, desmotivações para as diferentes atividades dessa fase da vida, na medida em que erótica precocemente ativada, por sua natureza altamente prazerosa, acaba centralizando todos os interesses do adolescente, que perde notáveis oportunidades de viver de forma saudável essa etapa da vida orgânica.

Necessário acrescentar ainda como dificuldades relacionadas ao sexo casual as frustrações afetivas, o tormento íntimo pela busca vulgarizada do prazer e a insatisfação constante decorrente de uma prática sexual que pode aliviar a tensão, mas que não enriquece a personalidade.

Segundo Emmanuel, *conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar "consciências" qual se fossem "coisas", e se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um?*^[13]

A ausência de sentimento superior no ato sexual, segundo Joanna, *dá surgimento a contatos apressados, destituídos de significado emocional, que não chegam a produzir a harmonia interior esperada, nem a saciedade, antes induzindo a novas e variadas experiências, na busca mágica de intermínio prazer que mais cansa do que produz bem-estar.*^[14]

Referindo-se às relações sexuais fortuitas, oriundas de buscas virtuais, Joanna de Ângelis comenta que *os relacionamentos virtuais através da INTERNET, quando, cada qual oculta os conflitos e transfere-os para a responsabilidade de outrem, ensejam encantamentos paradisíacos, despertam paixões vulcânicas, resultantes todos das insatisfações acumuladas, instalando perigosos transtornos neuróticos de consequências lamentáveis.*^[15]

Ressalta, ainda, Joanna que o sexo deve ser exercido com a valiosa contribuição do amor, que estimula a produção dos hormônios propiciatórios ao prazer e ao equilíbrio, sem a pressa dos indivíduos psicologicamente irrealizados, tanto quanto daqueles que, saturados de experiências bizarras, esperam satisfação apenas orgânica, sem a contribuição da emoção plenificadora. ^[16]

André Luiz, por sua vez, comenta que o instinto sexual a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Lembra André que a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina. ^[17]

^[1] Mateus, V: 27-28

^[2] Efésios, 5,5 e Gálatas 5,19

^[3] LE, itens 695 e 701

^[4] LE, item 754

^[5] *Religião dos Espíritos*, cap. 53

^[6] *Nosso lar*, cap. 18

^[7] *Evolução em dois mundos*, cap. VI, parte I.

^[8] Roberto Lent, *Cem bilhões de neurônios?*

^[9] *Por que odiamos*, Rush W. Dozier Jr.

^[10] *Encontros com a paz e a saúde*, cap. 9

^[11] IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Indicadores Sociais Brasileiros*. 2000.

^[12] *Encontros com a paz e a saúde*, cap. 5

^[13] *Vida e sexo*, cap. 19

^[14] *Encontros com a paz e a saúde*, cap. 9

^[15] *Encontros com a paz e a saúde*, cap. 5

^[16] *Encontros com a paz e a saúde*, cap. 9

^[17] *Evolução em dois mundos*, cap. 18, parte I

Ainda sobre o acaso

Trata-se de ponto pacífico em nossa Doutrina espírita que os fatos importantes na vida de todos nós, aqueles relacionados às experiências que precisamos viver, foram estabelecidos antes da presente encarnação.

Muitos outros que se verificam em nossa vida não foram previstos, mas ocorrem como consequência de nossas ações, opções etc. Sob esse aspecto, os autores espíritas costumam afirmar que *o acaso não existe*.

Kardec, ele próprio se valeu dessa expressão, na Revista espírita, junho de 1866, quando examinando a tentativa frustrada de morte do Imperador da Rússia, por um cidadão que desviou a arma do assassino, colocou que *para nós, que não cremos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr aquele perigo, mas que sua hora não tendo ainda chegado, Kommissaroff havia sido escolhido para impedir a realização do crime, e que as coisas que parecem efeito do acaso estavam organizadas para levar ao resultado desejado*.

O que nós devemos avaliar é se esta expressão - *o acaso não existe* - pode ser aplicada a todas as situações da vida, até mesmo aquelas que nada têm de importante.

A respeito de uma possível causalidade em eventos de pequena monta, a codificação apresenta conceitos bem definidos, citados abaixo:

O Livro dos Espíritos, Item 259.

[...] não escolheste e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. [...] Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.

O Livro dos Espíritos, Item 859-a

[...] Não creias, entretanto, que tudo o que sucede esteja escrito, como costumam dizer. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato que praticaste por tua livre vontade, de tal sorte que, se não o houvesse praticado, o acontecimento não se teria dado. Imagina que queimas o dedo. Isso nada mais é senão resultado da tua imprudência e efeito da matéria. Só as grandes dores, os fatos importantes e capazes de influir no moral, Deus os prevê, porque são úteis à tua depuração e à tua instrução.

O Livro dos Espíritos Item 861

[...] Sempre confundis duas coisas muito distintas: os sucessos materiais da vida e os atos da vida moral. A fatalidade, que algumas vezes há, só existe com relação àqueles sucessos materiais, cuja causa reside fora de vós e que independem da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, esses emanam sempre do próprio homem que, por conseguinte, tem sempre a liberdade de escolher. No tocante, pois, a esses atos, nunca há fatalidade.

Mas vejamos a questão do acaso. Os dicionários definem acaso como *evento imprevisível que não encontra justificativa lógica ou racional; acontecimento incerto, não programado*.

Examino quatro situações:

Situação 1: Vou a conhecido restaurante e tomo várias taças de vinho. Embriagado, retorno para casa dirigindo meu automóvel. Em certo momento, cochilo e bato em um poste. Esse evento foi causal ou casual? Causal! Sua causa: alterações cognitivas decorrentes da embriaguez. Kardec diria: causa atual da aflição (E.S.E. cap. V)

Situação 2: Em hipotética existência no final do sec. XIX, irritado com um escravo que considero preguiçoso, dou-lhe um chute nas costas. O trauma ocasiona uma fratura vertebral, e, em decorrência dela,

passa a sentir fortes dores lombares, que o acompanham o resto da vida. Sec. XX: aos 25 anos tenho uma fortíssima crise de coluna que me deixa de cama por uma semana. A partir daí, passo a sentir dores lombares crônicas, com períodos frequentes de piora. Esse evento foi causal ou casual? Causal! Sua causa: lesão cármica; resultado de um ato criminoso no passado. Kardec diria: causa anterior da aflição (E.S.E. cap. V)

Situação 3: Combinamos um amigo e eu tomar um café na padaria do bairro. Encontramo-nos, como combinado, na terça-feira às 20h. Esse encontro foi causal ou casual? Causal! Sua causa: desejo de bater papo, motivando encontro programado.

Situação 4: Vou à padaria do bairro, como faço frequentemente. Encontro com um colega de trabalho; digo olá e retorno pra minha casa. O encontro com o colega foi causal ou casual? Casual, pois não foi motivado por nenhuma causa lógica ou racional, não programado, não previsto (vide definições do dicionário).

Entendo que nas situações 1,2 e 3 não houve acaso, pois encontramos para elas uma justificativa lógica e racional (embriaguez, ato criminoso, desejo de bater um papo), mas na situação 04, ouve acaso, pois se trata de algo inesperado, não provocado, sem justificativa lógica e reacional.

Concluindo: para certas coisas (sem importância na existência como um todo), o acaso pode existir!

Limitações ao autoconhecimento

O Livro dos Espíritos, primeira obra da codificação kardequiana, coloca que o conhecimento de si mesmo é o meio prático mais eficaz para se melhorar já nesta vida e resistir à atração do mal.^[ii]

Assim, tem sido proposto que a dinâmica da reforma íntima se inicie pelo autoconhecimento, ou seja, a identificação em nossa personalidade de traços dos defeitos morais.

De acordo com estudiosos da Psicologia social^[iii] o autoconceito consiste na representação mental que construímos acerca de nosso eu. Formamos uma imagem de nós mesmos basicamente da mesma maneira que formamos uma impressão acerca de outras pessoas. A partir da percepção de nós mesmos (nosso sexo, as características de nossa família, nossas preferências, nossos valores, os grupos aos quais nos associamos) e da percepção de como nos relacionamos e nos comparamos com os outros, que nosso autoconceito se forma.

O autoconhecimento, em realidade, transcende a identificação de nossas más inclinações, e se importa igualmente com a revelação de todos os traços de nossa personalidade, incluindo nossas boas qualidades, nossas habilidades úteis, além do reconhecimento de nossas potencialidades e limitações cognitivas, revelando a cada um até aonde pode ir, e como chegar lá. O autoconhecimento se identifica, enfim, com o desenvolvimento pleno de nossa humanidade e se relaciona com diferentes formas de conhecimento.

O autoconhecimento é uma ferramenta necessária e extraordinária no processo da transformação moral, no entanto, particularmente ao que se refere à identificação das más inclinações, se acompanha de dificuldades que, poucas vezes, são examinadas.

O processo em si mesmo, tal como proposto por Santo Agostinho, nas conhecidas questões 919 e 919-a de *O Livro dos Espíritos*, exige do sujeito envolvido um discernimento de razoável magnitude, que só será visto em personalidade dotada de certo desenvolvimento intelecto moral. Desenvolvimento intelectual será necessário para avaliar adequadamente cada ação pessoal, qualificando-a quanto à sua condição de benignidade ou não, de utilidade ou não, de superioridade ou não. Desenvolvimento moral igualmente será necessário, particularmente, boa dose de humildade, permitindo ao indivíduo reconhecer-se como um ser imperfeito. Grande parte dos aventos se considera apenas prevenido, e parte significativa das personalidades arrogantes dirá que não se trata de orgulho e sim de dignidade humana.

Necessário considerar também questões afeitas aos mecanismos psicológicos de defesa do ego. O processo de introspecção está sempre sujeito a interferências não conscientes. Segundo os psicólogos, a crítica mais frequente apresentada à introspecção como meio de autoconhecimento deriva da existência de um mecanismo psicológico denominado *repressão*. Tendemos a manter fora de nossa consciência, por meio desse mecanismo, tudo aquilo que nos provoca ansiedade e nos ameaça. Por isso, permanece o fato de não nos ser possível atingir certas características de nosso eu, seja porque existe uma motivação inconsciente de reprimir conteúdos psíquicos indesejáveis, seja porque a arquitetura da mente inclui partes que nos são inacessíveis a partir de esforço consciente.

Importante acrescentar que, segundo estudos da Psicologia social, agimos quase sempre tendendo proteger nossa autoestima. A autoestima é a autoavaliação que fazemos de nosso autoconceito. Quando essa avaliação é positiva, dizemos que a pessoa tem alta autoestima, e quando nossa avaliação de nós mesmos é negativa, dizemos que a autoestima é baixa. No processo de auto-observação de nosso comportamento muitas vezes contrapomos nosso comportamento atual ao de modelos ideais internalizados. Possuímos um *eu real* e um *eu ideal*. O primeiro consiste no conhecimento de como somos; o segundo refere-se ao que gostaríamos de ser. Quanto maior a discrepância entre o *eu real* e o *eu ideal*, menor a nossa autoestima.

Todos temos uma tendência de manter uma imagem positiva de nós mesmos. Nosso ego funciona como um ditador que censura tudo aquilo que nos é indesejável acerca de nós. Mantemos ilusões positivas a fim de nos sentirmos bem e continuarmos tendo uma autoimagem positiva. Ao analisarmos a realidade, ao invés de encontrarmos um cientista em genuína procura da verdade, nós nos deparamos com a constrangedora figura de um charlatão procurando fazer com que os dados apareçam da forma mais vantajosa possível para a confirmação de suas teorias. Assim agimos também quando processamos os dados relativos ao nosso autoconceito. A partir de negação da realidade e de ilusões positivas, fortalecemos uma visão favorável de nosso autoconceito e de nossa autoestima. Essa tendência é tão arraigada em nós que frequentemente nos recusamos a reconhecer nossos erros, recorrendo a racionalizações, negação e outros mecanismos de defesa a fim de justificar nossos erros e manter intacta nossa autoestima.^[iii]

Mas que outro processo pode nos oferecer elementos para a transformação pessoal? Especificamente ao que se relaciona à busca das virtudes morais, além do autoconhecimento, se impõe o *conhecimento do bem*, ou seja, o *reconhecimento de como as virtudes se manifestam*, e de como agem as pessoas virtuosas, e isso pode ser obtido com o estudo continuado da Doutrina espírita.

Lembra-nos Kardec que *à medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais*^[iv] e que o egoísmo se enfraquecerá, sobretudo, *com a compreensão que o Espiritismo nos faculta do nosso estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas*. Quando bem compreendido, acrescenta nosso codificador, quando se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais.^[v]

Referindo-se ainda à educação como chave fundamental no melhoramento moral, Kardec acrescenta que ela *o fará utilmente quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene*.^[vi]

O conhecimento do bem nos identificará com o repositório dos defeitos e virtudes humanos, onde se estabelecem os vícios e as más e boas inclinações, e nos apresentará as medidas que devem ser tomadas nas mudanças de hábitos, costumes e reações perante o outro. Sabemos, independentemente do conhecimento específico de nosso mundo íntimo, que somos ainda detentores de traços e comportamentos infelizes. No estágio evolutivo em que nos encontramos, possuímos, mais ou menos, os mesmos defeitos. Quem, em sua consciência, dirá a si mesmo ter vencido a soberba, a inveja, o ciúme, ou se reconhecerá infinitamente paciente e inclusivo?

O que fará de nós pessoas melhores é, sobretudo, o conhecimento aprofundado das virtudes e a sequência de ações que podem nos aproximar delas. Compreender *como* o bem se manifesta e, a partir daí, canalizarmos nossos pensamentos e ações em conformidade com o bem perfeitamente compreendido.

Assim, torna-se eficaz:

Reconhecer-se invejoso e entender como agem os não invejosos.

Saber-se ciumento e examinar como se comportam os não ciumentos.

Reconhecer o hábito da preguiça mental e ver-se diante das ações de um diligente.

Admitir-se autoritário e saber identificar como se manifesta o não autoritarismo.

Façamos uma analogia. Temos um balde cheio de água suja e desejamos trocá-lo por outro com água limpa, mas não podemos, simplesmente, jogar a água fora. O que fazer? Colocá-lo embaixo de uma torneira onde corre água limpa. Com o tempo a água suja transbordará do balde, sendo, paulatinamente, substituída pela limpa. Pouco vale indagar sobre o tipo de sujeira, quem sujou a água ou há quanto tempo encontra-se suja. Importa a ação que a torne limpa!

Emmanuel admite que a *sabedoria começa na aquisição do conhecimento*,^[vii] e que para desatar as algemas do mal que nós mesmos forjamos em detrimento de nossas almas nos compete *buscar o bem, senti-lo, mentalizá-lo e plasmá-lo com todos os potenciais de realização ao nosso alcance*.^[viii]

Conhecer e amar, instruir-se e servir, esclarecer-se e cultivar o espírito da boa vontade: esse o caminho!

^[i] *O Livro dos Espíritos*, item 919.

^[ii] *Psicologia social* (Aroldo Rodrigues, Eveline Assmar e Bernardo Jablonski, cap. 4.)

^[iii] *Psicologia social* (Aroldo Rodrigues, Eveline Assmar e Bernardo Jablonski cap. 4: Conhecendo-nos a nós mesmos.)

^[iv] *O Livro dos Espíritos*, item 914.

^[v] *O Livro dos Espíritos*, item 917.

^[vi] *O Livro dos Espíritos*, item 872.

^[vii] *Pensamento e vida*, Emmanuel, cap. 4.

^[viii] *Pensamento e vida*, Emmanuel, cap. 10.

Tolerância e seus diferentes conceitos

Virtudes e defeitos são pensamentos, sentimentos e atitudes humanas que interferem no bem-estar de outras pessoas. Qualificamos de *virtudes* as ações que interferem positivamente no bem-estar alheio, aliviando a dor, aumentando a alegria, contribuindo na solução de seus problemas. Os *defeitos*, (imperfeições morais, como preferem alguns), por sua vez, são as ações humanas que interferem negativamente no bem-estar de terceiros, aumentando sua dor, reduzindo sua alegria, desconsiderando seus direitos.

Para melhor estudá-las, necessitamos nomeá-las e caracterizá-las. Algumas virtudes e alguns defeitos são relacionados a conceitos diferentes o que dificulta, às vezes, a compreensão de cada um deles. *Tolerância* é uma dessas virtudes que vem sendo conceituada de formas diferentes. Vamos, neste texto, apresentar algumas dessas conceituações.

Do ponto de vista sociológico, e também, segundo a maior parte das definições encontradas nos dicionários a tolerância é entendida como a convivência sadia com o diferente. A palavra *tolerância* deriva do latim *tolerare ou tolerantia*, que quer dizer “aceitar” ou “suportar”. Assim, a tolerância tem a ver com aceitar naturalmente as diferenças, sejam elas físicas (cor de pele, nacionalidade, tipologia física), ideológicas (convicções políticas), comportamentais (gênero sexual, modo de vida) ou de qualquer outra natureza. Ser tolerante exige ter uma mente aberta, despida de preconceitos e julgamentos. A partir da tolerância, é garantida a aceitação de diferenças sociais e a liberdade de expressão.

A perspectiva filosófica de tolerância, segundo André Comte-Sponville, é mais restritiva, pois só se coloca nas questões de opinião e de crença. Tolerar é aceitar o que poderia ser condenado e deixar fazer o que poderia impedir ou combater. Portanto, é renunciar a uma parte de seu poder, de sua força, de sua cólera... Assim, toleramos os caprichos de uma criança ou as posições de um adversário. Podemos não aceitar que a Bíblia tenha sido ditada diretamente por Deus. Mas aceitamos que outros pensem e vivam segundo essa crença. Isso é tolerar. A virtude que se opõe ao fanatismo, ao sectarismo e ao autoritarismo.

Essa proposta conceitual de tolerância parece se identificar com o posicionamento de Kardec. Em diferentes textos da Revista espírita, Kardec reporta-se a tolerância como algo relativo às crenças e opiniões, chegando a escrever que o Espiritismo se gloria de uma tolerância absoluta.ⁱⁱ Em um trecho do livro *A gênese*, encontramos o verbete tolerância se referindo à *tolerância para com todas as crenças*.ⁱⁱⁱ

Um aspecto importante ressaltado por Sponville: a tolerância não é uma atitude passiva, de indiferença ou omissão, pelo contrário, quando toleramos algo somos responsáveis pelas possíveis consequências daquilo que toleramos. Daí se conclui que nem tudo é para ser tolerado. Não se pode tolerar o erro. O erro é para ser corrigido. Quando a verdade é conhecida com certeza, a tolerância não tem objeto. Tolerar o sofrimento dos outros quando pode ser evitado, as desigualdades sociais, ou tolerar a injustiça de que alguém é vítima é egoísmo, é indiferença. Tolerar Hitler era tornar-se seu cúmplice, pelo menos por omissão, por abandono e essa tolerância já era colaboração. Não podemos tolerar qualquer coisa que ofereça periculosidade efetiva a liberdade, a justiça e a solidariedade. Segundo essa visão, a tolerância é essencialmente limitada: uma tolerância infinita seria o fim da tolerância, pois os intolerantes poderiam agir livremente e destruir a própria tolerância.

E, finalmente, uma terceira definição de tolerância: aquela que a define como o ato de desculpar as imperfeições, faltas, erros, ou mesmo a ignorância e a desinformação. Essa é a maneira como Emmanuel entende a tolerância: *tolerar é, acima de tudo, completo esquecimento de todo o mal, com serviço incessante no bem, olvidar a sombra, buscando a luz*.^{iv} Aqui tolerância e perdão são conceitos equivalentes, e se identificam também com a proposta de indulgência como *o sentimento doce e fraternal que não vê os defeitos dos outros, ou, se o vê, evita falar deles, divulgá-los*.^v Tolerar, nessa abordagem, é cessar de odiar; a virtude que triunfa sobre o ressentimento, sobre o julgamento dos atos alheios, sobre a condenação explícita do mal-proceder, sobre o rancor e sobre o desejo de vingança. Perdoar é cessar de ter raiva de quem nos magoou, e conseqüentemente nos liberta de um vínculo negativo com a fonte que transgrediu contra nós.

O espírito Joanna de Ângelis parece seguir nessa mesma linha ao relacionar a tolerância com *a questão do julgamento das faltas alheias*^{vi}. Em outro texto, se refere à *tolerância para com aqueles que se encontram nos patamares inferiores do processo de crescimento moral* e comenta que *atolerância real é conquista valiosa, que se transforma em degrau de progresso, porque faculta novas expressões de solidariedade, destacando-se o perdão irrestrito a todo mal que se haja feito, com esquecimento real da ofensa*.^{vii}

Todavia, existe algo que está presente em todas as definições de tolerância: a compreensão e o entendimento fraterno. A tolerância é a virtude da compreensão: compreender o diferente, compreender o faltoso, compreender os que têm opiniões diferentes da nossa. Segundo Emmanuel, *pedir que os outros pensem com a nossa cabeça seria exigir que o mundo se adaptasse aos nossos caprichos, quando é nossa obrigação adaptar-nos, com dignidade, ao mundo, dentro da firme disposição de ajudá-lo*.^{viii}

Por tudo isso, tolerar não pode ser uma postura de superioridade, como uma dádiva que prestamos a outro por aceitá-lo ou suportá-lo numa convivência que nos é dolorida; deve ser, por outro lado, respeitá-lo.

Respeito vem do latim *respectus*, particípio passivo do verbo *respicio*, da composição *de re* ("novamente") + *specio* ("olhar"). Respeitar é ver de novo, ver com outros olhos, enxergar de forma diferente. Como compreensão e respeito, tolerar será, sobretudo, colocar-se no mesmo nível do outro, vê-lo como irmão, não como alguém que compete comigo, mas como alguém que divide comigo as responsabilidades coletivas.

Ao ampliarmos em nossa personalidade as diferentes conotações de tolerância estaremos, mais firmemente, enriquecidos de valores que nos permitirão uma vida mais justa, mais nobre e mais bela.

Pequeno tratado das grandes virtudes, cap. 13

2 RE, junho 1868

3 A gênese, cap. 18, item 23

4 Pensamento e vida, cap. 25

5 O evangelho segundo o espiritismo, cap.10, item 16

6 Jesus e atualidade, cap. 5

7 Vida: desafios e soluções, cap. 8

8 Pensamento e vida, cap. 25

Caracterizando a Humildade

De todas as virtudes, a humildade talvez seja a de mais difícil entendimento. Haja vista a expressão *pobre de espírito* que muitos, ainda hoje, não entendem e que se refere à própria humildade, segundo caracterizou Kardec.

Humildade não é:

Simploriedade: qualidade daquele que é muito crédulo, tolo, ingênuo.

Subserviência e submissão, que retrata muitas vezes a covardia, ou a bajulação interesseira.

Desleixo que é afalta de cuidado ou higiene.

Pobreza: muitos pobres são acentuadamente soberbos.

Mas do que se trata essa virtude?

Emmanuel vai defini-la como *o reconhecimento de nossa pequenez diante do universo*.¹ Trata-se, portanto, de uma atitude íntima onde o sujeito, vê-se pequeno diante de toda a realidade existente.

Joanna de Ângelis, por sua vez, acrescenta que esse sentimento se acompanha de uma certificação do que se é, do que se já alcançou, e, de forma alguma, de uma tendência (quase sempre hipócrita) de negar o próprio valor.

Segundo a benfeitora, *mente todo aquele que exhibe dotes que não possui, quanto o indivíduo que os esconde e nega*.²

Mas estas duas constatações íntimas se acompanham de um desejo sincero de ir além do que se é, de ultrapassar fronteiras, se colocando na condição de aprendiz.

Assim, três traços comportamentais estão presentes na Humildade:

- (1) identificação de nossas imperfeições,
- (2) reconhecimento de nosso valor e
- (3) atitude de quem crer aprender e evoluir.

Sem o reconhecimento de nossa pequenez, não nos colocamos na posição de aprendizes (nada há a ser aprendido). Sem a identificação do que já temos não temos como saber para aonde ir.

Imaginemos um cidadão que vai, pela primeira vez, à cidade do Rio de Janeiro, assistir a uma conferência no Hotel Copacabana Palace. Em certo momento, verifica-se completamente perdido, sem saber o que fazer. Encosta, então, seu carro, toma o celular e liga para um amigo que lá reside e indaga:

- *Como faço para chegar ao Hotel Copacabana?*

Obviamente, o amigo lhe fará a seguinte pergunta:

- *Onde você está?*

Se ele não souber dizer onde está, será impossível saber aonde ir.

Isso é evidente na personalidade de Jesus. Recusou o adjetivo de bom, mesmo sendo o Governador espiritual da Terra, mas aceitou o qualificativo de mestre. Não se considerava bom, porque diante de Deus, reconhecia sua pequenez, mas admitiu ser mestre, ou seja, o que ensina.

Isso também é evidente em Pitágoras. Um de seus contemporâneos, encantado com suas virtudes, lhe disse:

- *Você é um sábio!*

Ele retruca:

- *Não, não sou; conheci muitos sábios, mas eu não sou. O que eu sou é um filósofo (amante da sabedoria).*

Identificamos nessa personalidade os três traços da humildade.

- 1- Outros estão muito à sua frente. Estes são os verdadeiros sábios: reconhecimento da pequenez.
- 2- Ele possui a virtude do amor ao saber, já é uma conquista sua: identificação o próprio valor.
- 3- Como amante do saber, ele se coloca na condição de aprendiz.

Tão extraordinário é esse sentimento, que Kardec reproduz, no Evangelho segundo o Espiritismo, o seguinte pensamento:

*Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita virtude, com orgulho.*³

Pensamento e vida

2 Vida feliz

3 E.S.E. cap. XVII

Verdade e mentira

Considerando a hipocrisia como a imperfeição moral que faz com que o indivíduo aparente ser o que não é de verdade, a virtude que se opõe a ela é a sinceridade. A sinceridade é a virtude que rege nossas relações com a verdade, ou o respeito à verdade com a exclusão da mentira. A pessoa sincera identifica seus atos e palavras com sua vida interior e não mente a outrem; preocupa-se mais com a verdade do que com a opinião pública, fala e age abertamente. Ela nos mostra tais como somos sem disfarce. Trata-se, enfim, de amar a verdade mais que a si mesmo.

Uma discussão filosófico-moral em torno da sinceridade, e que, ocasionalmente, travamos em nossos estudos espíritas é a de que até aonde vamos levar a verdade.

A verdade sempre e acima de tudo, dizem alguns. A verdade será sempre a meta e o ideal, mas a inverdade pode ser o mal menor, garantem outros.

Quem mais aguerridamente defendeu a ideia da verdade em qualquer circunstância, independente de suas possíveis consequências foi o filósofo alemão do século XVIII, Immanuel Kant. Segundo ele, a mentira não apenas nunca é uma virtude, como é sempre uma falta, sempre um crime, sempre uma indignidade. Como a verdade é um dever absoluto, ela vale em todas as circunstâncias, não tolera a menor exceção. A intenção aqui não entra em jogo. Não há mentira piedosa, nem generosa; toda mentira é condenável.

Autores cristãos, como Santo Agostinho e os estoicos pensavam de forma equivalente.

Santo Agostinho, no *Da mentira*, diz que nunca é permitido mentir. Sêneca em seu tratado *De ira*, condena a mentira em todos os tempos e de todas as maneiras. Marco Aurélio, em suas *Meditações* diz:

Verdade não é senão um outro nome da Natureza, a criadora original de todas as coisas verdadeiras. Assim, uma mentira propositada é pecado porque a fraude é um ato de injustiça, uma mentira involuntária é também pecado porque é uma nota dissonante na harmonia da Natureza e cria a desordem sediciosa num universo organizado.¹

Kant encontrou discordâncias em sua própria época, antes dele e depois dele. Aristóteles, na antiguidade grega, Baruch Espinoza (século XVII), Benjamin Constant (século XVIII) e no século XX, Vladimir Jankélévitch, professor da Sorbonne, morto em 1985, não proibiam em absoluto a mentira.

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, admite casos em que seria permitido mentir, quando a mentira não seria contrária à caridade e ao amor a outrem.

André Comte-Sponville, reproduzindo a forma de pensar dos autores citados, comenta que se for necessário mentir para resistir à barbárie, para salvar a quem se ama, ou a um inocente não há a menor dúvida de que se deva mentir, quando não há outro meio, ou quando todos os outros meios seriam piores. Às vezes, é preciso se contentar com o mal menor, e a mentira pode sê-lo.²

Se assassinos lhe perguntassem se seu amigo, ou um inocente que eles perseguem, está refugiado em sua casa, a verdade seria a opção adequada? Ou se um moribundo que nunca soube lidar com situações difíceis desejasse saber seu real estado de saúde, dizer-lhe que a morte se aproxima seria o mais desejado?

Prossegue Sponville: é dar muita importância a si mesmo, tão preocupado com sua integridade, com sua dignidade, que, para se preservar, está disposto a entregar um inocente a um assassino, ou um doente terminal ao desespero.

Na literatura espírita temos a considerar o pensamento de Emmanuel, exposto no livro *O consolador*. O benfeitor define a mentira *como a ação capciosa que visa o proveito imediato de si mesmo, em detrimento dos interesses alheios em sua feição legítima e sagrada*.³

Na proposta conceitual de Emmanuel, a mentira se identifica com a ação interesseira, maldosa, de quem falseia uma dada situação com objetivos escusos. A mentira seria a deturpação da verdade para conseguir-se algo, prejudicando alguém. Se negocio um veículo várias vezes abalroado, afirmando ao

comprador que se trata de um carro que nunca se acidentou, isso é mentir, segundo a definição de Emmanuel.

Assegura ainda Emmanuel que *deixar a verdade para mais tarde, ou matizá-la, não é mentir: a mentira não é ato de guardar a verdade para o momento oportuno [...] é imprescindível o melhor critério amoroso na distribuição dos bens da verdade, porquanto esses bens devem ser fornecidos de acordo com a capacidade de compreensão do Espírito a que se destina o ensinamento, de maneira que o esforço não se faça acompanhar de resultados contraproducentes.*⁴

A posição de Emmanuel ante a inverdade caridosa se explicita no livro Renúncia, quando Alcíone, o personagem principal da obra, Espírito de alta condição evolutiva engana a mãezinha para evitar que ela sofra. Coloca o autor: [...] *amparada por uma força invisível que jamais conseguiria definir, abraçando a mãezinha doente, sentiu que era indispensável mentir para confortar; esconder a verdade dura, de modo a não abrir chagas mais cruéis. Sentindo-se forte e bem disposta ao influxo das forças desconhecidas que a amparavam, beijou a enferma com muito carinho, enquanto esta a interrogava com um sorriso de confiança [...]*

Joanna de Ângelis, por sua vez, coloca que *a verdade reflete luz mirífica, aclaradora de incógnitas, que jamais fere ou aflige. É como pão, que deve ser ingerido sem exagero, ou como linfa, que merece ser sorvida na quantidade exata. À medida que nutre e dessedenta, acalma e felicita, enriquecendo de compreensão e afabilidade aquele que a penetra. Jamais a apliques com dureza, qual se fosse uma arma para destruir os outros, pois que, assim tornada, perde a finalidade precípua que é a de libertar.*⁵

E ainda, Joanna: *sê amigo da verdade, sem a transformares numa arma de destruição ou de ofensa [...] Ademais, a tua pode não ser a verdade real, senão, um reflexo dela. E mesmo que o fosse, não estás autorizado a esgrimi-la com finalidades perturbadoras.*⁶

Concluindo, talvez possamos relacionar o mal menor de certas inverdades com a violência em situações em que a não-violência não é eficaz. A não-violência, levada ao extremo, em determinadas situações, poderia deixar o campo livre para o delinquente, além do que deixaria pessoas inocentes nas mãos dos criminosos.⁷

Quem não lutaria para salvar uma criança nas mãos de um malfeitor? Como agir, por exemplo, se uma mulher é atacada por um estuprador? Se não for possível evitar o mal de outra forma, a violência se impõe.

E talvez possamos, também, relacionar uma possível inverdade com a necessidade de tornar pública a imperfeição e os erros alheios. Kardec admite que existem situações em que tal atitude possa se justificar, quando tem por objetivo reprimir o mal ou evitar um mal maior.⁸

Mentir, valer-se de violência ou tornar pública a imperfeição alheia são atitudes que nunca serão as ideais, que nunca devem ser comemoradas, mas em um mundo em que predominam o mal e a ignorância, algumas vezes, são as únicas opções que nos restam. Kardec admite que, embora o mal nunca deixe de ser um mal, às vezes torna-se necessário.⁹

Meditações, livro 9, item 1

2 Pequeno tratado das grandes virtudes

3 O consolador, item 192

4 O consolador, item 193

5 Vida feliz, cap. 139

6 Vida feliz, cap.143

- 7 O evangelho segundo o Espiritismo, cap. 12, item 8
- 8 O evangelho segundo o Espiritismo, cap. 10, item 21
- 9 O livro dos espíritos, item 638

-
- i Pequeno tratado das grandes virtudes, cap. 13
 - ii RE, junho 1868
 - iii A gênese, cap. 18, item 23
 - iv Pensamento e vida, cap. 25
 - v O evangelho segundo o espiritismo, cap.10, item 16
 - vi Jesus e atualidade, cap. 5
 - vii Vida: desafios e soluções, cap. 8
 - viii Pensamento e vida, cap. 25